

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO

EM BUSCA DA “SANTA LUZ”: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA
DO ÊXTASE MÍSTICO-RELIGIOSO NA COMUNIDADE DO
SANTO DAIME

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Ciência da Religião por Tamara Christine Carneiro Silveira. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Aires Camurça.

JUIZ DE FORA

2007

Dissertação defendida e aprovada em 27 de agosto de 2007, pela banca constituída por:

Presidente: Prof. Dr. Faustino Luiz Couto Teixeira

Titular: Prof^a. Dr^a. Sandra Lúcia Goulart

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Aires Camurça

Agradeço a todos os Professores do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião que contribuíram para a construção do nosso conhecimento durante o curso. Em especial, gostaria de agradecer à Prof^a. Dr^a. Vitória Peres de Oliveira (*in memorian*) por me guiar nos caminhos do saber e pela amizade.

Agradeço ao meu Professor Orientador Dr. Marcelo Aires Camurça por acreditar na minha proposta e guiar-me com sabedoria, além do meu sincero agradecimento aos Professores Dr. Faustino Teixeira e Dr^a. Sandra Lúcia Goulart por aceitarem o convite para participar da avaliação deste trabalho.

Agradeço à minha avó Maria Alves Carneiro (*in memorian*) por me ensinar que tudo na vida deve ser feito com o coração, à minha mãe Sônia Portes pelo apoio e dedicação nas horas difíceis. Ao pai Nildes Portes que com amor me criou. Aos meus tios, em especial a Marcos Carneiro pelo incentivo e afeto. À minha querida Tia Kátia pelo apoio e por me ensinar a lutar pelos meus objetivos. Ao meu namorado Evandro pelo amor que sempre demonstrou e que me fez seguir em frente.

Agradeço aos amigos de curso que enriqueceram a minha trajetória com suas experiências, seus conhecimentos, suas risadas e desabafos em horas de angústia e, especialmente, com o seu carinho.

Agradeço a todas as pessoas especiais que conheci durante a minha jornada no Santo Daime pela acolhida sincera e por me proporcionarem o espaço necessário para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço também a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela disponibilização do recurso financeiro sem o qual não poderíamos ter realizado este estudo. A este órgão de fomento o meu mais leal agradecimento.

Dedico este trabalho à Prof^a. Dr^a. Vitória Peres de Oliveira
(*in memoriam*).

“Pode-se dizer que o êxtase é o milagre da mente e que milagre é o êxtase da Realidade”.

Paul Tillich

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO 1 – Um Passeio pela doutrina do Santo Daime	08
1.1 – A formação do Céu das Estrelas	14
1.2 – A comunidade vista por dentro	17
1.3 – Entendendo o ritual	20
1.4 – O Trabalho de Concentração e suas significações no contexto ritual damista	23
1.5 – Um relato pessoal	41
CAPÍTULO 2 – Um estudo sobre a experiência místico-religiosa na comunidade daimista... ..	45
2.1 – Algumas considerações iniciais	45
2.2 – A experiência mística dentro do universo daimista	51
2.3 – O que são as mirações e o sentido atribuído pelos ayahuasqueiros a elas	70
2.4 – Alterações comportamentais na vida cotidiana dos daimistas provenientes das suas vivências místicas	76
CAPÍTULO 3 – O papel da ayahuasca e de outros elementos ritualísticos como possíveis desencadeadores do êxtase.....	88
3.1 – O que é o êxtase místico-religioso para os adeptos do Santo Daime	105
CONCLUSÃO	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
ANEXOS	120
Anexo 1 – Calendário Ritual	120
Anexo 2 – Questionário	121

RESUMO

Esta dissertação visa estudar o significado das manifestações do êxtase místico-religioso na comunidade do Santo Daime através da análise dos relatos colhidos a partir do estabelecimento de um contato com os adeptos do núcleo daimista juizforano, localizado no bairro Floresta. Ademais, procuramos constatar que influências a utilização da ayahuasca e de outros elementos ritualísticos exercem durante as cerimônias religiosas como propiciadores do êxtase, ou seja, até que ponto esses elementos são potencializadores desta experiência extática. Buscamos compreender também os sentidos outorgados pelos ayahuasqueiros às suas experiências por meio da dissecação de suas produções discursivas sobre as mirações, com o intuito de em'tender o uso da ayahuasca como uma geradora do êxtase, além de focar o que os praticantes captam como alterações comportamentais provenientes delas. Por conseguinte, fez-se necessário adotar neste trabalho uma análise interdisciplinar do fenômeno, lançando mão do uso da fenomenologia por ser uma abordagem mais compreensiva e ter como cerne de seus estudos o enfoque da experiência religiosa, assim como o emprego da metodologia de pesquisa e de conceitos relativos ao tema propostos pela antropologia e pela sociologia, além de conceitos teológicos pertinentes ao presente estudo.

ABSTRACT

This dissertation aims at studying the meaning of the mystical-religious ecstasy manifestations in the community of Saint Daimé through the analysis of the accounts collected from contacts to the juizforano daimist center located on Floresta district, in the city of Juiz de Fora. Moreover, we tried to observe the influences ayahuasca and other ritualistic elements have as ecstasy providers during religious ceremonies; that is to say, to what extension these elements potentiate that ecstatic experience. We also tried to understand the senses ayahuasqueiros give to their experiences by means of dissection of their speech production about the *mirações*, with the intention of understanding ayahuasca use as ecstasy generator, and focus on what practitioners catch as behavioral alterations from these experiences. Consequently, this study used an interdisciplinary analysis of the phenomenon, and made use of the phenomenology because it is a more comprehensive approach whose studies core is the religious experience focus, as well the use of research methodology and relative concepts proposed by anthropology and sociology, besides theological concepts related to this study.

Introdução

Todo pesquisador deve ter como objetivo procurar e encontrar as lacunas presentes na sua pesquisa com relação ao tema escolhido, ou seja, analisar os aspectos que faltam ser problematizados e iluminados e, a partir daí, tentar elucidá-los. Ademais, acreditando que cultivar a curiosidade e o interesse são os fundamentos para nosso aprendizado e são a base para se realizar qualquer pesquisa, podemos dar asas à imaginação, não perdendo, com isso, a objetividade.

Sendo assim, o que me serviu de estímulo para seguir em frente com esta pesquisa, além de ter em mente que o *tema do êxtase místico-religioso* nas religiões ayahuasqueiras¹ fosse crucial para entendê-las, foi constatar o fato de que há uma escassez de estudos com relação ao referido assunto dentro de uma literatura sobre o fenômeno da ayahuasca que já conta com um número considerável de obras, textos e pesquisas diversificadas.

Como base para a afirmação anterior, sirvo-me da antropóloga Beatriz Caiuby Labate², que ao realizar um extenso levantamento do estado da arte da pesquisa e da literatura a respeito das religiões ayahuasqueiras brasileiras, dando ênfase ao tema da ingestão da ayahuasca em cerimônias religiosas, coloca que, de um modo geral, os trabalhos antropológicos revelam que os usos da ayahuasca têm sido tratados sob o ângulo das crenças e sistemas simbólicos, onde temas como o sincretismo, o xamanismo e a cura são abordados; o que acaba por deixar de lado outros aspectos relevantes sobre o assunto como, por exemplo, a questão da “experiência religiosa”. Além disso, em suas considerações finais³, aponta para as significativas ausências de estudos sobre o tema no campo da história e em áreas como a psicologia e a psiquiatria, como também a sociologia. Dentro deste quadro que se apresenta, podemos perceber que há uma falta de estudos sobre a experiência religiosa ayahuasqueira tendo por base uma abordagem fenomenológica.

Segundo Labate⁴, os estudos pioneiros sobre as religiões ayahuasqueiras geralmente dedicaram seu interesse à origem histórica do Santo Daime como, por exemplo, a tese de Clodomir Monteiro (1983) e o livro de Vera Fróes (1983). A autora também coloca que há

¹ Esta categoria é utilizada por Beatriz Caiuby Labate para denominar o conjunto das religiões que fazem uso da ayahuasca em seus rituais.

² LABATE, B. C. *A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras*, p. 230.

³ *Ibid.*, p. 264-267.

⁴ *Ibid.*, p. 233-4.

poucos estudos que abordam o uso da ayahuasca por seringueiros, tendo como referência sobre o tema o trabalho de Araújo (1998).

Outro assunto priorizado por estudiosos seria a formação do culto do Santo Daime como é o caso da tese de Sandra Goulart (1996), e trabalhos que dão uma maior ênfase ao xamanismo indígena como Arneide Cemin (1998)⁵.

Quanto à área da antropologia, Labate⁶ diz que o que primeiramente mobilizou o debate antropológico sobre as religiões ayahuasqueiras foi o interesse por suas cosmologias. Com relação a este tema, tem-se a tese de Alberto Groisman (1991), a tese de Sandra Goulart (1996) e os estudos de Couto (1989) e Dias (1990). Conforme aponta a autora, há teóricos como MacRae (1992), Guimarães (1992), Soibelman (1995) e o próprio Dias (1992) que analisam os sistemas simbólicos das religiões ayahuasqueiras em torno da noção de sincretismo, referindo-se à doutrina daimista como sendo sincrética.

Uma outra discussão acerca das crenças e dos sistemas simbólicos com seus respectivos mecanismos de funcionamento leva, segundo Labate⁷, a uma indagação: se as religiões ayahuasqueiras brasileiras são ou não sistemas xamânicos. No que diz respeito a este assunto tem-se os trabalhos de Clodomir Monteiro (1983), Couto (1989), Soibelman (1995) e Cemin (1998) onde estes argumentam que o Santo Daime é um sistema xamânico, ou seja, é uma religião inserida no contexto de práticas xamânicas. Por outro lado, Groisman (1991) propõe uma outra tese, na qual o Santo Daime seria entendido como uma *práxis* xamânica (conceito criado por ele) e não como um sistema xamânico por excelência.

Como indica Labate⁸, há também autores que se preocuparam em estudar as concepções daimistas de cura, doença e salvação como, por exemplo, MacRae (1992), Groisman (1991) e Goulart (1996). Já Maria Cristina Peláez (1994) e Marcelo Mercante (2000) focalizaram seus estudos na dimensão terapêutica dos cultos ayahuasqueiros e sua relação com os estados alterados de consciência.

Labate⁹ também assinala que tem sido realizada uma análise a respeito das relações do Santo Daime com as tradições espíritas e umbandistas por MacRae (2000). Além disso, há estudos cuja atenção dirigiu-se para a questão da expansão da doutrina do Santo Daime para os grandes centros urbanos e a adesão das camadas médias urbanas à religião daimista como é o caso de Luis Eduardo Soares (1994), a tese de Walter Dias Jr (1992) e o trabalho de Maria

⁵ Ibid., p. 234.

⁶ Ibid., p. 234-5.

⁷ Ibid., p. 238-9.

⁸ Ibid., p. 241.

⁹ Ibid., p. 246, 251.

Beatriz Guimarães (1992), entre outros. Groisman (2000), entretanto, deu enfoque à expansão do Santo Daime para o exterior.

Com base no que foi exposto acima, percebe-se, pois, que o fenômeno do Santo Daime visto sob a chave da “experiência religiosa” e do “êxtase místico” é praticamente quase não explorado, e esta verificação torna-se o diferencial de nossa pesquisa. Nos estudos sobre o fenômeno religioso, Antônio Gouvêa Mendonça já apontou a carência de interpretações sobre a experiência religiosa como um fenômeno “em si”, não redutível a outras dimensões da realidade: “É preciso reconhecer que faltou uma abordagem daquelas experiências religiosas íntimas em que elementos materiais não estão presentes. São as experiências místicas que em dados momentos as pessoas têm da presença do sagrado na consciência, com características nítidas de alteridade”¹⁰.

Pelo caráter peculiar do nosso tema, resolvemos, então, adotar neste trabalho uma análise interdisciplinar do mesmo, lançando mão do uso da metodologia de pesquisa e de conceitos relativos ao tema propostos pela Antropologia e pela Sociologia, assim como de conceitos teológicos pertinentes ao presente estudo. Utilizamos centralmente a Fenomenologia por ser uma abordagem mais compreensiva e ter como cerne de seus estudos o enfoque da experiência religiosa, pois a mesma tem como pressuposto fundamental querer manter a religião no plano de uma experiência vivida, isto é, não a reduzindo a um simples objeto de estudo, e sim, favorecendo a experiência religiosa que cada religião é capaz de transmitir. Isso, por ser vivida e ser parte essencial do modo de sentir e de entender do homem que crê.

A fenomenologia também foi adotada pelo fato de poucos estudos tratarem da experiência religiosa e empregarem este recorte fenomenológico que pretendemos usar. Porém já há trabalhos que se utilizam deste recorte específico como é o caso de Marco Tromboni – doutorando em antropologia social no Museu Nacional (2001) – que está desenvolvendo uma pesquisa sobre religiões ayahuasqueiras nesse sentido, a qual denominou de “fenomenologia da experiência ayahuasqueira”. Do mesmo modo, Sérgio Brissac¹¹, em seus estudos sobre a vivência mística dos discípulos urbanos da UDV – União do Vegetal, faz um esforço interpretativo para captar o sentido da experiência religiosa do ayahuasqueiro desta religião.

Buscamos, assim, observar palavras recorrentes no discurso dos participantes do Santo Daime para, com isso, instituir categorias nativas as quais são confrontadas com as trajetórias e

¹⁰ MENDONÇA, A. G. *Fenomenologia da experiência religiosa*, p. 88.

¹¹ BRISSAC, S. *Alcançar o alto das cordilheiras: a vivência mística de discípulos urbanos da União do Vegetal*. Este texto foi apresentado no 5º Seminário Temático denominado “Mística, Transe e Possessão: olhares sociológicos”, e teve como coordenador José Jorge de Carvalho (UNB). O seminário teve como objetivo explorar as várias vertentes das experiências místicas praticadas no Brasil e na América Latina.

práticas desses indivíduos, além de manter uma interlocução com os autores de estudos acadêmicos que mostraram ter uma postura mais compreensiva em relação ao tema estudado. Além disso, utilizamos os relatos colhidos dos adeptos da doutrina¹² daimista com a intenção de compreender o significado dado por esses ayahuasqueiros às suas experiências religiosas.

Desde tempos imemoriais, o ser humano em contexto religioso tem explorado de diversas maneiras a possibilidade de produzir alterações de consciência através de mecanismos endógenos tais com orações, mantras, meditações, jejuns, vigílias, exercícios corporais, respiração, entre outros. Estas práticas ascéticas almejam uma comunicação com a realidade espiritual – uma outra realidade –, bem como perceber de modo diferente a realidade material.

Observa-se, hoje, uma busca frenética tanto individual quanto coletiva pelas sociedades modernas ocidentais de novos horizontes psíquicos, que abarquem as questões existenciais, incluindo sua dimensão de sacralidade. Vários indivíduos, diante da escassez de respostas dos modeladores do pensamento moderno – os intelectuais, religiosos e cientistas –, se sentem atraídos pelas propostas do conhecimento ancestral e tratam de apropriar-se de sua riqueza.

Diante disso, as relações íntimas entre religião e estados de alteração da consciência a partir da ingestão de substâncias psicoativas, chamadas desta forma por ocasionarem estados de consciência que transcendem os estados convencionais, tornando diferente o modo como a realidade é captada, vêm causando polêmica e debate, dada a multiplicidade de fatores constituintes do fenômeno.

A questão, que não é simples, constitui-se no fato de que certos grupos religiosos, em seus rituais, vêm, cada vez mais, utilizando substâncias modificadoras de estados de consciência visando, desse modo, uma experiência religiosa. A utilização de psicoativos por grupos indígenas e mestiços na bacia amazônica, por exemplo, é muito difundida, além de seu uso em países como a Colômbia, Equador, Peru e Bolívia.

As religiões ayahuasqueiras se tornam interessantes, nesse sentido, por utilizarem tais substâncias em seus rituais, tendo sido escolhida dentre elas, a título de estudo deste trabalho, a doutrina do Santo Daime.

Segundo José Jorge de Carvalho, para termos uma compreensão da religiosidade contemporânea, é preciso entender a própria variedade de formas que ela assumiu ao longo dos anos.

O autor afirma que vivemos um momento intelectual onde há uma desnaturalização das categorias tradicionais, uma descentralização, além de uma atenção especial para com as

¹² Doutrina é como freqüentemente os daimistas se referem ao corpo institucional de que fazem parte.

fronteiras das instituições culturais e não mais o seu centro, o que leva a uma intensificação da sensação de pluralidade¹³.

O sujeito agora, diante dessa nova leitura plural, se observa e se vê como auto-reflexivo. Um sujeito que é complexo e, às vezes, problemático diante do desafio da pluralidade interna com a qual convive. E isso, conforme José Jorge de Carvalho, abre espaço para a questão da diferença, demandando, por parte do sujeito que interage com esse mundo complexo, uma flexibilidade de visão.

No Brasil, essa diversidade religiosa com a qual o indivíduo vem se deparando ao longo do tempo, começou, de acordo com o autor, com a formação da primeira matriz religiosa brasileira na época da Colônia, por meio do encontro da religião dominante – o catolicismo – com as religiões indígenas e africanas (mais tarde tornadas afro-brasileiras).

Já na segunda metade do século XIX, essa matriz religiosa brasileira se enriquece com a entrada do kardecismo. Esta angaria uma intensa aceitação nacional, tornando-se uma tradição muito viva em nossa sociedade e também constitutiva do *ethos* religioso nacional a partir da crença em seres espirituais regendo a vida cotidiana.

Ao final desse mesmo século, aparecem as tradições esotéricas no Brasil, ampliando a nossa cultura religiosa, ao mesmo tempo em que ajudam a difundir, em nosso meio, o mundo das religiões orientais.

Por volta de 1930, surge a umbanda no Rio de Janeiro, que “acrescentou um grau de complexidade, de dialogia e de auto-reflexibilidade muito maior ao *ethos* religioso brasileiro”¹⁴. José Jorge de Carvalho acrescenta que esse movimento umbandista já era informado pela leitura kardecista, assim como pela tradição esotérica, atestando, desse modo, uma clara consciência na forma de incorporar conceitos espíritas, cristãos, orientais e africanos.

É justamente em meio a essa efervescência de movimentos religiosos e a essa variedade no seio das formas de religiosidade brasileira que surge a doutrina do Santo Daime na década de 1930. Nesta época, ainda muito reclusa entre os seringueiros, ganha visibilidade no final dos anos 60 devido ao encontro com a contra-cultura hippie que passou a integrar o segmento do CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra) na linha do Santo Daime¹⁵.

¹³ Cf. DE CARVALHO, J. J. *O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade*.

¹⁴ *Ibid.*, p. 75.

¹⁵ Cf. GOULART, S. L. *Contrastes e continuidades em uma tradição religiosa amazônica: os casos do Santo Daime, da Barquinha e UDV*.

Nesse momento, a ayahuasca, utilizada por esta doutrina em seus rituais, deixa de ser uma bebida exótica consumida apenas na “distante” e também “exótica” Amazônia, e passa a se inserir, cada vez mais, no seio de nossa sociedade.

Diante desse novo quadro que se desenha e se afirma dentro do campo religioso brasileiro na atualidade, este trabalho não poderia florescer sem a colaboração das pessoas que se dispuseram a nos contar um pouco de sua história dentro do Santo Daime, seja por meio de entrevistas gravadas ou a partir de conversas informais.

Esta pesquisa valeu-se do que se chama em antropologia de observação participante. Minhas participações nas sessões rituais eram registradas em diário de campo geralmente no dia seguinte à ida no trabalho, pois não o podia levar comigo às cerimônias. Com isso, a memória foi uma grande aliada, além das impressões e vivências subjetivas que tive com a bebida. Eu era uma observadora e, simultaneamente, uma informante para mim mesma tentando reproduzir as condições e percepções dos sentimentos manifestados em cada experiência. Afinal de contas, isso não é estranho ao universo dos antropólogos¹⁶.

Sobre este recurso metodológico utilizado na concretização deste estudo sirvo-me de Otávio Velho, o qual propõe ao pesquisador acreditar que o que o outro nos diz e sente é válido enquanto proposta de interpretação não apenas para sua realidade, mas também para a nossa própria análise dela. Em suas palavras: “ao invés de manter-se como simples observador é preciso correr o risco de perder as amarras intelectuais para recuperá-las num outro nível”¹⁷.

Cabe dizer que há dificuldades a serem enfrentadas neste tipo de observação, mas há também suas vantagens. É necessário, sim, distinguir observador e observado, porém, suprimir a subjetividade do pesquisador na prática antropológica, ao meu ver, compreende-se acreditar numa pretensa neutralidade de abordagem. Isso são nuances que parecem próprias do fazer antropológico.

Por fim, os aprofundamentos teóricos sobre o presente tema poderão servir para os estudos das manifestações do campo religioso brasileiro, como também promover entendimentos no que diz respeito à singular experiência da religiosidade daimista, através do enfoque do êxtase místico-religioso.

No decorrer deste trabalho, a título de esclarecimento, foram utilizados pseudônimos no intuito de zelar pela liberdade de respostas dos daimistas que se dispuseram a responder o questionário. As mulheres, por exemplo, receberam nomes de flores, e os homens de árvores. Os

¹⁶ Luiz Eduardo Soares em seu artigo intitulado “Misticismo e reflexão” convida os leitores a imergirem em seu relato sobre uma experiência que teve com a ayahuasca.

¹⁷ VELHO, O. *O que a religião pode fazer pelas ciências sociais?*, p. 13.

pseudônimos adotados são uma homenagem à valorização da natureza expressa nessa Doutrina da Floresta¹⁸, além de marcar o princípio masculino / feminino que é algo relevante dentro do universo do Santo Daime.

¹⁸ Curiosamente, “Floresta” é também o nome do bairro, em Juiz de Fora, onde se situa o grupo daimista aqui estudado.

Capítulo 1 – Um passeio pela doutrina do Santo Daime

O Santo Daime surgiu em contexto nacional e não-institucional na década de 30 do século passado, no interior do estado do Acre, no Brasil¹⁹. Nesta época, que tem como pano de fundo o interstício entre o primeiro ciclo da borracha – no início do século – e o segundo ciclo da borracha, nas décadas de 30 e 40, o movimento de imigrantes nordestinos era intenso, em consequência do forte refluxo que a exploração da borracha na Amazônia sofria, o que envolvia não apenas o território nacional, mas também as áreas fronteiriças com o Peru e a Bolívia. A concentração da população migrante crescia nos núcleos urbanos e o acirramento dos conflitos entre seringalistas e seringueiros era significativo.

Entretanto, os centros urbanos da região não conseguiram dar conta das necessidades geradas com o aumento da população, devido à queda da exportação da borracha que provocava “o fim dos lucros resultantes dos impostos sobre a atividade seringueira”²⁰. Essa situação se estendeu também até a cidade de Rio Branco, para onde muitos daqueles que vieram a se tornar os primeiros daimistas migraram, abandonando a atividade seringueira.

Isso demonstra que o primeiro grupo que formou o culto do Santo Daime era composto, praticamente, de ex-seringueiros, os quais haviam deixado as áreas extrativistas por causa do declínio da exploração da borracha, e passado a viver na periferia rural da cidade de Rio Branco, formando colônias agrícolas²¹. Portanto, isso indica que os primeiros adeptos dessa doutrina viviam um período de extremas dificuldades, ou seja, sofriam as consequências da falta de infraestrutura da capital acreana, tendo que se adaptarem a um novo contexto socioeconômico.

Devido a isso, de acordo com Groisman, “a realidade amazônica da época e posterior suscitou fenômenos significativos de emergência de formas culturais peculiares, mais precisamente aquelas ligadas à religiosidade regional”²².

Na visão de Sandra Goulart, podemos assistir, em todo o processo de formação deste grupo religioso, a presença de inúmeros elementos que remetem às transformações sociais e

¹⁹ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 13.

²⁰ GOULART, S. L. *O contexto de surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual*, p. 282.

²¹ O fundador da doutrina daimista – Raimundo Irineu Serra – foi também seringueiro por vários anos, fato este extremamente valorizado por seus seguidores.

²² GROISMAN, A. Op. cit., p. 14.

culturais do meio rústico²³ brasileiro. E é nesse contexto de mudanças, liderados por Raimundo Irineu Serra, que os primeiros membros do que veio a ser a doutrina do Santo Daime, no movimento de organização do seu culto, irão resgatar antigas práticas rústicas próprias de uma situação anterior, que funcionavam como relevantes mecanismos de coesão grupal e estabeleciam profundos vínculos entre os habitantes. Segundo a autora, trata-se do mutirão, do compadrio e das festas aos santos cristãos²⁴, que serão tratados mais à frente.

Fundador do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Alto Santo (CICLU), Raimundo Irineu Serra – tratado posteriormente como Mestre Irineu – foi o responsável pela criação da doutrina e designação Santo Daime, a qual pode referir-se tanto ao chá quanto aos cultos vinculados ao CICLU e ao CEFLURIS (Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra)²⁵. Este último foi fundado e liderado pelo Padrinho Sebastião Mota de Melo, e posteriormente pelo seu filho Alfredo Mota de Melo após sua “passagem para a vida espiritual”²⁶. As formas mais usadas para aludir-se ao chá são Santo Daime, Vegetal ou Ayahuasca. Como se verá mais à frente, esta é considerada pelos grupos religiosos que seguem a doutrina daimista um sacramento.

Irineu – descendente de escravos – era maranhense de São Vicente de Ferrér, onde nasceu no dia 15 de dezembro de 1890. Com vinte anos, chegou ao Acre em 1912, integrando o movimento migratório de nordestinos que buscavam ganhar a vida na extração do látex. Ao trabalhar na floresta amazônica, Irineu fez contato com grupos indígenas brasileiros e peruanos, conhecendo a ayahuasca num seringal próximo ao Peru, através de Antônio da Costa, também negro e seu conterrâneo, que lhe falou sobre uns caboclos que bebiam o chá²⁷. Não só entre índios, mas também entre a população mestiça ou cabocla, já há muito tempo utilizava-se cerimonialmente o chá, atribuindo-lhe importância na identificação, prevenção ou tratamento de doenças, nos rituais mágico-religiosos ou como facilitador dos contatos sociais.

A iniciação de Irineu nos mistérios do chá da ayahuasca deu-se sob a “orientação” de Nossa Senhora da Conceição, que apareceu para o mesmo através de uma visão e de quem ele recebeu os fundamentos da doutrina. Conforme relatos de alguns daimistas, esse árduo processo de aprendizado durou cerca de cinco anos – de 1935 a 1940. Árduo no sentido de que Irineu passou por muitas provações dentro da mata para ser merecedor dos ensinamentos e valores da doutrina advinda do plano espiritual.

²³ Este termo rústico é utilizado por Antônio Cândido para indicar o que é, no Brasil, “o universo das culturas tradicionais do homem do campo”. Apud. GOULART, S. L. Op. cit., p. 278.

²⁴ GOULART, S. L. Op. cit., p. 283.

²⁵ LABATE, B. C. Op. cit., p. 231-2.

²⁶ Expressão utilizada pelos adeptos do Santo Daime ao referirem-se ao momento da morte de alguém.

²⁷ *Revista Religiosa Brasileira no Terceiro Milênio*. Ed. Escala, ano 01, nº 01, p. 12.

Na década de 1920, os irmãos Antônio Costa e André Costa abriram um núcleo que denominaram Centro de Regeneração e Fé – CRF, na cidade de Brasília, no qual Irineu também participava e que representou os primórdios da religião do Santo Daime. Devido a disputas pelo comando dos trabalhos espirituais, Irineu, descontente, afastou-se do centro e mudou-se para Sena Madureira. Mais tarde, migrou para a cidade de Rio Branco e se instalou por lá, ingressando na antiga Guarda Territorial onde permaneceu até 1932. A partir daí, Irineu deu início aos trabalhos públicos com o Daime²⁸.

No seu compromisso com a busca espiritual, ele filiou-se ao Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento – em São Paulo – do qual extraiu os princípios da “Harmonia, Amor, Verdade e Justiça”, integrando-os à doutrina do Santo Daime. Posteriormente, filiou-se também à Ordem Rosacruz.

Em meados dos anos 40 do século XX, Irineu obteve a doação da Colônia Custódio de Freitas, localizada na zona rural de Rio Branco, onde fundou o Centro de Iluminação Cristã Luz Universal Alto Santo (CICLU), a Igreja²⁹ sede do grupo. Suas terras foram repartidas entre as famílias integrantes do culto, e exploradas em regime de mutirão. Foi por meio da prática do mutirão que o primeiro núcleo daimista conseguiu se organizar materialmente. Aprenderam a trabalhar junto a terra, a ajudar o vizinho (compadre), formando, assim, uma comunidade.

Irineu era chamado entre seus compadres de “padrinho”, pois como coloca Sandra Goulart, “no meio rústico tradicional, agentes como ‘penitentes’, ‘beatos’, ‘milagreiros’ ou ‘santos’ eram, muitas vezes, tidos como padrinhos da população desamparada”³⁰. Irineu, com suas rezas e orações católicas, acaba compensando a ausência de representantes oficiais da Igreja naquela região.

Já no caso do compadrio, de acordo com a autora, este foi ressignificado no aprofundamento das relações familiares através do casamento, tornando-se o vínculo entre esses religiosos. Por conseguinte, “é por meio da união entre os membros das primeiras famílias que acompanharam o mestre Irineu no processo de formação do novo culto que a comunidade daimista vai se constituindo”³¹.

No que tange à devoção aos santos cristãos, esta atua diretamente no tocante à elaboração dos conteúdos da doutrina. As festividades que acompanhavam essa devoção parecem se

²⁸ *Revista Religião Brasileira no Terceiro Milênio*. Ed. Escala, ano 01, nº 01, p. 15.

²⁹ Ao longo do texto, os leitores poderão perceber a utilização deste e de outros termos nativos como, por exemplo, Templo ou Centro, para designar o local da realização dos rituais.

³⁰ GOULART, S. L. Op. cit., p. 284.

³¹ *Ibid.*, p. 285.

converter no ponto de partida para a elaboração do calendário ritual³² e da forma assumida pelas cerimônias religiosas daimistas. O bailado, por exemplo, que é um dos trabalhos espirituais ditos “oficiais”³³ pelos adeptos da doutrina, assume um caráter festivo em seus rituais. O próprio termo “festival” utilizado por seus membros nos remete às antigas festividades aos santos cristãos, já que elas eram assim designadas. É isso que podemos perceber no relato feito a mim por uma daimista:

“Eu adoro o bailado. Ele faz parte do nosso festival. Eu acho lindo esse trabalho. É uma coisa mais alegre, mais festiva, você canta, dança, é como se você estivesse festejando alguma coisa, é uma festa, só que religiosa”.

Isso significa dizer, que os adeptos do Santo Daime, dentro de sua religiosidade, não separavam a festa e o sagrado, pois dançar, no universo simbólico daimista, é um meio de estabelecer comunicação com os seres espirituais, além de estar no contexto da religiosidade popular no qual a doutrina foi formada. Por sua vez, “os primeiros adeptos do culto do Mestre Irineu pareciam valorizar bastante o aspecto festivo de suas cerimônias. Esta valorização sugere um vínculo evidente entre os rituais do Santo Daime e a antiga devoção aos santos, pois a tradição do catolicismo popular era marcada, justamente, por um forte caráter festivo”³⁴. Dessa maneira, o culto do Santo Daime acaba recuperando o sentido sagrado da festa, da dança e do canto.

No entanto, essas tradições do passado vão sendo reinterpretadas para que os adeptos possam contornar as conseqüências desestruturantes causadas pelas transformações sociais surgidas na atualidade.

O Santo Daime, além da UDV (União do Vegetal) e da Barquinha – sendo estas também religiões ayahuasqueiras –, segundo Labate³⁵, atuam a partir do antigo sistema do curandeirismo ou vegetalismo amazônico característico da tradição de muitos dos índios da Amazônia, assim como por assimilações e releituras próprias e singulares do catolicismo popular, do espiritismo Kardecista, do universo afro-brasileiro e do esoterismo, sobretudo via o Círculo Esotérico da

³² O calendário ritual daimista constará em anexo.

³³ Oficiais porque estão dentro do calendário ritual, usando-se até uma farda especial para esses trabalhos. Farda é nome dado à vestimenta utilizada pelos membros do Santo Daime em seus rituais, o que será esclarecido mais à frente.

³⁴ GOULART, S. L. Op. cit., p. 289.

³⁵ LABATE, B. C. Op. cit., p. 232.

Comunhão do Pensamento – fundado em São Paulo em 1908³⁶ – e a Ordem Rosacruz. Como se pode observar, é de uma imensa riqueza a composição religiosa da doutrina daimista.

O curandeirismo ou vegetalismo amazônico se insere dentro do universo daimista por meio da cultura xamânica do uso das “plantas de poder” cultivada pelos índios da região, sendo transmitida a seus membros por Irineu através de seu contato com estes índios brasileiros e peruanos.

A ação terapêutica das “plantas de poder” – chamadas assim pelos curandeiros e xamãs por possuírem cada uma delas um espírito, que é capaz de transmitir conhecimento e de curar o corpo e os malefícios da alma de quem o procura e for merecedor – tem na ayahuasca uma importantíssima aliada. O Santo Daime, por seu turno, está intrinsecamente ligado a essa cultura xamânica, pois os adeptos acreditam piamente no poder de cura da ayahuasca, sendo esta utilizada em seus rituais para vários fins.

Apesar de permanecer no Santo Daime alguns elementos do antigo saber herbário dos vegetelistas, um outro fator ganha espaço nessa doutrina religiosa – a interpretação simbólica da doença concernente à vida pessoal do indivíduo. Noções cristãs como o arrependimento e o perdão são resgatados, “apontando para a necessidade de uma transformação ética, a qual implica numa valorização da vida ultraterrena em detrimento de temas mais diretamente ligados à vida mundana”³⁷.

Desse modo, a noção Kardecista de “evolução” ganha força entre os adeptos, utilizada para depreciar e hierarquizar todo um conjunto de atitudes e sentimentos. São considerados menos evoluídos todos os comportamentos demasiadamente apegados à matéria. Em decorrência disso, os conceitos do espiritismo Kardecista se agregam às concepções cristãs na organização das exegeses daimistas a respeito da doença e da cura.

Após o falecimento de Mestre Irineu em 1971, surgem várias disputas em torno da liderança do Alto Santo. Houve muitas dissensões, sendo uma delas encabeçada por Sebastião Mota de Melo. Este nasceu no vale do rio Juruá, no município de Eurimépé, no Amazonas, no dia 07 de outubro de 1920. Desde pequeno, o mesmo já mostrava sinais de sua mediunidade³⁸. Mais tarde, começou a participar de trabalhos espirituais em mesas de espiritismo Kardecista, onde incorporava guias conhecidos como o médico Bezerra de Menezes e o professor Antônio Jorge para realização de atendimentos e curas espirituais³⁹. Em 1959, muda-se para a periferia da

³⁶ CARVALHO, J. J. *O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade*, p. 75.

³⁷ GOULART, S. L. Op. cit., p. 296.

³⁸ *Revista Religião Brasileira no Terceiro Milênio*. Ed. Escala, ano 01, nº 01, p. 17.

³⁹ MACRAE, E. *Guiado Pela Lua*, p. 71.

cidade de Rio Branco, instalando-se na Colônia 5.000. E só em 1965, que Sebastião Mota de Melo irá ter seu primeiro contato com Mestre Irineu e com o Daime por causa de uma doença, buscando na bebida sagrada a cura. A partir desse momento, já recuperado, Sebastião Mota de Melo torna-se seguidor da doutrina e continua freqüentando o Alto Santo destacando-se na comunidade.

Em 1974, já separado do Alto Santo, o mesmo cria o CEFLURIS, incorporando, dessa forma, o espiritismo ao Santo Daime. Depois de ter abandonado a Colônia 5.000 com mais de 300 pessoas, o Padrinho Sebastião e seus seguidores se mudarão ainda mais duas vezes até firmarem a comunidade hoje conhecida como Céu do Mapiá, sede mundial do movimento, considerada a “Nova Jerusalém” dos daimistas. Em 1980, o INCRA (Instituto de Colonização e Reforma Agrária) autoriza o assentamento da comunidade no município amazonense de Boca do Acre.

Nesse tempo, porém, essas terras foram solicitadas por uma empresa do sul do país que se identificava como proprietária. Alimentados pela idéia de que ainda não haviam chegado ao lugar ideal para a instalação da sua “Nova Jerusalém”, seguiram para Pauini, no Amazonas – o novo local indicado pelo INCRA –, às margens do igarapé do Mapiá, um local isolado dentro da floresta onde só se chega após dois dias de viagem de canoa.

Verificamos, pois, que as práticas espíritas de incorporação se iniciam dentro dos rituais daimistas através do Padrinho Sebastião. Conforme Beatriz Caiuby Labate indica, essa tendência veio a se desenvolver mais intensamente com os adeptos oriundos do centro-sul do país no final da década de 1980, o que demonstra uma inovação e uma tendência recente no seio da doutrina⁴⁰.

Os Trabalhos de Mesa Branca no Santo Daime, por exemplo, são herança direta do Kardecismo espírita. Entretanto, podem ser feitas também evocações da Fraternidade Branca, cantadas e convocadas as falanges de Emanuel e de diferentes linhas da umbanda. Mas são nos trabalhos de gira com o Daime, que se expressa mais claramente a influência afro. De qualquer forma, “embora em algumas releituras tais práticas sejam vistas apenas como um acréscimo ou continuidade de aspectos já presentes – sejam as origens espíritas do Padrinho Sebastião antes da sua entrada no Santo Daime ou as supostas práticas de incorporação do Mestre Irineu, justificadas pela sua ascendência afro –, caracterizam, não obstante, uma inovação significativa”⁴¹.

⁴⁰ LABATE, B. C. Op. cit, p. 244.

⁴¹ Ibid., p. 247.

A partir dos anos 80⁴², o uso para fins religiosos por populações não-indígenas de substâncias psicoativas acaba ganhando terreno e adquirindo visibilidade no Brasil, o que gera uma perseguição por parte dos órgãos de repressão.

Como conseqüência, formou-se a primeira comissão multidisciplinar, em 1982, composta por médicos, antropólogos, psicólogos e representantes do Ministério da Justiça, Polícia Federal e exército, para averiguar no seu próprio local o fenômeno do Santo Daime.

Constatou-se após testes e entrevistas, relacionados a aspectos da vida social, espiritual e pessoal dos seus adeptos, um forte vínculo de coesão social e cooperativismo nato entre os daimistas, assim como fatores de organização e saúde.

Por meio do CONFEN – Conselho Federal de Entorpecentes (hoje extinto) – foi criada uma Comissão de Trabalho para estudar especificamente o uso ritual da ayahuasca em 1984. Foi confirmado nesse estudo, a partir de diversas visitas às comunidades usuárias, como o Céu do Mapiá, os pareceres positivos das comissões anteriores.

E em 1987, a Comissão do CONFEN concluiu que “os rituais religiosos realizados com a bebida sacramental Santo Daime/Ayahuasca não traziam prejuízos à vida social e, sim, contribuíam para a sua maior integração, sendo notório os benefícios testemunhados pelos membros dos grupos religiosos usuários”⁴³. Além disso, foi comprovada a não existência de nenhum risco de adicção e dependência no uso dessas substâncias em contexto ritual, através do resultado de pesquisas farmacológicas e psico-sociais junto às comunidades daimistas.

Na década de 1990, embora a figura da Igreja já existisse há 70 anos desde a época do Mestre Irineu e do Padrinho Sebastião, os daimistas sentiram a necessidade de evoluir na parte institucional. Criaram, dessa forma, a figura jurídica da Igreja do Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra (CEFLURIS).

1.1 – A formação do Céu das Estrelas

Depois deste breve histórico sobre como a doutrina do Santo Daime se formou, passaremos agora a estudar mais a fundo a comunidade daimista do Céu das Estrelas filiada ao CEFLURIS, com cerca de 60 adeptos, residente no bairro Floresta, na cidade de Juiz de fora.

De acordo com os relatos coletados, foi através do contato com a biografia de Alex Polari

⁴² GROISMAN, A. Op. cit., p. 13.

⁴³ *Revista Religião Brasileira no Terceiro Milênio*. Ed. Escala, ano 01, nº 01, p. 18.

intitulada “O Livro da Mirações”, que o atual Vice-Padrinho⁴⁴ da comunidade Céu das Estrelas se informou e se aproximou melhor do que seria a filosofia de vida pregada pela doutrina do Santo Daime. Ele leu, ficou admirado e decidiu que queria experimentar. Entretanto, viu-se muito distante de concretizar o que queria, pois, dentro de seu conhecimento, o Santo Daime só existia na Amazônia. Mas ele não perdeu as esperanças, e confiante nos disse: “Isso um dia vai chegar até mim”.

Diante disso, ele esperou. E, um dia, um amigo seu veio visitá-lo em Juiz de Fora trazendo um companheiro. E esse companheiro era justamente um fardado do Santo Daime. Ele, então, disse a essa pessoa que desejava muito conhecer o chá e a doutrina.

Desse modo, foi no dia 30 de maio de 1999 que o atual vice-padrinho da comunidade e sua esposa experimentaram e participaram de seu primeiro trabalho com o Daime⁴⁵. Em suas palavras: “Foi uma coisa incrível. A gente sentiu muita força, mas também não conseguiu ter uma clareza de tudo numa primeira vez. Eu senti a força da bebida e quantas possibilidades que ela abria pra gente”.

Terminado este trabalho, o iniciador dos dois voltou para o Céu do Mapiá e deixou uma garrafinha de Daime com eles. Depois de passar um bom tempo só olhando para garrafa, com medo de mexer nela, de abrir e de tomá-la, um dia ele resolveu tomar uma dose de Daime vendo o sol⁴⁶ nascer pela manhã bem cedinho. E, diante desse acontecido, ele disse ter tido revelações de sua vida, e decidiu que deveria continuar seus estudos por meio do Daime.

A partir daí, ele e sua esposa se empenharam em visitar diversas igrejas do Santo Daime, resolvendo freqüentar a Igreja de Petrópolis. Nesta se fardaram no dia 20 de janeiro de 2000, e passaram a ir aos trabalhos.

Posteriormente, o irmão do atual Padrinho da comunidade veio em Juiz de Fora e resolveu fazer um trabalho na mata existente no terreno onde fica a casa do Vice-Padrinho e sua família. Todos foram para lá, fizeram um platô e realizaram um Trabalho de Concentração, que será explicado mais à frente.

⁴⁴ Na ausência do Padrinho da comunidade para a realização dos rituais e tomada de decisões, o Vice-Padrinho assume essas funções.

⁴⁵ Daime é um termo nativo utilizado como sinônimo do chá ayahuasca.

⁴⁶ O sol, para os daimistas, é o Astro-Rei, a fonte de toda a vida na Terra. É o centro ao redor do qual gira o nosso sistema planetário. A referência ao seu Espírito criador alimentou ritos de adoração ao Sol em vários povos, destacando-se no continente americano os incas e os astecas. A luz solar é ampla e constante, vista pelos adeptos como um instrumento para se ver com clareza a realidade externa, limpando as impurezas. Também reflete o nosso próprio sol interior, indicando o renascimento a que todos nós deveremos passar para ganhar a consciência da nossa verdadeira identidade espiritual. No Santo Daime, o Sol é cantado e reverenciado em inúmeros hinos, pois está associado ao Cristo, que foi um enviado solar. Cada novo dia que nasce é um novo símbolo da ressurreição do Filho de Deus, recebido como Mestre e Irmão, amado pelos daimistas.

Com vistas a realizarem mais trabalhos, transformaram a loja de móveis existente no lote do Vice-Padrinho⁴⁷ em um local para a efetuação dos trabalhos. Em seus dizeres fica expressa a alegria: “Nós fizemos o trabalho e ficou tão bom, que as pessoas que vieram de fora acharam incrível. Disseram que o local tinha sido feito pra aquilo. E a partir daí a coisa começou a tomar mais fôlego”.

Perante isso, o Vice-Padrinho e sua esposa chamaram os daimistas da Igreja de Petrópolis para virem aqui fazer um trabalho oficial, do qual, conforme eles, todos gostaram. Os dois resolveram, então, pedir a autorização do Padrinho Alfredo para pegarem o Daime e realizarem mais trabalhos. E em novembro de 2000, o Padrinho Alfredo veio visitá-los para conferir a proporção desse movimento que começava a tomar fôlego em Juiz de Fora, além de fazer um trabalho aqui e dar a autorização para a efetivação dos Trabalhos de Concentração.

Nesse meio tempo, o atual Padrinho da comunidade de Juiz de Fora – Céu das Estrelas – estava voltando para o Brasil, depois do mesmo e de um amigo seu terem sido presos por engano no aeroporto de Barájas, em Madrid, na Espanha, portando 10 litros de uma antiga bebida cerimonial das Américas – a ayahuasca. Segundo a polícia local, eles estavam sendo acusados de traficantes de uma droga muito perigosa e membros de uma rede internacional de narcotráfico⁴⁸.

Ao chegar aqui, nas palavras do Vice-Padrinho: “Já tinha um povo reunido aqui, uma galera fazendo Trabalhos de Concentração, e ele levou um susto, porque ele tinha deixado eu e a minha esposa, e quando ele chegou já tinham umas 20 pessoas. Aí ele viu a Igreja e o movimento aqui e se empolgou a vir da Amazônia pra cá com a família, e ficar aqui enquanto ele escrevia o seu livro contando o que tinha acontecido na Espanha”.

A antiga loja de móveis, que agora já tinha se tornado uma Igreja e já realizava Trabalhos de Concentração, dava início à abertura de trabalhos oficiais. O atual Padrinho e sua família cabocla traziam consigo da Amazônia os hinários e seus conhecimentos.

Diante disso, eles pediram uma Carta Constitutiva⁴⁹ para a Igreja matriz do Céu do Mapiá, tornando a Igreja do Céu das Estrelas sua filial. Este nome foi dado pelo próprio Padrinho Alfredo, e a Igreja passou a funcionar oficialmente na sexta-feira da paixão em 2001.

Além de tudo isso, a criação dessa Igreja teve também como pano de fundo uma miração tida pelo atual Vice-Padrinho do Céu das Estrelas, onde ele afirma ter sido algo mandado do mundo espiritual:

⁴⁷ Este confecciona móveis e sua loja possui o formato parecido com uma oca indígena.

⁴⁸ Cf. RIBEIRO, F. *Os incas, as plantas de poder e um tribunal espanhol*.

⁴⁹ Esta carta é um documento formal emitido pela Igreja matriz do Céu do Mapiá, que consente a abertura de igrejas filiais sob sua aprovação.

“Teve um trabalho de concentração lá em Petrópolis que eu participei. Nessa concentração eu tive uma miração de que eu tava aqui em casa, nesse jardim, olhando pra essa árvore grandona que tem aqui. Foi aí que eu vi um anjo nela com uma foice enorme roçando o terreno ali atrás. Aí eu cheguei pra perto, olhei e me lembro de dizer: “São Miguel!”. Eu olhei aquela cara parecendo um boneco de cera, só com aqueles risquinhos no olho, uma coisa bem estilizada, mas rindo pra mim com expressão e tudo, falando: “Ah! Você tá achando que eu não tô acompanhando a tua história, tá achando que tudo tá desconectado, mas não tá, tá tudo conectado, se prepara”. Aí eu olhei essa descida com a lojinha de móveis, e São Miguel falou: “Se prepara, que vai chegar um pombo aí. Toma conta, guarda, varre, arruma, porque vai chegar um pombo aí”. Aí eu tava lá na concentração em Petrópolis e pensei: “Caramba! Será que vai chegar um pombo lá em casa?”. Então, isso aí também me deu uma confiança de que eu tinha que ir fazendo isso mesmo. Pra mim, o nascimento do Céu das Estrelas veio dessa instrução clara de que ia ter um povo que ia se juntar aqui nessa igreja. Passados dois anos, a gente já tava lá em cima na igreja nova, fazendo um piso lá. Então, eu tenho certeza que foi uma coisa mandada, porque não foi uma coisa que eu senti necessidade de ter aqui, nem ninguém. As coisas foram acontecendo, a minha iniciação, o contato, o livro no sebo, a notícia que eu vi na televisão. Tudo foi caminhando, foi juntando, foi tecendo essa história, uma coisa bem natural. Por isso eu sinto que é uma coisa que eu posso confiar, que eu posso me entregar, tanto é que eu me entreguei com a minha família toda, não quis nem saber, eu enfiei meus filhos, todo mundo nessa história. Isso porque eu tenho essa confiança que eu ouvi dentro de mim mesmo”.

1.2 – A comunidade vista por dentro

A Igreja do Céu das Estrelas fica num lugar extremamente alto, sendo que o acesso à mesma traz bastante dificuldade. Os daimistas dizem que pela dificuldade de se chegar até o local é que se testa a vontade da pessoa de tomar o Daime, pois se atravessa uma estrada de chão bem íngreme que fica dentro de uma mata até atingir o cume.

Ao final dessa subida, foi feito um platô na terra para servir de estacionamento para os carros, e mais à frente, vê-se um oratório feito de madeira e tampado com vidro colocado em uma cavidade no barranco, dentro do qual tem sempre uma vela acesa.

Passado esse oratório, e seguindo a mesma trilha, tem-se uma pequena casa – a portaria – onde todos devem passar antes e adentrar ao Templo. Dentro da casa fica-se uma daimista responsável pela portaria com dois cadernos, um deles é o de presença para as pessoas que forem participar do ritual naquele dia assinarem seus nomes, e o outro é para as contribuições dadas para a manutenção da Igreja. Na parede de fundo da casa têm umas prateleiras de madeira, nas quais ficam as fotos do Mestre Irineu, da Virgem Mãe, de Jesus Cristo, do Padrinho e da Madrinha da comunidade, além de uma estatueta do Arcanjo Miguel e de vários caderninhos contendo os hinários.

Mais à frente, virando-se para a direita na estradinha de chão tem-se a Igreja, e defronte da mesma um enorme Cruzeiro⁵⁰ – também chamado de Cruz de Caravaca – de mais ou menos uns três metros feito de madeira e pintado de branco, fixado em cima de uma estrela de seis pontas feita de cimento. Nesta coloca-se um jarro com flores e uma vela acesa nos dias de ritual. À direita do Cruzeiro tem-se uma grande pedra que brota do chão, onde perto dela acende-se uma fogueira. À esquerda do mesmo há um oratório feito de tijolo com uma pequena estátua de preto velho⁵¹ e uma cuia para se fazer uma oferenda acendendo-se uma vela.

Os banheiros, um à direita da Igreja para as mulheres, e o outro à esquerda para os homens, possuem seis lados com as paredes de madeira e o teto feito de telha de amianto. Na entrada há uma cortina de pano. Dentro do banheiro há uma divisória em madeira, onde, de um lado, fica-se o vaso sanitário, e do outro um local para se trocar de roupa.

A Igreja, erguida num lugar plano da mata, também possui seis lados. A arquitetura do salão foi definida por Irineu, sendo voltada para o nascente e desprovida de paredes inteiriças⁵². Desse modo, estas são feitas com toras de madeira na posição horizontal compondo as paredes com cerca de 1,20 m de altura, permitindo ampla visibilidade interna e externa. Em cada vértice do hexágono há uma coluna, e nessas colunas se apóia o madeirame do telhado feito de amianto. As “janelas” são vãos abertos cobertos por toldos de plástico transparentes. A entrada fica na parte frontal do Templo.

Na parte oposta à entrada, atrás de uma divisória de madeira, existe um quartinho de formato retangular, local que é reservado para as pessoas descansarem fora do espaço onde está sendo realizada a cerimônia religiosa, além de servir para auxiliar os que necessitarem de uma ajuda, de um atendimento espiritual. Em seu interior, tem-se uma cama de madeira, cadeiras e costuma-se ter também colchonetes. Há, na parede, um oratório de madeira com a foto do Mestre Irineu dentro e uma vela acesa. Acima do mesmo, existe uma foto do menino Jesus com Maria e José, e à esquerda uma foto da Virgem com o menino Jesus.

Tomando como ponto de referência a “porta” de entrada da Igreja, partindo da direita para a esquerda, há, em seu interior, na segunda coluna, uma estatueta do Arcanjo Miguel, e abaixo dela uma cantoneira de madeira coberta por uma pequena toalha de renda branca. Nesta cantoneira coloca-se um jarro com flores e uma vela acesa. Na terceira coluna, tem-se uma

⁵⁰ O Cruzeiro é um dos principais símbolos do Santo Daime. Esta cruz de dois braços pode significar tanto a segunda volta de Jesus Cristo, como também o trabalho de cada discípulo (o braço menor) sobreposto à cruz do mestre (o braço maior). Numa outra interpretação, a trava menor representa o nosso lado espiritual e a trava maior representa a nossa parte física, sendo que o conjunto indica o nosso trabalho nos planos da matéria e do espírito.

⁵¹ Nos trabalhos de Mesa Branca, onde é permitido aos médiuns incorporarem seus respectivos guias espirituais ou outras entidades, há um hinário com os pontos de chamada dos pretos-velhos.

⁵² Irineu, ao ter uma miração, recebeu esta informação da Rainha da Floresta.

estatueta de Jesus Cristo. Na quarta coluna, há uma moldura com vidro contendo a imagem da Virgem Mãe e do menino Jesus. E, por fim, na quinta coluna, tem-se um quadro de Iemanjá, também com uma cantoneira abaixo da imagem coberta por uma toalha de renda branca, na qual deposita-se um vaso com flores e uma vela acesa.

Nos lados direito e esquerdo do vão de entrada há bebedouros que ficam em cima de mesas de madeira cobertas por toalhas brancas. Em volta do bebedouro esquerdo – lado reservado para as mulheres na cerimônia religiosa – são colocados jarros com água e dentro diversas flores.

Nos fundos do Templo, há uma mesa de madeira retangular coberta por uma toalha branca, que é o altar. No centro da mesa do altar fica-se um filtro, no qual é despejada a bebida sagrada para o consumo ritual, e a foto do Mestre Irineu. À esquerda, tendo como ponto de referência o Cruzeiro, está uma estatueta do rosto do Padrinho Sebastião com sua longa barba, uma raiz do cipó jagube, e vasos com flores. À direita tem-se um recipiente de plástico branco, onde são colocados os copos para se beber o Daime, e uma Cruz de Caravaca fixada numa base de madeira com o formato de uma estrela de seis pontas. Do lado direito do altar, tem uma pequena mesa de madeira também coberta por uma toalha branca, onde fica uma vasilha com água para se lavarem os copos.

Na parede atrás do altar, que faz a divisória com o quartinho, há uma foto do Mestre Irineu ao centro. À esquerda têm uma moldura com vidro armazenando a imagem de Jesus Cristo, e uma foto do Padrinho Sebastião. Já à direita há uma foto da Madrinha Rita – viúva do Padrinho Sebastião –, além de uma imagem moldurada da Virgem Mãe.

O centro do Templo é circunspecto com uma mesa de madeira recortada em forma hexagonal e cadeiras à sua volta, onde, durante o trabalho, ficam os guias da cerimônia. Estes, tendo três homens e três mulheres como representantes, são considerados mais qualificados para estarem ali sentados, pois são pessoas mais firmadas e que já têm condição de ser o espelho dos demais. Essa mesa, localizada no centro do salão, é considerada a fonte receptora e transmissora das correntes do astral. Ela forma, junto com o dirigente da sessão, “um dispositivo capaz de captar e redistribuir entre a irmandade e o cosmos o poder do astral. O conjunto mesa-dirigente-irmandade são alguns dos dispositivos rituais geradores de poder”⁵³.

Circundando a mesa de centro, há várias cadeiras de plástico onde, compondo uma geometria circular, abrigam os novatos e as “guerreiras” e “guerreiros” do Daime (os fardados). Dentre estes, ficam os músicos executando os hinos, que os daimistas, organizados em grupos

⁵³ CEMIN, A. B. *Os rituais do Santo Daime: “sistemas de montagens simbólicas”*, p. 355.

pelo salão, acompanham cantando em uníssono. Os homens sentam-se à direita da mesa de centro e as mulheres à esquerda. O chão abaixo da mesa também tem o formato de seis pontas. Dos seus vértices, saem seis divisórias formando campos de concentração de energia.

A mesa de centro é coberta por uma toalha branca até o chão. No meio dela há uma Cruz de Caravaca envolta por um Rosário⁵⁴ nos seus dois braços. À direita está uma foto da Madrinha Rita e um cristal polido. Já à esquerda tem-se uma foto do Padrinho Sebastião, ambas viradas para a entrada da Igreja. Voltada para o altar, em cima da mesa, há uma pequena estátua branca com Maria, José e o menino Jesus, e de frente para a porta uma estatueta da Virgem Mãe. São colocados também quatro suportes para velas nos pontos norte, sul, leste e oeste, bem como um vaso com flores, um copo com água, uma jarra d'água para os guias da cerimônia beberem durante o ritual e um papel com uma caneta para se anotarem os nomes de pessoas encarnadas e desencarnadas, nas quais se fará uma firmeza ali na mesa. Conforme o andamento da sessão, os dirigentes da mesma vão escrevendo nomes de pessoas nessa folha de papel que necessitam de ajuda naquele momento.

Acima da mesa de centro, pendurada ao teto, está a Estrela de Salomão⁵⁵ feita de vidro, descendo por uma linha na direção do centro da mesa. Fitas em verde, branco, azul e amarelo também descem do cerne do telhado até as paredes do Templo. Além disso, ficam pendurados no telhado três lampiões para fazer a iluminação do local. Todos estes elementos são de apoio para a realização dos trabalhos.

1.3 – Entendendo o ritual

O salão, na verdade, funciona como um mapa. Ele é disposto em seis alas, três para os homens e três para as mulheres. As três alas que compõem o universo feminino dentro da Igreja são divididas em três batalhões. Há o das moças virgens que fica do lado oposto ao da porta; o do meio que é o das mulheres solteiras que já iniciaram sua vida sexual, têm um relacionamento, mas ainda não estão casadas, não têm uma família, isto é, estão num momento de transição; e o das casadas e senhoras da casa que fica perto da entrada. Os batalhões masculinos são divididos da mesma forma. Já os visitantes, ficam sempre atrás dos fardados em cada batalhão específico.

⁵⁴ O Rosário é outro dos objetos especiais utilizados pelo daimista. Geralmente, pode ser visto em torno dos braços da Cruz de Caravaca, indicando a oração, os momentos de comunicação com o plano superior, com a esfera divina. É comum verem-se os devotos com o rosário à volta do pescoço ou segurando-o nas mãos durante os trabalhos espirituais do Daime, empregando-o como elemento de proteção.

⁵⁵ Esta estrela de seis pontas, surgida do cruzamento dos triângulos do fogo (com a ponta para cima) e da água (com a ponta para baixo), é um dos símbolos mais utilizados. É dele que se origina o formato hexagonal da planta das igrejas.

A altura também influencia no ritual, sendo que os mais baixos ficam na frente e os mais altos atrás. Isso porque os presentes devem ter uma boa visualização da mesa de centro, pois é desta que flui a energia para todo o salão.

Toda essa disposição dentro do Templo é para equilibrar as energias que circulam, que chegam e que vão. Essa instrução foi dada pela Rainha da Floresta ao Mestre Irineu. A posição que as pessoas devem ocupar é justamente para fortalecer essas energias. De um lado, as mulheres (yin) e, de outro, os homens (yang). As primeiras juntas, cada uma em seu respectivo batalhão, consolidam a energia do feminino; e os segundos a energia do masculino. Conforme Maria Cristina Pelaez, “a folha rainha seria depositária da ‘energia feminina’ e da ‘luz’ da natureza, princípio também identificado com a Mãe, a Virgem Maria. O cipó jagube conteria a ‘energia masculina’ e a ‘força’ do universo, identificado com o Pai, o Deus Criador de tudo quanto existe”⁵⁶.

O ritual, pois, funcionaria como um gerador, o qual produziria um campo energético envolvendo os pólos negativo (as mulheres) e positivo (os homens), yin e yang. É por esse motivo que as mulheres atendem as mulheres e os homens atendem os homens durante o ritual. Essas duas polaridades não devem se misturar dentro do mesmo, pois estão em sintonias diferentes, mas juntas se complementam. Essa separação ajuda a polarizar o campo energético da sessão, criando a condição necessária para que a energia flua de uma forma mais harmoniosa.

Por esse motivo, cada batalhão tem a sua função específica dentro desse grande gerador de energia cósmica. As pessoas são agrupadas nos batalhões de acordo com a semelhança de vibração energética. Concentrando-se essa energia, é gerada uma sintonia dentro do salão. Quem está mais próximo à mesa de centro, por exemplo, são as pessoas que já têm um conhecimento mais avançado, ajudando a produzir esse campo energético inicial, pois o mesmo possui uma energia mais potente capaz de criar a ligação com o plano astral. E essa força energética vai se irradiando para os demais, conseguindo transformar a todos. Então, tudo é feito com a intenção de harmonizar o salão, porque cada detalhe ali faz a diferença.

Os fiscais, por exemplo, são dois: o da porta e o do salão. O primeiro é o porteiro, aquele que tem a função de vigiar quem sai e quem entra da Igreja, tanto o espírito quanto o encarnado. O segundo toma conta do salão, tendo a função de organizar o mesmo, cuidando das velas, colocando os incensos, equilibrando as energias, zelando por todos que precisam de sua ajuda, entre outras atribuições. O fiscal tem que se movimentar o mínimo possível para não chamar

⁵⁶ PELAEZ, M. C. *Santo Daime, transcendência e cura. Interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual*, p. 480.

muita a atenção dos que estão ali. Se o fiscal se movimenta é para resolver alguma coisa, para deixar tudo certo. O fiscal tem que ser o mais sutil possível dentro do seu campo de atuação: o feminino não pode ultrapassar a ala das mulheres, e o masculino idem.

Os músicos também devem estar o mais próximo uns dos outros para que possam se ouvir e tocar no mesmo tempo para que tudo aconteça harmonicamente. Enfim, toda essa organização, essa disciplina é vista pelos daimistas como um ensinamento espiritual relevante. Sobre esse assunto, *Jequitibá*, médico, com vinte e seis anos, membro da doutrina a cinco, coloca:

“A gente tem que aprender a se organizar, a organizar os pensamentos, a organizar os sentimentos, ser disciplinado, ser educado. Então, a organização do salão e a organização interna estão diretamente ligadas. Se o salão estiver totalmente desarmonizado, mal organizado, atrapalha as pessoas a se firmarem, a se concentrarem. Por isso a organização é muito importante, não só pela estética do salão, mas espiritualmente também”.

No que tange à hierarquia dentro do Santo Daime, colocada aqui de forma decrescente, está, em primeiro lugar, o Mestre Irineu, logo após vem o Padrinho Sebastião, e, atualmente, o Padrinho Alfredo é o dirigente de todas as igrejas do Daime. A relação “hierárquica” das igrejas filiais está intimamente ligada à Igreja matriz do Céu do Mapiá. Cada igreja individualmente possui o seu Padrinho e a sua Madrinha com seus respectivos Vice-Padrinho e Vice-Madrinha. Com relação aos rituais, estes têm um comandante⁵⁷ que é a pessoa que guia a cerimônia, responsável pelo andamento do ritual; os fiscais com suas respectivas atribuições já supra citadas; os fardados e os não-fardados; e uma pessoa responsável pela portaria.

Entretanto, essa hierarquia, segundo os daimistas, acontece devido ao nível de conhecimento espiritual que uma pessoa tem e vai obtendo durante sua caminhada, porque dentro da doutrina todos são iguais. *Jequitibá*, ao ser indagado sobre isso, responde:

“Cada um tem um desenvolvimento, um aprendizado. Então, há pessoas mais experientes com uma clareza muito maior, um conhecimento da vida, um conhecimento da doutrina, o que coloca essa pessoa numa posição de uma responsabilidade muito grande, que é a de ajudar os irmãos a caminhar nessa estrada, sendo que o grande professor é realmente o Daime, mas a gente precisa dos nossos irmãos, dos nossos amigos pra gente poder continuar, é um trabalho feito em grupo, em união. Então, a gente precisa uns dos outros pra isso, e cada um dentro do trabalho tem um papel, tem uma responsabilidade ali. A pessoa que toca o violão tem que estudar os hinos e tem que tá ali pra tocar o violão. A pessoa que canta tem que

⁵⁷ O comando, de acordo com os daimistas, está ligado diretamente ao plano espiritual. O que quer dizer que o dirigente está sendo aparelhado para poder transmitir as informações recebidas aos demais.

tá perto dos violões, tem que tá na frente do salão cantando. As pessoas que sabem o hinário têm que tá próximas pra poderem cantar juntas, pra estarem se ouvindo bem. Então, nesse sentido, existe essa diferença por causa do conhecimento que cada um tem, o desenvolvimento que cada um tem, mas perante a Deus como homens somos todos iguais, mas não somos iguais naquilo que conhecemos, naquilo que sabemos, então é por isso que há determinações diferentes pra algumas pessoas, mas não uma hierarquia assim sem motivo, sem sentido, isso não. Têm pessoas que têm algumas responsabilidades que outras não têm, isso existe. Existe uma diferença entre o conhecimento que a gente tem da matéria e o conhecimento espiritual. A gente percebe que tem muitas pessoas que têm pouco tempo de doutrina, mas que já manifestam uma educação espiritual, um preparo maior, todo um entendimento já da espiritualidade, é o conhecimento espiritual que a pessoa já traz consigo do mundo espiritual. Isso também é muito importante, porque às vezes são pessoas que vêm pra nos ajudar, nos guiar mesmo, e essas pessoas acabam tendo uma responsabilidade a mais que é a de tá ali na frente nos ensinando, enquanto que outras que já tão há muitos anos dentro da doutrina e não só pelo tempo que tão dentro da doutrina, não significa que tenham uma educação espiritual, um entendimento, um conhecimento espiritual maior que aquele que tá chegando há pouco tempo, isso não tem muita relação. Tempo de doutrina é, mas não é o único fator que influencia no conhecimento espiritual da pessoa, isso é independente”.

Por seu turno, quem comanda os trabalhos é uma pessoa que tem mais experiência, que naturalmente “acontece um clamor para esta pessoa estar nessa função”⁵⁸. Portanto, o que existe no Santo Daime é uma ordem estabelecida por questões de estruturação dos rituais e, conseqüentemente, para o bom funcionamento dos trabalhos espirituais.

Sendo assim, as funções realizadas por cada indivíduo dentro dos rituais não são instituídas pelo tempo de pertencimento à doutrina e, sim, pelo conhecimento espiritual que cada um vai adquirindo ao longo de sua jornada. Isso é comprovado no relato de *Carvalho*, de cinquenta anos, engenheiro e freqüentador da doutrina a sete anos:

“Eu acho que pode se falar em hierarquia no grupo, porque tem umas pessoas que têm um conhecimento maior do que elas tão fazendo ali no ritual. Tem gente que toma Daime há 7, 8 anos e não entendeu. Eu sei que tem. E tem gente que toma a menos tempo e já entendeu. Tem a hierarquia, mas é uma hierarquia mais formal, só por questão de estruturação do ritual, mas não é uma hierarquia concebida, é natural. Tem espíritos mais evoluídos que outros. Tem gente que tá mais à frente na estrada e tem gente que tá mais atrás. Tem espíritos mais velhos que outros. Tem gente que tem mais experiência, que tem mais conhecimento espiritual. Não é uma coisa que se transmite, é uma coisa que cada um vai adquirindo. Então, é claro que tem gente que tem mais e outros que têm menos. Isso não é nenhum demérito, não é pra se vangloriar que tem mais, porque quem tem menos um dia vai ter mais, e quem tem mais um dia teve menos. Tá todo mundo caminhando. Tem essa hierarquia do conhecimento espiritual, da caminhada. Tem gente que você pode confiar mais ali dentro da história. Você sabe que a pessoa pode falar em nome da doutrina, porque ela tem aquele conhecimento, ela sabe o que tá dizendo, ela sabe o que tá fazendo ali”.

⁵⁸ Esses dizeres são de *Orquídea* ao ser perguntada sobre como funciona a hierarquia na doutrina do Santo Daime.

1.4 – O Trabalho de Concentração⁵⁹ e suas significações no contexto ritual daimista

Dentre os trabalhos que freqüentei na Igreja do Céu das Estrelas, escolhi para aprofundar neste capítulo o Trabalho de Concentração, pois é um estudo de cunho mais interior dentro da doutrina sendo, no meu ver, mais propício para se compreender o fenômeno da experiência do êxtase no Santo Daime.

O ritual neste tipo de trabalho é feito especificamente com o intuito do autoconhecimento. Deve-se entrar em contato consigo mesmo, com nossa energia, ou seja, fazer uma jornada interior. O autoconhecimento, segundo o Padrinho da comunidade, tem um lado bom – de êxtase, e um lado desagradável – que é doloroso. A jornada do trabalho, inserida dentro de um contexto e estímulos apropriados, tem como sua maior finalidade fazer com que nós avancemos um pouco mais em nosso desenvolvimento espiritual. A expressão “trabalho” traduz a atividade intensa – psíquica e física – que o integrante do ritual deverá dar conta. A jornada coletiva simboliza a passagem das trevas à luz, o renascimento de cada participante para uma nova vida mais plena e verdadeira.

Como disse o Padrinho da comunidade do Céu das Estrelas, utilizando uma metáfora para compor a sua explicação, o nosso consciente seria representado por uma ilha, ou seja, aquilo de que temos conhecimento e que nos dá a idéia de uma noção das coisas. O mar simularia o inconsciente, isto é, o desconhecido, o que não temos acesso de modo imediato, algo que está para ser descoberto. Em volta da ilha haveria uma barreira, sendo necessário transpô-la para além do conhecido. O Santo Daime e o ente que este carrega seria, justamente, o que faz nossa consciência se expandir e ultrapassar esta barreira que a sociedade moderna nos impõe. E a partir daí, nós vamos subindo degraus, avançando em níveis de consciência e auto-conhecimento. É algo de dentro. É um conhecimento interior que vai sendo adquirido à medida que passamos a investigar o que reside dentro de nós mesmos através da expansão da consciência.

Isso significa dizer que para se conhecer o mar, conforme o Padrinho, existe uma ciência com os seus navegadores que nos ensinam a navegar. É o que ocorre na sessão. Tudo é feito seguindo uma seqüência e de acordo com os padrões de condução da cerimônia. A parte principal do trabalho espiritual com o Santo Daime é, então, entrar em contato com o desconhecido, o novo.

De acordo com Alex Polari, o trabalho espiritual é algo que mistura todas as nossas instâncias e vivências, redimensionando e unificando todas as nossas energias até então

⁵⁹ Há no Santo Daime outros trabalhos espirituais como o Hinário, o Trabalho de Cura, a Missa, o Feitio e o Trabalho de Mesa Branca. Cf. GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*; LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*.

distribuídas arbitrariamente em esferas estanques, sejam elas sexuais, políticas ou intelectuais, entre outras. Ou seja, é um trabalho “que alia prospecção mental, percepção, revelação, êxtase, comunhão, meditação, ação, transformação pessoal, concentração e criação, em escalas, até então, inimagináveis. Que exige de seus devotados trabalhadores três virtudes básicas, a saber: humildade, perseverança e disciplina”⁶⁰.

Envolta nesse contexto, antes de participar do meu primeiro trabalho com o Daime, passei por uma entrevista com o Padrinho da comunidade. Esta reunião foi feita para eu poder participar dos rituais daimistas. É uma espécie de triagem. Os novatos que irão participar de um trabalho “aberto” pela primeira vez passam por uma reunião alguns dias antes, na qual recebem as orientações necessárias e esclarecem suas dúvidas. São dadas recomendações para se fazer uma dieta nos três dias que antecedem o trabalho: a não ingestão de bebidas alcoólicas e a suspensão da prática de atividade sexual são algumas delas. No dia da sessão, também é recomendado que a pessoa faça uma refeição leve, para facilitar a ação do Daime no organismo. O Padrinho me explicou o que é o Santo Daime, sua história, de onde veio, quais são os efeitos do chá e as precauções a serem tomadas pelo novato antes de freqüentar a cerimônia. Mencionou também que o chá é constituído por plantas de poder, e estas carregam consigo um ente capaz de realizar a expansão da consciência. Depois que se toma o chá pela 1ª vez, este ente passa a habitar o nosso corpo e nós nunca mais somos a mesma pessoa. O Daime, na verdade, disse ele, é só um caminho para se chegar ao pleno autoconhecimento: “o Daime é o vinho e nós somos o cálice”. Relatou que todos nós temos um lado bom – positivo, e um lado obscuro – negativo. Ao tomar o Daime nas sessões, podemos nos defrontar com um desses dois lados, e que o resultado pode ser de extremo êxtase (quando nos encontramos com o nosso verdadeiro eu, o divino em nós), ou pode ser doloroso (quando nos deparamos com o nosso lado obscuro). Expôs, também, que na busca de nosso autoconhecimento, nos defrontamos com dois guardiões das fronteiras da consciência: o medo e a dúvida; o que, no seu entender, pode nos levar a declinar da busca de nós mesmos.

Após essa reunião, participei, assim, do meu primeiro trabalho nessa comunidade no dia 15 de março de 2005, denominado de Trabalho de Concentração. Este é realizado, de acordo com as instruções deixadas pelo Mestre Irineu, em todos os dias 15 e 30 de cada mês. Pode durar em torno de 5 horas para menos ou para mais. Essas reuniões se realizam logo após o anoitecer, podendo ocorrer sessões sob céu aberto, mas a preferência será por ambientes cobertos, embora

⁶⁰ DE ALVERGA, A. P. *O livro da mirações: viagem ao Santo Daime*, p. 14.

com a possibilidade de poder sair para apreciar o céu estrelado e a lua⁶¹. Aquietar a mente, identificar-se com o eu interior e meditar no poder divino são as principais posturas recomendadas no ritual da concentração.

Neste trabalho, os fardados devem estar trajando uma roupa especial – a farda. Esta é uma roupa cerimonial, usada somente por ocasião dos rituais, que segue fundamentalmente o modelo estabelecido tradicionalmente por Mestre Irineu. A farda masculina, para este tipo de trabalho, é composta de uma calça e gravata azul marinhas, e uma camisa branca ornamentada com a Estrela de Salomão constituída de seis pontas. Essa estrela é feita de metal e colocada sobre o peito do daimista. Trata-se de um broche que indica a condição de iniciado na doutrina. Ao centro, ele traz uma lua crescente encimada por uma águia alçando vôo⁶². A Lua representa a Nossa Senhora da Conceição – também chamada de Rainha da Floresta –, e a Águia, por ser o pássaro que vê mais luz e alcança as maiores altitudes, significa as mirações obtidas pelo daimista. No caso das mulheres, estas vestem uma saia azul marinho pregueada e rodada até o tornozelo, e uma camisa branca com uma gravata borboleta também azul marinha. As mulheres utilizam saia em sinal de feminilidade e respeito à Rainha da Floresta. Já os novatos devem vestir roupas claras (de preferência branca). De acordo com *Begônia*, de quarenta e quatro anos, autônoma, freqüentadora do Santo Daime há cinco anos, a farda seria o escudo do daimista. Ela diz:

“Na verdade, a farda é o nosso grande escudo. A gente que é fardado, que tá nessa doutrina, cada um ali é um ponto de luz. Então, a gente fica muito vulnerável. Se a gente não prestar atenção, não for vigilante, não tiver esse autoconhecimento, fica vulnerável. Tem que tá de olhos abertos, tem que tá ligado, não pode perder essa ligação nem um minuto, porque a gente é alvo. E sendo alvo, a gente é atacado a todo instante. A nossa farda é o nosso escudo, é aonde a gente se protege”.

Antes de ser iniciada a sessão, o guia da mesma toca um sino de metal chamando a todos para o início do trabalho. Homens e mulheres têm uma direção a ser seguida quando estão no Templo. Os primeiros sempre caminham à esquerda do Cruzeiro e as segundas à direita.

A primeira parte do Trabalho de Concentração inicia-se com todos de pé, em seus respectivos lugares. Cada um se benze, desenhando uma cruz imaginária na testa, na boca e no

⁶¹ A lua, para os daimistas, é a Dama da Noite, que rege os ciclos vitais terrenos e é a Grande Mãe Universal. É representada no Santo Daime pela Nossa Senhora da Conceição ou Rainha da Floresta. Mãe soberana e protetora, a Virgem da Conceição é a patrona desta doutrina, comandando toda sua legião de “soldados da luz” – os daimistas. Estes soldados são a organização fundada por Mestre Irineu que assumem a forma de um exército, formando os “batalhões” feminino e masculino. Os adeptos da doutrina se autodesignam “soldados da Rainha da Floresta”.

⁶² Outra ave que ganha destaque na doutrina daimista é o beija-flor. Este é uma ave-símbolo do Santo Daime, que representa a cura produzida pelo Daime, além de ser vista como um sinal da presença espiritual do Padrinho Sebastião.

peito, dizendo em voz baixa: “Pelo sinal da santa cruz, livrai-me Deus nosso senhor dos nossos inimigos”, fazendo então o Sinal da Cruz. Em seguida, reza-se o Pai Nosso e a Ave Maria geralmente três vezes e intercalados. O Pai Nosso é rezado de forma diferente, sendo do seguinte modo:

“Pai nosso que estais no céu,
santificado seja o Vosso nome.
Vamos nós ao Vosso reino⁶³,
seja feita a Vossa vontade,
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje, Senhor.
Perdoai as nossas dívidas,
assim como nós perdoamos os nossos devedores.
E não nos deixes, Senhor, cair em tentação,
mas livrai-me e defendei-me, Senhor, de todo mal.
Amém. Jesus, Maria e José”.

O dirigente da cerimônia⁶⁴, então, pede a todos que façam uma fila, com os homens à direita e as mulheres à esquerda para a distribuição do primeiro “despacho do Daime”⁶⁵. Os participantes se levantam e, em silêncio, se preparam para ingerir o líquido cor de barro que se aproxima. Nesse momento, as pessoas dentro do salão cantam os hinos de despacho da bebida sagrada. O ritual sempre terá um, ou mais de um, responsável pela distribuição da ayahuasca para todos os presentes.

A partir daí, todos voltam aos seus lugares, se sentam e começa-se o canto dos Hinos de Oração referentes ao Trabalho de Concentração, que são treze. Os hinários são acompanhados por violões, atabaques e maracás⁶⁶. Todos cantam freneticamente, com muita vontade e fé. Algumas pessoas ficam de olhos abertos e outras de olhos fechados. Dentro e fora do salão, os daimistas com funções de fiscais dão apoio aos novatos e zelam pelo bom andamento do trabalho, atendendo a possíveis ocorrências de percurso, e assistindo a todo aquele que por ventura lhe solicitar. De vez em quando, durante todo o trabalho, os fiscais da cerimônia vão

⁶³ Nota-se que é feita uma inversão no Pai Nosso cristão, o que quer dizer que é o fiel quem viaja até o reino dos céus, ou seja, o corpo fica, mas o espírito vai até o astral.

⁶⁴ A tarefa de comandar os trabalhos espirituais requer do guia muita responsabilidade. Qualificar-se para tal demanda um aprendizado com os mais antigos e um entendimento privado com as forças e entidades que habitam a bebida.

⁶⁵ Despacho é um termo nativo que representa o ato de se tomar o Daime.

⁶⁶ Este é um instrumento de poder do xamã ou pajé muito útil no acompanhamento musical dos hinos fazendo sua marcação rítmica, além de estabelecer a frequência favorável (mântrica) ao estado de consciência produzido pelo chá sagrado. O maracá também é considerado uma arma espiritual do guerreiro daimista, ou seja, tal como os hinos, ele, através da vontade humana direcionada, chama a Força para o trabalho, intensificando-a e fazendo-a vibrar, potencializando o poder espiritual. No Daime, ele é construído com uma lata pequena, bolinhas de metal e um cabo de madeira.

circulando os presentes, em sentido horário, lançando uma fumaça vinda de defumadores para purificação do ambiente e das pessoas que ali estão.

Depois de cantado o Hinário de Oração, dá-se início à segunda parte do trabalho. O guia da cerimônia reza uma prece chamada Chave de Harmonia, a seguir:

“Desejo harmonia, amor, verdade e justiça a todos meus irmãos.

Com as forças reunidas das silenciosas vibrações de nossos pensamentos, somos fortes, sadios e felizes, formando assim um elo de fraternidade universal.

Estou satisfeito e em paz com o Universo inteiro, e desejo que todos os seres realizem suas aspirações mais íntimas.

Dou graças ao Pai invisível por ter estabelecido a harmonia, o amor, a verdade e a justiça entre todos os seus filhos”.

Após essa oração, todos fazem um silêncio curto. O dirigente, então, reza uma prece denominada de Consagração do Aposento, permanecendo todos em um silêncio contínuo e profundo, de olhos fechados meditando e fazendo seus pedidos. Esta oração é feita com o intuito de pedir a proteção do ambiente ritual, transcrita abaixo:

“Dentro do Círculo Infinito que me envolve inteiramente, afirmo:

Há uma só presença aqui. É a da Harmonia, que faz vibrar todos os corações de felicidade e alegria. Quem quer que aqui entre, sentirá as vibrações da Divina Harmonia.

Há uma só presença aqui. É a do Amor. Deus é Amor que envolve todos os seres num só sentimento de unidade. Este recinto está cheio da presença do Amor. No Amor eu vivo, me movo e existo. Quem quer que aqui entre, sentirá a pura e santa presença do Amor.

Há uma só presença aqui. É a da Verdade. Tudo o que aqui existe, tudo o que aqui se fala, tudo o que aqui se pensa é a expressão da Verdade. Quem quer que aqui entre, sentirá a presença da Verdade.

Há uma só presença aqui. É a da Justiça. A Justiça reina neste recinto. Todos os atos aqui praticados são regidos pela Justiça. Quem quer que aqui entre, sentirá a presença da Justiça.

Há uma só presença aqui. É a presença de Deus, o Bem. Nenhum mal pode entrar aqui. Não há mal em Deus. Deus, o Bem, reside aqui. Quem quer que aqui entre, sentirá a Divina Presença do Bem.

Há uma só presença aqui. É a presença de Deus, a Vida. Deus é a Vida essencial de todos os seres. É a Saúde do corpo e da mente. Quem quer que aqui entre, sentirá a Divina Presença da Vida e da Saúde.

Há uma só presença aqui. É a presença de Deus, a Prosperidade. Deus é Prosperidade, pois Ele faz tudo crescer e prosperar. Deus se expressa na Prosperidade de tudo o que aqui é empreendido em Seu Nome. Quem quer que aqui entre, sentirá a Divina Presença da Prosperidade e da Abundância.

Pelo Símbolo Exotérico das Asas Divinas, estou em vibração harmoniosa com as Correntes Universais da Sabedoria, do Poder e da Alegria. A Presença da Divina Sabedoria manifesta-se aqui. A Presença da Alegria Divina é profundamente sentida por todos os que aqui penetram.

Na mais perfeita comunhão entre o meu Eu inferior e o meu Eu superior, que é Deus em mim, consagro este recinto à perfeita expressão de todas as qualidades Divinas que há em mim e em todos os seres.

As vibrações de meu pensamento são forças de Deus em mim, que aqui ficam armazenadas e daqui se irradiam para todos os seres, constituindo este lugar um centro de emissão e recepção de tudo o quanto é Bom, Alegre e Próspero”.

A seguir, o mesmo diz: “Vamos agora aprofundar nossos estudos”. As pessoas se levantam e, em fila, ingerem outra dose do Daime, voltando-se a cantar vários hinos. Estes podem ser do hinário recebido pelo Mestre Irineu ou do hinário recebido pelo Padrinho Sebastião, assim como algum hino pedido por alguém durante a sessão, que naquele momento sentiu a necessidade de ser cantado, ou ainda, um hino ou um hinário inteiro recebido pelos próprios fardados. Os hinos cantados são de acordo com a situação predominante na irmandade, que pode ser de desarmonia, doença, rebeldia, entre outras. É nesse momento que são “puxados” os hinos de conforto, firmeza, equilíbrio, cura, disciplina, etc. A sensação que dá é que os hinos cantados em cada trabalho são escolhidos de acordo com as impressões dos guias concernentes às necessidades espirituais do grupo naquele dia, pois sempre se tem uma surpresa referente aos cânticos.

Após isso, faz-se um silêncio meditativo, que é justamente a concentração do trabalho. Esta não possui um tempo determinado; ela fica a critério dos dirigentes da mesa de centro. Posteriormente à concentração, todos começam novamente a cantar diversos hinos. De tempo em tempo, entremeados aos hinos, o comando da sessão ou algum irmão designado para essa tarefa faz saudações que são respondidas em uníssono, tais como: “Viva o Divino Pai Eterno, Viva a Rainha da Floresta, Viva Jesus Cristo Redentor, Viva o Patriarca São José, Viva Nosso Mestre Império, Viva o Mestre Irineu, Viva o Daime, Viva Toda a Irmandade!”. Os “Vivas” podem ter várias conotações, sendo elas de exaltação, reconhecimento, ânimo e trazendo força espiritual. Várias vezes, durante a sessão, seja por causa de uma oração ou um hino em específico, seja na ora de louvor, fica-se de pé.

Durante o andamento do trabalho, os daimistas costumam se entreolhar podendo-se perceber no olhar deles se o trabalho está indo bem ou está passando por um momento difícil. Se o trabalho vai bem, eles sorriem entre si como se algo de bom estivesse acontecendo e, desse modo, com mais vontade eles cantam numa espécie de êxtase coletivo. Agora, se o trabalho está passando por dificuldades provindas da corrente da irmandade ou em função da carga de

energias desordenadas ou negativas que precisam ser transformadas pelo ritual em energias harmoniosas e positivas, os daimistas procuram na firmeza de seus corações e no mundo espiritual a fonte de poder para harmonizar a sessão. Portanto, é preciso “aprender a trabalhar com o Daime”.

Depois de todos já estarem “pegados”⁶⁷ por causa do Daime, é começada a terceira parte do Trabalho de Concentração. Ingere-se pela terceira vez o sacramento com a intenção de aprofundar mais os estudos. Porém, às vezes, nem todos ingerem novamente o Daime, pois os daimistas dizem que se deve tomar o chá de acordo com a necessidade interior que cada um sente. Cantam-se novamente vários hinos, e faz-se outra vez uma concentração. Terminada a meditação, a sessão já vai caminhando para o seu final. São iniciados os cânticos de encerramento do trabalho.

Embebidos num sentimento de plena harmonia pela realização de um dever bem cumprido, o trabalho é finalizado com preces cristãs e o pronunciamento de inovações. O comando da cerimônia faz a seguinte afirmação: “Em nome de Deus Pai, da Virgem Soberana Mãe, do Patriarca São José, do nosso Mestre-Império Juramidam e de todos os seres Divinos da Corte Celestial, está encerrado o nosso trabalho de hoje. Meus irmãos e irmãs, louvado seja Deus nas alturas”, e os demais respondem: “Para sempre seja louvado, nossa mãe Maria Santíssima sobre toda a humanidade”. Em seguida, os participantes trocam cumprimentos entre si, felicitando-se pelos desafios vencidos e os avanços alcançados em mais uma jornada do seu desenvolvimento espiritual.

Ocorreu um Trabalho de Concentração, particularmente interessante, que fugiu à regra da ritualística pertinente a este trabalho, devido à visita de membros do Santo Daime provindos do Céu do Mapiá. Ele se realizou de forma igual ao citado acima até a segunda parte da cerimônia.

Contudo, quando já estávamos entrando na terceira fase da sessão, o guia deu a orientação aos fardados para afastarem as cadeiras, pois se iniciaria ali um bailado, sendo uma atividade atípica para este tipo de reunião⁶⁸.

O bailado⁶⁹, conforme Groisman, consiste numa dança repetitiva, na qual a pessoa deve acompanhar sincronicamente o movimento coletivo, deslocando-se de acordo com o ritmo dos hinos e o movimento do grupo. O mesmo é composto por três gêneros de movimento: a marcha, a valsa e a mazurca. O mais usado é a marcha, executada com dois passos para a direita e dois

⁶⁷ Expressão utilizada pelos daimistas para exprimirem o momento em que os efeitos do Daime estão mais fortes.

⁶⁸ No Trabalho de Concentração busca-se o silêncio meditativo, com todos sentados, para a realização de um estudo interior. Por ser o bailado uma atividade que exige movimentos corporais, não é comum que se baile nos rituais de concentração.

⁶⁹ Para os daimistas, movimentar o corpo durante o bailado ajuda a metabolizar melhor o Daime.

passos para a esquerda, e acompanhada por três batidas do maracá para baixo e uma para cima (a chamada). Por sua vez, na mazurca gira-se o corpo 180 graus, na qual a pessoa coloca-se, num primeiro momento, de frente para sua esquerda e, num segundo momento, de frente para sua direita. Já na valsa, desloca-se apenas o tronco enquanto os pés ficam no mesmo lugar, seguida de duas batidas do maracá para baixo e uma para cima. O ato de dançar serve como um meio de estabelecer comunicação com os seres espirituais, homenageando-os, e, com isso, recebe-se a benção divina.

Homens e mulheres bailavam simetricamente e separados dentro de um espaço delimitado no chão do salão, pois a corrente de energia que circulará no ambiente deve fluir solta e equilibrada pelos hinos, cujas letras e melodias ajudam a guiar a viagem espiritual de cada participante. Para não prejudicar a corrente, só se falava o estritamente necessário e não se deixava o lugar do bailado por muito tempo. Caso a miração estivesse muito forte, a pessoa poderia sentar-se nas cadeiras à volta da mesa central, acomodando-se para vivenciar essa experiência produzida pelo chá do Santo Daime. Aqueles que estão no apuro, enfrentando passagens ruins (as peias), não é hábito dar nenhum tipo de tratamento especial, pois se confia na sabedoria da manifestação do Daime, que é agente de limpeza e cura⁷⁰.

A sincronia e o alinhamento das filas do bailado eram controlados pelos fiscais, os quais orientavam os participantes a manterem o ritmo certo com o objetivo de harmonizar o salão.

O bailado, conforme Sandra Goulart, é “construído, sobretudo, através da noção de ‘disciplina’. A idéia de ‘disciplina’ relaciona-se a toda uma reorientação do comportamento”⁷¹. Ele é associado pelos daimistas à formação de um batalhão de um exército, no qual cada adepto seria um soldado marchando ordenada e compassadamente. Nesse momento, cada um ali é guerreiro. E esta guerra, então, se converte em uma

“luta pela doutrinação e salvação; não quer destruir, mas transformar, integrar, e dar sentido à sua luta diária para ‘limpar-se da sujeira’ dos atos e pensamentos que contradizem os procedimentos recomendados. ‘Entrar na batalha’, ‘alistar-se no exército da rainha’ é reconhecer esta identidade espiritual, é praticar este engajamento, é acreditar, ter fé, ter confiança, é moldar seus comportamentos para se adaptar aos princípios doutrinários, suporte da transformação pessoal”⁷².

Sobre isso, *Girassol*, de dezenove anos, estudante de enfermagem, daimista há cinco anos, afirma:

⁷⁰ As expressões nativas – miração e peia – apontadas neste parágrafo serão analisadas mais detalhadamente em capítulo posterior.

⁷¹ GOULART, S. L. Op. cit., p. 294.

⁷² GROISMAN, A. Op. cit., p. 76-7.

“No bailado, a batida do tambor, do violão é tudo pra dançar. Ele tem essa história dos índios, de chamar a Força. O bailado ele chama muito a Força e os movimentos, cada tipo de bailado tem um porquê. A marcha é como o soldado, o soldado da rainha marchando. A valsa, dependendo do tom do hino, pode ser uma coisa fúnebre, uma coisa mais de emoção. E tem a mazurca que também tem um estudo, mas tem muito também dessa tradição dos índios, dos incas no ritual. Todo mundo ali é guerreiro da Rainha da Floresta, tentando limpar as coisas ruins que tão ali. Tem que ter confiança. É também uma coisa muito derivada, tem várias influências e tem uma função espiritual, que é justamente esse caracol que vai subindo assim como uma escada redonda. Na hora que a gente tá bailando, tá cantando, a gente vai sentindo aquela Força, então pra mim é muito bom, bailar, cantar, porque ajuda nos entendimentos”.

O tempo de duração do mesmo é determinado pelo tamanho do hinário a ser cantando no dia, podendo ir até o amanhecer, quando os daimistas gostam de admirar o sol que nasce no horizonte.

O bailado, segundo os praticantes, possui uma função espiritual, que passa por uma noção de corrente, onde naquele círculo que se forma dentro do salão, a irmandade divide suas energias com todos os presentes. Com relação a esse fato, *Salgueiro*, programador e analista de sistemas, na faixa dos quarenta anos, daimista a vinte, diz:

“O bailado faz aquela função do campo magnético. É como se o trabalho espiritual funcionasse como um gerador. A gente rodando pra lá e pra cá tá criando um campo energético muito forte. Então, a gente tá, ao mesmo tempo, soltando a nossa energia e focando a nossa energia ali dentro do trabalho. Todo mundo junto ali na corrente ajuda a aumentar esse campo energético, essa vibração que passa pra dentro e fora de nós todos. Ele traz essa sensação de corrente. É divino. Também tem esse lado de a gente se soltar, de soltar o corpo, soltar as energias, deixar tudo passar pela gente e esvaziar. Então o bailado libera tudo que tem de ruim, de negativo, de amarrado no nosso físico, no nosso emocional, no psicológico da gente. Ele solta mesmo”.

De acordo com os adeptos, o bailado envolve, além disso, uma noção de superação do corpo proporcionada ritualmente pela ligação com o plano espiritual. *Jequitibá* expressa esse fato em seu depoimento:

“É difícil me imaginar bailando sem cantar. Eu acho que o mais importante de tudo mesmo que eu não tivesse as minhas duas pernas, eu conseguiria me sentir bem dentro do salão se eu estivesse cantando o hino, mas o bailado, a energia do bailado faz com que a gente movimente essa nossa energia material e é um trabalho importante também, é diferente quando a gente faz o trabalho todo sentado, mas essa energia do bailado aos poucos vai nos ensinando a ter a superação das nossas forças, a gente acha que não vai agüentar ficar ali 12 horas bailando, mas agüenta, e a gente vê que essa energia, apesar de tá movendo a matéria, ela vem do espírito. A gente se supera na matéria e consegue conectar com essa energia, essa grande energia espiritual que é o que realmente nos move dentro de um trabalho espiritual. Então a gente consegue conectar isso. O bailado proporciona essa conexão através da

superação. À medida que você vai freqüentando os trabalhos, você vai vendo isso com mais clareza⁷³”.

Na verdade, todos esses procedimentos e condutas rituais dentro do Santo Daime são advindos do plano espiritual, os quais foram passados a Mestre Irineu pela Rainha da Floresta. Conforme Sandra Goulart, essa doutrina é entendida por seus fiéis como a “doutrina da Virgem e de Jesus Cristo”, sendo o Mestre Irineu um mensageiro de Jesus, e Cristo aparece estreitamente ligado a um vegetal.

A figura do Mestre Irineu é entendida como a de um ser graduado, iluminado, divino mesmo e, ao mesmo tempo, merecedor dos ensinamentos do plano astral, recebendo uma missão do mundo espiritual de transmitir a todos o poder e a força das plantas-mestre. Ele é tido como um pioneiro, um desbravador espiritual, que conseguiu fazer uma ligação com o plano espiritual e replantar essa doutrina, ou seja, trazer de volta à tona esse conhecimento que estava esquecido no mundo ocidental. É alguém que merece um enorme respeito por ter trazido essa fonte de conhecimento espiritual. Para *Carvalho*, Mestre Irineu é:

“um espírito super evoluído, um espírito de luz mesmo, que recebeu essa missão de decodificar essa história americana das plantas de poder pra cultura cristã, uma coisa que não tinha acontecido em 1.500, mas que tava acontecendo agora. É como se fosse mesmo o descobrimento do Brasil. O descobrimento da América pra mim é o Santo Daime. Na hora em que a ganância do pessoal de lá [os europeus] com o ouro cessou... Na verdade, eles chegaram aqui e não quiseram ver o que tinha. Eles estavam mais interessados em tirar o que eles julgavam ter valor, mas o valor das coisas mesmo que tinham aqui eles não viram. Foi o Mestre Irineu que viu e abriu isso. Pra mim, o Mestre Irineu foi quem recebeu essa missão divina de trazer esse conhecimento à tona pra nossa era. Então, pra um cara replantar uma doutrina dessa no mundo de hoje tem que ser uma pessoa de muita nobreza, de muita força. É isso que eu sinto dele. Depois de Jesus Cristo, pra mim, tem Mestre Irineu bem coladinho um no outro, tem uma conversa entre eles”.

Os adeptos da doutrina buscam em Mestre Irineu um professor, um guia, que conseguiu perceber o mundo espiritual em sua simplicidade. *Margarida*, de dezenove anos, praticante da doutrina há três, ao ser perguntada sobre este assunto, respondeu:

“Eu sinto ele como uma pessoa muito especial, que foi o escolhido mesmo pra tá voltando com a doutrina, pra tá recebendo e passando os ensinamentos pra gente. Ele tem uma importância muito grande pra doutrina. Ele representa um professor, um guia que traz muita firmeza. Quando a gente começa a esmorecer no trabalho, às vezes tá difícil sabe, é só você conectar com o mestre, que a firmeza vem na hora, um

⁷³ No ver dos daimistas, o ideal para a evolução individual e do grupo, é que as reuniões se realizem com alguma regularidade.

sentimento de proteção muito grande que eu sinto dentro de mim. Ele é uma pessoa próxima com certeza, eu não achava tanto no começo, mas depois que eu fardei, eu comecei a sentir muito mais a proteção. É uma pessoa como se fosse conhecido nosso”.

Por sua vez, é nos ensinamentos de Mestre Irineu que os fiéis embasam os seus princípios morais, bem como os objetivos a serem alcançados dentro de um trabalho espiritual e na vida cotidiana. A doutrina do Santo Daime é considerada, pois, uma grande escola.

Dentre os objetivos a serem alcançados nesta escola está o autoconhecimento, onde os adeptos irão procurar corrigir os seus defeitos numa busca incessante pelo amor e pela caridade. É a construção de uma vida pelo amor, para o amor e para o próximo. Os praticantes aprendem a viver em comunidade e a trabalhar uns pelos outros. É um trabalho interior que almeja a reconexão, a religação de cada um consigo mesmo e com o universo, com a criação, com o Criador, com o cosmos, com o todo. E é por meio da elevação da frequência vibratória⁷⁴ dos pensamentos em estado alterado de consciência que os daimistas acreditam se sintonizar com uma esfera dentro de um grau de evolução maior – a esfera divina. Sobre os objetivos da doutrina do Santo Daime, *Orquídea*, formada em Sociologia, na faixa dos quarenta anos, participante da doutrina a sete, afirma:

“Na verdade, o objetivo é a luz, é clariar, é ter um objetivo ecológico num sentido mais amplo também, além de buscar um entendimento, um caminho pra vida da gente. É buscar dentro da gente um reencontro com o todo”.

A doutrina também objetiva o fortalecimento da família, da amizade, bem como a busca de uma união entre todos para eliminar as influências negativas advindas tanto do plano físico quanto do espiritual, com o intuito de fortalecer a comunidade e a irmandade, além de procurar levar para as pessoas a cura tanto dos males do corpo quanto do espírito. Por conseguinte, o objetivo maior dessa escola seria o de mostrar a luz do Cristo a todos que quiserem enxergar, bem como a força da floresta presente no Daime.

Desse modo, o indivíduo, ao aderir ao Santo Daime, deve estar disposto a ter um comprometimento com a Igreja, com a doutrina, com a comunidade, a irmandade, a família e os amigos, assim como consigo mesmo, procurando dar o que tem de melhor em tudo. *Orquídea* expressa bem esse fato em seu depoimento:

⁷⁴ Esta é uma expressão nativa própria do espiritismo kardecista que faz parte da composição religiosa desta doutrina.

“Sou totalmente comprometida, eu entreguei minha vida à Igreja e à doutrina, porque o Mestre Irineu recebeu da Rainha da Floresta uma instrução que foi um pacote, foi uma coisa completa, tipo: tem esses dias de ritual, o ritual é assim, os hinos são assim, a roupa é assim, tudo direitinho. Bom, depois que eu vi isso, eu achei tudo maravilhoso, me bateu de um jeito, eu vi que era uma coisa que agia em todos os níveis. No nível material, tem os trabalhos que eu acho lindo. Eles têm uma coisa primorosa. Os festejos que são uma coisa brasileira, uma coisa de raiz, do índio, do negro, do branco. Eu acho aquelas roupas maravilhosas, folclóricas, da tradição mesmo. É muito bonito e, ao mesmo tempo, sem preconceito. As pessoas no Daime não têm nada pré-estabelecido, você não tem que ser assim ou assado, se você chegar a fim de trabalhar, a fim de tá junto, é muito gratificante. Então eu acho que já que eu entrei, tem que ter comprometimento. Eu não tô mais experimentando uma religião, aliás, eu nunca experimentei nenhuma, eu já li muita coisa, mas na hora que eu vi o Daime não tinha jeito, foi uma coisa assim muito visceral, é tudo. Não é questão de ser fanática, é porque o Daime é realmente uma coisa que te pede muito inteiro, é uma coisa difícil, é uma coisa muito forte, não é uma coisa pra você continuar indo e depois continuar sua vida normalmente, você tem que transformar muito; mas, por outro lado, a gente vai enxergando que aquilo é verdade, então você tem que ir. Claro que isso tudo foi uma luta, até hoje é. Mas hoje, do ponto de vista da doutrina, é claro que eu não deixo de fazer nenhuma obrigação minha com meus filhos, com a minha vida pra ir num trabalho, mas sempre que eu puder, eu acho fundamental ir. Eu acho fundamental saber tudo o que tá acontecendo, saber os hinos, ensaiar, cantar, eu acho tudo isso muito importante. E graças a Deus, quando eu conheci o Daime, eu já tava ficando mais em casa, tava meio sem obrigação na cidade, isso é muito importante, porque senão eu não ia dar conta, é uma coisa que exige da gente disponibilidade e tempo. Eu tinha que acabar com a minha parte na cidade pra poder tomar Daime, porque pra mim foi uma coisa muito total. Já a minha família é tudo pra mim. Eu dou o maior valor à família que eu nasci, à família que eu criei, que eu fiz, que eu formei, valor total. Pra mim são as pessoas mais importantes. Dou valor aos amigos, que são também meus irmãos. Eu sou muito ligada a isso tudo”.

Esse empenho com relação à Igreja e à doutrina chega a ser existencial, pois, conforme os daimistas, as dádivas recebidas são tantas, que se cria um comprometimento natural. Este é expresso na gratidão dos fiéis por terem a possibilidade de um aprendizado mais profundo ao fazerem parte dessa doutrina. É um sentimento de retribuição pelas graças alcançadas.

A noção de família no Santo Daime se torna um espelho para os praticantes da doutrina, além de uma fonte de aprendizado, onde os adeptos devem velar por ela, passar pelas dificuldades juntos, buscando resolver as adversidades que surgem. *Salgueiro* diz sobre a família:

“A família é uma coisa que nos dá a nossa relação social inicial, nos traz a referência básica pras nossas vidas. Ela nos traz também a questão do amor, do afeto, do carinho, da confiança. A família é o que nos ajuda a formar os nossos valores, os nossos princípios éticos”.

Por sua vez, os amigos são aqueles com os quais se compartilham as alegrias, as tristezas, os conhecimentos e os ensinamentos. Eles são os irmãos que compõem a irmandade do Daime.

De acordo com Mariana Franco e Osmildo da Conceição, há pessoas que discorrem sobre a descoberta de “coisas simples, como a vida familiar. (...) Outros falam da oportunidade que tiveram de, através da bebida, fazer novas amizades, ou atualizar as de antes. É visível a força das lealdades que surgem com a ayahuasca, construídas na experiência comum de abrir-se ao desconhecido”⁷⁵. Sobre a amizade, *Salgueiro* afirma:

“Os amigos, que são a família que a gente escolhe, trazem também valores como o amor, a lealdade, a confiança. A gente vê dentro do nosso círculo de amigos como é que as nossas ações repercutem, revertendo isso em benefício ou dificuldades dentro da nossa caminhada. Então, me traz esse tipo de conhecimento que ajuda a reforçar esses valores dentro da nossa evolução. E dentro desse conceito de amigo eu coloco a irmandade, que são amigos que muitas vezes a gente não escolheu diretamente, mas que traz uma coisa muito rica, porque às vezes você chega numa outra comunidade e é recebido como um amigo de muitos anos. Você facilmente faz amigos com uma profundidade muito grande. Então, a irmandade eu diria que tá num nível de amizade mais profunda, porque a gente passa a pertencer a uma família mesmo, à família espiritual. Na irmandade é como se todos fossem irmãos. Quando eu cheguei no Mapiá a primeira vez, eu fui recebido com um carinho enorme, um amor, e quem me recebeu foi quem depois ia fazer parte da minha família, que foi a família da minha esposa. E eu só fui conhecer a minha esposa inclusive anos depois, mas eu conheci a minha futura sogra. E já naquele primeiro momento eu fui recebido como parte da família, e eu nem tinha noção realmente que eu ia fazer parte concretamente daquela família. Espiritualmente a gente tem mesmo essa sensação, parece que a gente já se conhece de uma vida inteira ou de outras vidas. É uma coisa muito bonita”.

Nesse sentido, o Daime se torna uma fonte terapêutica para as mazelas do corpo e do espírito, podendo-se ingeri-lo em busca de cura para doenças, ou de “limpezas” no campo espiritual. Ele desintoxica o organismo e restabelece a saúde, além de servir para obter o diagnóstico e descobrir o tratamento adequado. O Daime, assim, é considerado o melhor remédio entre todos, bem como um guia para ser usado em situações cruciais, pois ele protege e orienta.

Na visão daimista, o ser humano estaria constituído por três dimensões: o Eu Superior, o Eu Inferior – igualado à noção de ego – e o Aparelho. Este seria o corpo físico do indivíduo. O primeiro seria a dimensão espiritual do homem, sendo que todos a possuem, mas por vezes a ignoram. E o segundo estaria composto pelos aspectos emocionais, sensoriais e intelectuais, os quais são díspares em cada indivíduo. Por sua vez, os praticantes da doutrina acreditam que o desconhecimento do Eu Superior provocaria, conseqüentemente, o desequilíbrio entre essas dimensões, seria a causa das doenças. Estar doente, então, é considerada uma oportunidade para parar, refletir e auto-examinar-se.

⁷⁵ FRANCO, M. C. P.; DA CONCEIÇÃO, O. S. *Breves revelações sobre a ayahuasca. O uso do chá entre os seringueiros do Alto Juruá*, p. 220.

A cura nessa doutrina se relacionaria, portanto, com o desenvolvimento espiritual do adepto e com a sua transformação moral, o que abre as portas para a ação terapêutica dessa planta de poder. A ayahuasca, assim, possibilitaria a cura de desequilíbrios físicos, mentais ou espirituais. Para os daimistas, segundo Maria Cristina Pelaez, “o Santo Daime seria um instrumento eficaz na cura das doenças, fundamentalmente da *doença espiritual* que seria a origem real e verdadeira das doenças físicas ou mentais”⁷⁶. Nesse aspecto, *Carvalho* afirma:

“A cura é principalmente espiritual. E por ser espiritual acaba sendo quimicamente também, porque a nossa química toda é regulada pelo espírito. Então, eu acho que quanto mais a gente acorda o nosso espírito, vai atuando, nossa química vai regulando, e aí vai curando agente. Não é a química do Daime que cura, é a gente mesmo que se cura quando permitimos que a química do Daime nos mostre, nos acorde. Fisicamente, você pode tomar e não sentir nada, não ver nada se você não quiser, não se dispuser a isso. Mas se você insistir mesmo em tomar o Daime, ele acaba te mostrando. A cura do Daime é espiritual, o resto é decorrência. Ele é um ser divino. É um ser que trabalha mesmo no nível espiritual. Eu não acho que é a química dele que resolve as coisas. O Daime, na verdade, reativa uma química nossa que provocou a doença porque falhou, tava fraca”.

Todo esse processo de cura, no entanto, se dá de forma lenta e muitas vezes dolorosa, pois o Eu Inferior, em suas variadas manifestações do ego, insiste em resistir a perder o comando das vidas dos praticantes e continuamente coloca empecilhos no caminho, apesar da decisão dos mesmos de crescer espiritualmente. Por isso, algumas vezes ocorrem retrocessos na jornada dos daimistas. Desse modo, a conduta de cada um é responsável tanto pelos conflitos quanto pelas harmonias experimentadas.

Os hinos utilizados nos Trabalhos de Cura invocam forças curativas e deixam os participantes mais receptivos aos processos de limpeza, à desobstrução dos canais para que a energia de cura possa fluir. O mais relevante de todo esse processo é o enfermo permanecer em total receptividade à ação da bebida, livre de dúvidas ou medos que gerem pensamentos e sentimentos inconvenientes.

Nesse aspecto, as noções de fé, merecimento e a intenção do sujeito ao tomar o Daime também estão ligadas ao processo de cura. Se o indivíduo não tiver uma boa intenção ao ingerir a bebida, a fé necessária e não fizer por merecer a cura, o mesmo só irá “tomar água pura, e ainda com a desvantagem de que pode estar amargo”⁷⁷. Isso porque, na visão dos daimistas, reside no chá um ser divino, um ser vivo, que, se a pessoa não o estiver tomando com o objetivo de se

⁷⁶ PELAEZ, M. C. Op. cit., p. 474.

⁷⁷ Essas palavras são de *Jequitibá* ao discorrer sobre o processo de cura no Santo Daime.

conhecer, de se entregar no trabalho ritual e com respeito, sai da bebida, e o que se engole é simplesmente um chá. Em seu relato, *Margarida* confirma esse fato:

“Eu acho que, em primeiro lugar, a cura é espiritual, porque a doutrina é toda ligada na parte espiritual. Agora, se você tem uma doença, e você acredita no poder curativo do Daime, tem boa intenção, tem fé, se você tá pedindo mesmo com vontade, se você tem merecimento, você ganha. Eu acredito que essa cura física também pode acontecer. Eu acho que cura tudo. O Daime é o curador das almas que tanta gente procura, e que tanta gente alcança, porque tem muita gente que tem história de cura no Daime, não só espirituais. Eu tive e tenho várias curas espirituais, por exemplo, o bloqueio que eu tinha com a minha família, eu não conversava com o meu irmão, e com o tempo foi tudo alinhando, foi curando essas coisas da parte espiritual. O Daime te dá uma proteção maior pra essas coisas. Tem o fator psíquico também. Se você acredita, a probabilidade de acontecer é maior. Então eu acho que funciona como uma cura, é um trabalho de cura, é uma cura que a gente tá recebendo”.

Há também o depoimento de *Girassol* sobre diversas curas ocorridas dentro do Santo Daime proveniente do seu uso ritual:

“O Daime cura em todos os níveis. O espiritual é o mais forte, porque ele te ensina, ele te dá força, te dá instrução. Fisicamente é muito grande também. A esposa do Padrinho da comunidade, por exemplo, teve um câncer maligno, tirou 80% do estômago, quase morreu, o médico não dava mais chance pra ela, tirou totalmente as esperanças. Daí ela fez nove trabalhos de cura com o Daime, ela operou e tal, curou, não tem mais nada. Foi uma cura que o médico ficou até espantado, ela não tinha salvação e ela curou totalmente. Teve um caso de cura mental com um cara lá de São Paulo, o médico de lá faz tratamento com os pacientes dele com a ajuda do Daime. Lá no Mapiá também tem curas mentais, curas assim de vícios. Tem um cara que fazia tratamento nos alcoólicos anônimos, aí ele foi no Daime e curou totalmente o vício dele, parou. Tem uma pessoa que tá indo no Daime também que mexia com cocaína, e parou também. Então, em todos os sentidos, o Daime faz bem: pro neném, pra quando você tá com insônia, toma um pouquinho do Daime. O Daime é igual um remédio que quando você tá com gripe você toma um colherzinha. É bom você ter o Daime de guarda em casa, porque às vezes você tá passando mal, você toma uma colherinha, você não vai mirar, aquilo vai ser só um remédio mesmo pra você. Às vezes você tem um machucado, você põe o Daime encima entendeu. Pra tudo o Daime é bom. Só que o Daime ele tem que ser usado com a intenção boa, igual ao pessoal que já usa por séculos. Tem gente que toma o Daime pra ficar doidão. Isso é errado. A cura vai depender muito da intenção da pessoa. Mas a cura espiritual é o objetivo mesmo da pessoa que vai pra doutrina, é pra curar espiritualmente, pra você ter os entendimentos. A cura espiritual é mais pra você usar os entendimentos, tem a peia pra depois você melhorar na sua vida, ganha um grau na espiritualidade. É aprender a trabalhar na Força, numa cura espiritual. Nessa cura espiritual você vai lá e tem os entendimentos de uma coisa que você fez e era errada, então ali você tá sofrendo uma cura espiritual. Pra essa cura espiritual ser completa ela tem que ser levada pro dia-a-dia. E essa é a maior dificuldade, porque ali você aprende, aprende, aprende e pra levar pra vida é o mais difícil, você praticar aquilo que você aprendeu”.

Relacionada à idéia de cura, está a questão da incorporação⁷⁸ ou, como dizem os adeptos, do aparelhamento de guias espirituais ou de espíritos desencarnados que ainda precisam de “doutrinação e luz espiritual”, considerado por alguns como um instrumento realizador da cura. Conforme Beatriz Caiuby Labate, esta estaria ligada a uma noção de caridade espiritual, consistindo em doutrinar os espíritos sofredores por meio dos hinos, leituras e preleções ou, então, deixá-los incorporar para que expressem sua dor e, deste modo, evoluam. A caridade, por sua vez, pode ser compreendida de outra forma, isto é, de cada um para consigo mesmo, pois, de acordo com estas crenças, “o desenvolvimento espiritual é uma necessidade para o equilíbrio do médium, o que significa: alguns médiuns que não desenvolvem a sua mediunidade em determinados casos podem acabar se prejudicando, através de doenças ou malefícios”⁷⁹.

Há casos em que a cura é vista pelos fiéis como uma graça, uma dádiva mesmo, alcançada para além do próprio merecimento do indivíduo. Nesse ponto, o Daime mostraria a sua imensa misericórdia com relação aos que o procuram como agente curador. *Salgueiro* demonstra esse fato em seu relato, ao dizer:

“A cura no ritual tá como uma possibilidade. Ela aparece dentro do trabalho ritual como uma possibilidade concreta que cada um pode alcançar, mas que depende muito do esforço de cada um. Ela vem muitas vezes até como uma dádiva. Em certos momentos, a gente percebe que ela tá chegando pra além do nosso merecimento, mas ela exige nosso esforço antes, durante e depois. Antes, no sentido de que a gente tem que tá buscando, a gente pede, faz essa rogativa pra poder alcançar uma cura, uma transformação num aspecto que a gente esteja precisando. O durante é quando a gente realmente vivencia esse processo, você percebe que o Daime te dá isso, ele oferece a cura para além do nosso merecimento. Ele te dá essa oportunidade. Ele te mostra a tua doença e te mostra como você pode ficar sem essa doença. Ele transforma. Ele faz a cura acontecer. E o depois é o agradecimento, que é necessário e mostrado nos hinos, pela cura alcançada, pela graça recebida. E é um agradecer não só de palavras, de pensamentos, de ações, mas, principalmente, no sentido de compreender o que tava causando aquela doença e não repetir mais aquilo, pra que aquela doença não volte novamente”.

Nesse sentido, os rituais de cura são verdadeiros campos de batalha espirituais. Há uma ênfase constante na necessidade de coragem, entrega e confiança. O adepto de vê estar “firme”,

⁷⁸ O fenômeno da incorporação se dá, geralmente, nos rituais de Mesa Branca dentro da doutrina, podendo ocorrer também em outros tipos de trabalho. Há espaço nesse ritual para que o praticante possa conhecer os guias, orixás e entidades espirituais, positivas ou negativas, que o acompanham. Tais guias não são necessariamente incorporados, o que equivale dizer que eles podem simplesmente ser sentidos ou intuídos pela pessoa, fazendo parte do processo de autoconhecimento do sujeito. Seria interessante, nesse sentido, fazer um estudo mais detalhado da linha umbandista dentro do Santo Daime, ou o que eles denominam de Umbandaime.

⁷⁹ LABATE, B. C. Op. cit., p. 244.

se “compor em seu lugar” para agüentar a força do Daime e suportar o “balanço” que virá⁸⁰. Para Groisman, “o rito tem como objetivo desencadear as forças espirituais coletivas para combater os causadores espirituais das doenças e da ‘desarmonia’. Para os daimistas, esta é uma espécie de guerra cósmica, um confronto entre as forças espirituais positivas e as forças espirituais negativas”⁸¹.

Pude perceber divergências nos depoimentos quanto à questão da cura estar embebida no ritual ou não. Alguns daimistas dizem que a cura se dá na batalha espiritual travada dentro ritual, devendo o indivíduo, após os trabalhos, levar consigo os ensinamentos recebidos para sua vida cotidiana e aplicá-los, para que a cura se dê eficazmente. Inicialmente, o sujeito faz uma limpeza, tomando o devido cuidado na hora em que a estiver fazendo, pois o mesmo deve entender o que é aquilo que está sendo retirado para depois não fazer novamente. A cura, então, só acontece realmente depois que se pratica o que foi entendido. *Azaléia*, estudante de farmácia, de 32 anos, freqüentadora da doutrina a três, ao ser perguntada sobre o tema da cura, alega:

“Com certeza a cura tá ali no ritual. Ela acontece dentro da força do ritual mesmo, no trabalho espiritual. Quando a gente faz o ritual, a gente pede a cura, mas é lógico que quando você sai dali você tem que trazer consigo a fé de que você tá sendo curado, tá sendo tratado. Isso é muito importante também pra todos nós que estamos passando por isso, porque não adianta nada você ir pra lá pedir a cura se não tiver a fé mesmo, se não acreditar que tá recebendo. Não adianta nada você tomar a bebida e ficar viajando no trabalho, porque aí também não tem o merecimento. A pessoa que vai e tá lá no trabalho seguindo e tal, ela tem mais chances de aprender, de receber as curas. Eu acho que a cura se dá dentro do trabalho e depois quando você já tem o ensinamento e segue, porque vai te modificar se você conseguir mudar junto com a vida. Se você tem algum bloqueio, você perde, e aí alguma coisa vai evoluir, você abre caminho pras coisas chegarem. Ninguém se cura de uma hora pra outra. É um processo mesmo. A pessoa aprende e passa pra vida, aí que a coisa acontece realmente. Então, com certeza, tudo caminha junto tanto dentro do trabalho quanto lá fora, também faz parte”.

Outros daimistas já afirmam que a cura está no interior da própria pessoa. Sobre esse fato, *Carvalho* coloca:

“A cura, pra mim, tá dentro da pessoa, da sua disposição de encarar a verdade, de destravestir as suas armadilhas do ego. A cura tá na transformação, não tá no ritual, não tá em nada, tá na própria pessoa”.

⁸⁰ O balanço é a própria força da bebida. As noções de firmeza e balanço estão ligadas a um ideário de guerra, de batalha astral, onde os daimistas são os soldados que devem lutar com disciplina e firmeza contra os perigos espirituais e as dúvidas e incertezas que “balançam” a fé de cada um.

⁸¹ GROISMAN, A. Op. cit., p. 115-6.

Essas divergências que surgem, no entanto, estão antes nos detalhes do que no quadro geral, sendo fruto dos modos particulares de cada indivíduo viver e interpretar os fatos.

Ao meu ver, se um fiel vai a um Trabalho de Cura no Santo Daime, recebe e acredita nos ensinamentos de acordo com a sua própria crença, levando-os para o seu dia-a-dia, e, com isso, vai se transformando continuamente, é sinal de que está se autoconhecendo e encarando seus defeitos. O que ocorre, na verdade, é que esses dois pontos de vista acabam convergindo para uma coisa só.

Sendo assim, conforme Pelaez, “as vivências rituais, apresentando-se de maneiras muito diversas, confrontariam a pessoa com a fragilidade e finitude da sua matéria e com um inequívoco sentimento de eternidade e unidade com todo o universo. Para os daimistas, estas experiências, que por suas características podemos denominar de transcendência, teriam um grande poder curativo, pois produziriam radicais e positivas mudanças nos seus valores e estratégias de vida”⁸².

1.5 – Um relato pessoal

Com base no que foi exposto acima, gostaria de dividir com os leitores a primeira vivência que tive nesta jornada dentro do Santo Daime, que me ajudou a entender os meandros desta singular experiência da religiosidade daimista.

Minha primeira experiência com o Daime, como já foi dito anteriormente, ocorreu em março de 2005. Fui para ela, confesso, com um pouco de medo e, ao mesmo tempo, receosa por se tratar de uma abordagem participante relacionada ao consumo religioso de um psicoativo.

Cheguei à Igreja ao anoitecer, com um frio na barriga, mas também feliz por estar ali. Lembro-me que o céu estava estrelado. Cumprimentei a todos, fui trocar de roupa e me preparar física e espiritualmente para o início da cerimônia.

Tocado o sino, todos se dirigiram ao Templo sentando-se em seus lugares, e eu me sentei em uma cadeira indicada por uma fiscal. Todos ficamos de pé e rezamos dando, assim, início ao Trabalho de Concentração.

Fui para a fila das mulheres tomar aquela bebida sagrada com as mãos meio trêmulas e imaginando qual seria o gosto daquele líquido marrom, cor de barro, que estava tão próximo a cada passo que eu dava em direção a ele. Chegada a minha vez, o dirigente da sessão olhou bem dentro dos meus olhos e me serviu um copo cheio. Com o passar do tempo e a frequência com

⁸² PELAEZ, M. C. Op. cit., p. 483.

que vamos aos trabalhos, percebemos que, ao olhar para nós, o guia da sessão sabe exatamente qual a dose ele deve nos dar, como se enxergasse através da gente⁸³. Concentrei-me, com todo o respeito, e tomei de uma só vez, sem respirar, num impulso, sem saber o que aquele “vinho das almas” estava guardando para mim.

Voltei serenamente e de cabeça baixa para o meu lugar, esperando o começo do Hinário de Oração. Os fardados deram início aos cânticos e me emprestaram um caderninho com os hinos para eu acompanhar. Comecei a cantar e, depois dessa primeira dose de Daime, senti os primeiros efeitos. Ocorreu um formigamento e uma dormência no corpo e minha pressão ficou um pouco baixa, com uma eventual moleza no corpo.

Foi, então, que o dirigente disse: “Vamos aprofundar nossos estudos”. Dirigi-me novamente à fila para tomar a segunda dose de Daime. Os efeitos do chá começaram a ficar intensos e incontrolláveis. Nas horas que todos ficavam de pé, tinha que me controlar e lutar contra a moleza no corpo. Enquanto estava sentada, vários pensamentos vinham à minha mente de acordo com as letras dos hinos que iam sendo cantados. Parecia haver uma sintonia entre os meus pensamentos e as letras. É impressionante como os hinos se encaixam perfeitamente com os momentos em que estamos felizes ou passando por dificuldades. Se estamos com a mente vagando, pensando em coisas ruins ou perecendo física e espiritualmente durante o trabalho, vem um hino clamando por firmeza; e se estamos alegres e em plena harmonia com nós mesmos, surgiu um hino enaltecendo o amor.

A dormência e o formigamento aumentaram. E, em meio a esse processo, veio uma peia muito forte. Comecei a lutar comigo mesma, com os meus pensamentos, com os efeitos físicos que me atormentavam. Vários momentos da minha vida se passavam em minha cabeça, como se o Daime quisesse me dizer algo. Ele dizia: “Você tem que corrigir os seus defeitos, rever os seus princípios, os seus atos, rever a sua vida”. O Daime funcionava como um elucidógeno. Foi neste ponto que, acometida por uma náusea irrefreável, como se meu estômago fosse sair pela boca, eu me levantei depressa para vomitar, para fazer uma limpeza como dizem os daimistas. Uma fiscal veio ao meu encontro para me amparar e me dar orientações de como lidar com aquilo. Senti que devia expurgar aquilo que estava dentro de mim, uma coisa desagradável, como uma mágoa que você guarda de alguém e aquilo fica te remoendo por dentro. Senti não só um vômito físico, mas também espiritual, como se tudo de ruim que estivesse presente dentro de mim naquele momento

⁸³ Ao se tomar o Daime, o copo deve ser totalmente esvaziado. Recomenda-se que a pessoa guarde silêncio e reverência, evitando conversas posteriores à tomada do sacramento. Às vezes, a pessoa pode pedir a quantidade que quer tomar a quem está servindo, e os que vão exercer tarefas no ritual podem pedir menos Daime. Depois de tomá-lo, os participantes no ritual devem “se firmar no seu lugar”, ou seja, ocupar sua posição no rito e entrar na corrente espiritual.

fosse expelido. E isso foi sentido por mim durante toda a 2ª parte da cerimônia. No decorrer desta, parecia que todos os meus pensamentos e sensações desconfortáveis eram inundados por uma paz interior e por reflexões de toda a minha vida. Eu sentia que estava sendo tocada por uma força muito intensa, viva, penetrante, “violenta”, energética, densa, enfim, avassaladora, a qual percorria todo o meu ser de uma forma inimaginável e indescritível.

Enquanto isso, os cânticos eram por mim escutados e uma sensação incontrolável tomou conta de mim. Eu escutava os hinos e as vozes das pessoas dentro da minha cabeça, como se fosse um mantra, além de parecer que havia uma orquestra inteira cantando e tocando ao redor daquele povo ali reunido. Sentia um vento gelado no meu pescoço, como se alguém estivesse soprando minha nuca, porém eu sentia um calor intenso no meu corpo, como se estivesse fervendo por dentro. Foi aí que ocorreu a miração. Meu corpo começou a sumir da cadeira onde estava sentada, era como se eu estivesse flutuando, eu não o sentia mais. Meus olhos ficaram pesados e eu não conseguia mais mantê-los abertos. Cada letra presente naquele pequeno caderno embaralhava-se e, então, por uma força maior do que a minha, meus olhos se tombaram e imagens começaram a bombardear minha mente. De repente, as vozes sumiram e fiquei em um silêncio surdo, onde só escutava a voz do meu coração. Sentia-me como se estivesse entrando em contato com uma profunda espiritualidade, maravilhosa e rica em conhecimento, algo experimentado somente em estado alterado de consciência, algo pertencente a um plano superior. Era como se estivesse de olhos abertos, mas estes estavam cerrados. Comecei a entrar num túnel de luzes, com figuras geométricas e cores muito intensas que se movimentavam como num caleidoscópio, além de sentir cheiros que pareciam de flores ou plantas e sons que não faziam parte da situação em que me encontrava presente. Era como entrar num outro universo, tranqüilo, sereno, de uma profunda paz. A cada segundo em que eu ia entrando nesse universo desconhecido, me sentia confortável e acolhida. O medo foi embora. Muitas sensações eram insufladas em minha mente, as quais proporcionavam um efeito de transcendência, onde meu ego era dissolvido brutalmente e eu só enxergava o todo. Digo na minha mente, pois a esta altura eu já não mais sentia o meu corpo físico. Era uma sensação de total destacamento do mundo material.

Em decorrência deste processo, comecei a sentir um êxtase profundo, uma felicidade, uma alegria em grande escala, algo impossível de se descrever. Minha vontade era adentrar cada vez mais no túnel e ver o que ele tinha para me mostrar. Estava ficando cada vez mais distante do mundo ordinário. Não sabia nem há quanto tempo estava vivendo essa experiência. Minha noção de tempo e espaço foi arrancada de mim. Foi quando, por um breve instante, senti um medo profundo do desconhecido e tudo foi cortado num piscar de olhos. Voltei a abrir os olhos, senti

meu corpo novamente, e me coloquei outra vez em contato com a realidade em que estava inserida. Já não conseguia nem disfarçar a minha alegria, era só sorrisos. Aquele líquido sagrado, como dizem os daimistas, tinha modificado a minha percepção de ver as coisas numa proporção inimaginável e, com isso, me ajudou a perceber o significado intrínseco da experiência religiosa dentro do universo daimista.

Voltei a cantar os hinos e ficava pensando no que tinha ocorrido. De repente, ouvi o guia da sessão dizendo que já era hora de tomar o Daime pela terceira vez. Um arrepio me subiu pela espinha, e eu pensei: o que será que vem agora? Tomei o Daime e voltei para o meu lugar. As sensações voltaram a se intensificar, e meu corpo parecia querer sumir novamente e eu respirava fundo tentando controlar a sensação. Mantive-me “sóbria”, mas continuava a sentir no meu corpo percepções externas que me envolviam de uma forma estonteante. Queria me entregar outra vez, mas sentia medo. Era tudo novo pra mim. Contudo, sentia uma paz e uma felicidade extraordinárias. Queria abraçar todo mundo, dizer que eu estava bem e compartilhar com todos minha alegria e satisfação. Isso não só com os daimistas, mas com todas as pessoas mais próximas de minha convivência.

A cerimônia continuou com sua riqueza de ensinamentos, mas já estava caminhando para o seu final. Começaram os hinos de encerramento do trabalho. Fui cantando e deixando as sensações me embalarem. Terminado o Hinário, o comandante daquele barco avisou para os seus tripulantes que o trabalho dava-se por finalizado, e, repentinamente, num piscar de olhos, todos os efeitos do chá cessaram. Todos rezaram e agradeceram as dádivas recebidas naquele dia.

O povo ali reunido se levantou de suas cadeiras e abraçaram-se, felicitando uns aos outros por mais uma batalha vencida. Todos me olhavam com um ar de interrogação talvez pensando: “o que será que aconteceu com ela?”. Fui cumprimentar a todos com um sorriso nos lábios, pois era a única coisa que eu tinha vontade de fazer naquele momento. Estava inundada por um sentimento de felicidade que queria compartilhar com todos aqueles estranhos ali presentes. Porém, simultaneamente, não os sentia como estranhos. Sentia-me confortável, como se já conhecesse todas aquelas pessoas.

Cheguei em casa, estava cansada, afinal de contas era quase duas horas da manhã, mas não consegui dormir. Fiquei relembando a história que havia se passado comigo naquela noite, tentando montar o quebra-cabeça do que foi vivido lá naquela igrejinha, num esforço de reflexão sobre o sentido da experiência religiosa para os daimistas. Foi, então, que um súbito sono se apoderou de mim e adormeci.

Capítulo 2 – Um estudo sobre a experiência místico-religiosa na comunidade daimista

2.1 – Algumas considerações iniciais

Antes de adentrarmos ao tema da experiência místico-religiosa dos daimistas, devemos esclarecer o sentido adotado por nós dos termos místico, mística, experiência e experiência mística, assim como da linguagem utilizada para expressar tal experiência.

O termo místico aqui se refere às verdades inefáveis, ocultas, às verdades mais profundas, objeto, portanto, de um conhecimento mais íntimo da natureza divina, obtido a partir da união vivida com a divindade e de sua operação em nós.

Para a teóloga Evelyn Underhill, a palavra mística seria a expressão da tendência inata do espírito humano à completa harmonia com a ordem transcendente, seja qual seja a fórmula teológica com a qual se compreende essa ordem⁸⁴.

Segundo Edênio Valle, com sua abordagem psicológica, o sentido mais básico do significado da palavra experiência refere-se à apreensão que os sujeitos fazem da realidade, isto é, tem a ver com o modo de sentir, conhecer e fazer do sujeito. Em outras palavras, é uma forma imediata de “saber” que precede o enjuizamento reflexivo do objeto apreendido. Já num sentido mais amplo, o termo experiência estaria relacionado com uma percepção empírica e imediata das coisas, das pessoas e do mundo, mas também de si próprio ou de Deus e do sagrado, ou seja, “é um conhecimento ‘diferente’ que nos atinge mais fundo, por se relacionar diretamente com o que nos está tocando, sem intermediações”⁸⁵.

O autor utiliza um termo da língua alemã em suas explicações – *erlebnis* – que pode nos dar uma noção mais clara do que vem a ser o sentido adotado por nós da palavra experiência. Este termo, conforme indica Valle, é construído a partir da palavra *leben*, que significa vida. Isso quer dizer que na língua alemã, sempre que há referência à idéia de experiência, esta é expressa como algo fundo, algo vivenciado desde dentro e dotado de um sentido ou valor evidente em si para o sujeito, eles dizem *erlebnis*. E isso com o intuito de indicar que se trata de uma experiência que é mais vivenciada pela pessoa do que ensinada ou apreendida desde fora.

⁸⁴ Apud. VELASCO, M. J. *El fenómeno místico*, p. 23.

⁸⁵ VALLE, E. *Experiência religiosa: enfoque psicológico*, p. 38.

No caso da experiência religiosa, tomando emprestado esse termo de origem alemã, o sujeito, ao invés de se colocar de fora e apenas presenciar o que um grupo de fiéis experimenta numa cerimônia religiosa por exemplo, ele vai se deixar tocar pelo entusiasmo religioso dos demais presentes, bem como poderá ser inteiramente tomado pela atmosfera exaltante da efervescência mística do encontro com o divino.

Para Edênio Valle, a experiência também admite uma espécie de antecipação da coisa experimentada. A experiência, desse modo, seria anterior à sua predicação. É como se o indivíduo soubesse de sua experiência “pré-predicativamente”. A vivência do sujeito, então,

“passa a ter uma permanência dentro dele. Pertence-lhe como algo que faz parte dele próprio. É em um segundo momento que a experiência se complementa e se totaliza predicativamente. Além disso, deve-se lembrar que a ‘experiência’ não é redutível a um sentimento, uma memória ou idéia, embora possa abarcar também essas dimensões. A experiência é algo profundo do sujeito que a percebe, podendo envolver sentimentos e noções.”⁸⁶

Isso acaba por abrir precedentes, segundo o autor, para o caráter por vezes inefável de algumas experiências profundas, como, em especial, as de natureza religiosa. Por conseguinte, “o indivíduo ‘percebe’, ‘sabe’, ‘conhece’, com clareza, mas sem poder expressar o quê e o como do que vivencia. Sem se opor à razão, a experiência tem, portanto, outros pontos de apoio, que não obstante sua obscuridade lhe conferem um intenso grau de veracidade humana”⁸⁷. Isso significa dizer, que a experiência não é irracional, pois envolve todas as faculdades humanas como os sentidos, a emoção, a inteligência, a vontade, etc.

Essa dimensão mística, na visão de José Jorge de Carvalho, “toca o reduto possivelmente mais crucial do saber humano (...): a possibilidade de se alcançar uma consciência cósmica, ou superconsciência, que transcenda definitivamente as limitações da consciência racional (...) e que possa prover-nos com uma compreensão acabada da unidade que subjaz ao Todo”⁸⁸.

Nesse sentido, o significado perfilhado de experiência mística neste trabalho será, portanto, o de Juan Martín Velasco⁸⁹, que faz referência à mesma como sendo experiências interiores, imediatas e fruitivas, as quais têm lugar em um nível de consciência que supera a que rege a experiência ordinária e objetiva, da união – qualquer que seja a forma em que se a viva – do fundo do sujeito com o todo, o universo, o absoluto, o divino, Deus ou o espírito⁹⁰.

⁸⁶ Ibid., p. 41.

⁸⁷ Ibidem.

⁸⁸ DE CARVALHO, J. J. Op. cit., p. 73.

⁸⁹ Teólogo espanhol. Se tornou Sacerdote em 1956. Doutor em filosofia por Lovaina. É professor de fenomenologia da história da religião na Universidade Pontifícia de Salamanca desde 1970.

⁹⁰ VELASCO, M. J. Op. cit., p. 23.

Segundo Von Hügel, o elemento místico se embasa, dessa forma, na presença ontológica e na penetração ativa do Espírito infinito no espírito finito. Ele seria, pois, um elemento especial, irreduzível a qualquer outro elemento, que se cristaliza em uma atitude de recolhimento, intuição e emoção, originada por essa presença e ativada por sua ação. Além disso, atua em graus infinitamente variados em toda alma suficientemente aberta e a faz pressentir, desejar, chamar e, em último grau, tocar, por experiência direta, nos bens finitos que a rodeiam, sendo que depois, na própria alma, o Infinito que sustenta esses bens por dentro, os penetra e os transborda⁹¹.

Vemos, com isso, a importância que as vivências internas (a dimensão da subjetividade) do indivíduo tem quando este experimenta o encontro com o transcendente. É como se o ser humano só pudesse conhecer o divino afastando seus sentidos e sua mente do mundo da experiência externa e concentrar suas energias na realidade interior. O homem somente percebe sua verdadeira natureza nessa penetração de sua própria intimidade. Quando se possui um conhecimento de si mesmo, como diriam os daimistas ao afirmarem que sua doutrina é pautada em um auto-conhecimento, tudo no homem fica iluminado ao destruir as ataduras de seu coração e transcender sua finitude.

Neste contexto, a intuição tem uma importância fundamental na mística. É um conhecimento obscuro da linguagem mística, por não se reduzir à expressão conceitual e fazer parte somente do íntimo da pessoa que a sente.

De acordo com Valle, o pensamento intuitivo estaria no centro da experiência religiosa, o qual aparece de forma não-controlável e “irrepetível”. Por sua vez, sua primeira associação se faz com os sentimentos prazerosos ou molestos, bem como com os símbolos que derivam dessas sensações, e não com a lógica e o discurso.

O saber místico “é um saber não sabendo”. Daí a importância do símbolo. Este sempre se remete a algo que tem uma reverberação emocional. A linguagem simbólica é polissêmica. Ela diz mais do que está ali. Ela dá expressividade à linguagem.

Dessa maneira, o recurso ao símbolo, no sentido de que é capaz de iluminar zonas ocultas, profundas da própria realidade do sujeito, não é apenas um recurso de embelezamento da linguagem, mas do ser humano. É uma linguagem intrínseca. É como se o símbolo permitisse ao homem transcender os dados concretos e particulares das ciências empíricas e elevar-se a uma experiência do absoluto.

Girgensohn afirma que um segundo elemento essencial da experiência religiosa são as funções do ego, estando estas em conexão com a intuição. O autor alega que, ao ser colocado

⁹¹ Apud. VELASCO, M. J. Op. cit., p. 30.

ante o desafio de sentimentos e “idéias” novas, o ego responde primeiramente de modo puramente “intelectual”, e usa para tanto os recursos aprendidos em outras situações de aprendizagem. Ou seja, é como se fosse uma espécie de “apropriação” intelectual da experiência. Porém, com o tempo e o aprofundamento, conforme o autor, “o assentimento cognitivo dá lugar a uma apropriação genuína. (...) Neste contexto ou situação, o ego é convocado a tomar uma posição. Essa pode ser tanto de ‘resistência’ ao divino que irrompe quanto de ‘auto-entrega’ confiante nele”⁹².

Nesse sentido, confiar, na visão do autor, seria, inicialmente, o ato de abrir-se e desvelar-se ao objeto que inspira confiança; e, num segundo momento, seria entregar-se de modo permanente a este objeto, sustentado pela certeza de que poderá agir de modo íntegro. Por conseguinte, ao se evoluir a relação dinâmica entre o ego e o objeto, “surgiria uma correspondente transformação no próprio ego. Quanto mais inteira e sem reservas for essa relação, tanto mais o ego, inspirado e guiado por ela, se sentirá crescer em poder e profundidade. O momento culminante e paradoxal de tal crescimento será aquele no qual extaticamente o ego se perceberá como totalmente dissolvido”⁹³.

Em vários relatos dos daimistas percebemos essa tendência a uma dissolução da individualidade e, conseqüentemente, uma sensação de envolvimento e conexão com o todo. *Girassol* expressa isso claramente em seu depoimento:

“Uma das sensações que eu experimento quando eu tô num trabalho lá na Igreja é a de um conhecimento de que tudo está em tudo, de que tudo está realmente em cada coisa; é uma experiência de união com o todo”⁹⁴.

Sendo assim, o visível e o invisível, o material e o imaterial não se opõem mais como contrários, mas são um fluxo de sensações de uma única realidade indivisível.

Quanto à linguagem mística, esta é marcada por transmutações, ela desnatura a língua. Esta, por sua vez, se destaca da sua função. Atormenta as palavras para fazer-lhes dizer o que literalmente não pode ser dito. A palavra torna-se mais forte do que ela é. Abarca outros âmbitos. Quebra a gramática. Os vocábulos sofrem transmutações, transgressões operadas no interior de vocábulos tomados da linguagem normal; são elevados para expressar a experiência mística, além de, em determinados momentos, serem criados vocábulos novos para expressar

⁹² Apud. VALLE, E. Op. cit., p. 54.

⁹³ Ibid., p. 54-5.

⁹⁴ Esta idéia de holismo presente na doutrina do Santo Daime pode ser conferida no artigo de CAMURÇA, M. A. *Combate do Império de Juramidan contra as seduções do ego: tentativas de leitura do discurso holista da doutrina do Santo Daime*.

algumas experiências. Ou seja, há uma constante tendência a levar o sentido primeiro dos mesmos até o limite de sua capacidade significativa e à utilização simbólica de todos eles, além do recurso a diversas metáforas.

A língua passa a traduzir o que não poder ser traduzido, mas nem todos estão aptos a entender essa linguagem atormentada. E outros nunca vão conseguir compreender. Pois na mística há uma aristocracia espiritual.

A linguagem mística é alusiva. Ela evoca. Aponta. Ou seja, alcança-se uma experiência profunda, densa através das alusões. Sendo assim, o místico não fala de Deus como um teólogo, mas fala como alguém que fez uma experiência com Deus. Ele busca tornar sensível a experiência, o inefável. Quando se vivencia a experiência com Deus, com o Mistério, Ele torna-se o Amado. Abre-se o coração para Ele⁹⁵.

A linguagem mística é também uma linguagem de paradoxos. Contraditória. Para Velasco, ela é paradoxal no sentido de que os místicos dizem expressões que vão contra a opinião corrente que tem vigência no mundo e na vida ordinária, e que a experiência mística tende a subverter. Segundo o autor, o místico sente a necessidade de romper com os conceitos ordinários e com as idéias recebidas e propagadas como expressão da natureza de Deus, como primeiro passo para despertar a eminência da realidade com a qual, mais além de todos os conceitos, porém através deles, entrou em contato por meio da experiência contemplativa com o inefável.

Conforme Velasco, a linguagem em questão é também uma linguagem de antíteses, ou seja, estas se referem ao fundo da alma, a divindade, ao sagrado, à sua ação sobre o homem ou à resposta deste a sua presença. São uma forma de expressar a incapacidade de aludir, com os termos vigentes na experiência ordinária, a experiência singular que o homem vive e, especialmente, o conteúdo da mesma.

É também uma linguagem auto-explicativa De acordo com o mesmo autor, ela é auto-explicativa porque o sujeito fala sempre em primeira pessoa, isto é, uma frase que expressa a alegria, por exemplo, supõe que o sujeito experimenta tal alegria. Dessa forma, os atos expressivos da linguagem comprometem o sujeito com a sua própria subjetividade, com seu próprio estatuto existencial. A linguagem dos místicos é a expressão de uma experiência interior, assim como toda linguagem de fé. Quando um crente afirma crer em Deus, ele não faz somente um enunciado sobre esse fato, como quando alguém afirma que Deus existe, mas realiza um ato

⁹⁵ Cf. VELASCO, J. M. *El fenómeno místico*.

de compromisso e se coloca em um tipo de conduta pela qual o mesmo exprime sua confiança em Deus.

É uma linguagem testemunhal. Dá conta de algo que o sujeito viveu, viu e ouviu, e por isso não se pode calar. O místico não consegue viver no silêncio. Ele escreve. Expressa; só que de forma desconcertada, atormentada. Ele modela a língua para que esta possa dizer o que não é dito. É uma linguagem que esconde mais do que revela. A linguagem do místico, segundo Velasco, se caracteriza porque os objetos a que se refere, afetados de coeficientes de interioridade, servem para descrever o que esses objetos passam a ser pouco a pouco para o sujeito. É uma linguagem fundamentalmente descritiva que trata de assinalar – por predicados apropriados – eventualmente através de formas simbólicas próprias diversas, uma realidade vivida que tem sua forma própria de objetividade. O que descreve a linguagem mística é a experiência mística acima apontada por nós; uma experiência essencialmente subjetiva e interior e que faz referência a um conteúdo que não se deixa expressar por meio de termos cujo sentido seja fixado por uma percepção externa. Além disso, há casos em que a vontade de comunicação do sujeito se vê superada pela inefabilidade do vivido por ele, e o mesmo se vê reduzido ao silêncio como única forma de comunicação. Portanto, por tratar-se de um testemunho que faz referência a uma experiência cujo conteúdo não é cognoscível por outros meios, esse testemunho se embasa em sua própria autoridade. A linguagem, então, não é uma espécie de tradução em sons ou em signos de algo previamente vivido, mas é parte do momento originário da própria experiência.

No caso dos adeptos do Santo Daime, essa linguagem testemunhal é expressa em seu hinário. Os hinos – que são as mensagens, os ensinamentos advindos do mundo divinal – são recebidos do astral pelos crentes, onde estes os interpretam e os revestem de um testemunho extremamente pessoal. Ou seja, “o sentido do testemunho é de juntar uma reiteração de algo já preexistente com uma versão e uma interpretação nova, própria da estória pessoal de cada um no caminho do conhecimento”⁹⁶. No fundo, os hinos são o testemunho dado pelos daimistas no seu processo de desenvolvimento espiritual.

O conhecimento místico é esotérico, isto é, ele vem de dentro, fruto da experiência com o Amado. O amante pode chegar a tal grau de união com Deus, que não é mais ele quem fala, e sim o próprio Deus. É um estado teopático. De embriaguez mística. Todavia, a experiência mística não nos tira do mundo, mas o ressignifica. Não é uma experiência alienada do mundo,

⁹⁶ DE ALVERGA, A. P. Op. cit., p. 15-6.

ela aflora na consciência. Já o exotérico não vai além do olhar empírico. Ele fala do Mistério, enquanto que o esotérico maravilha-se; delicia-se na sutileza do Amado.

Essa dimensão mística que permeia o mundo das religiões traz consigo os eventos místicos, que podem ter efeitos avassaladores sobre a pessoa que vivencia tal experiência e, de maneira indireta, sobre todos aqueles que neles são envolvidos e que por diversas vezes vêem nisso os sinais de um mundo pertencente ao divino.

Na história das religiões passadas e presentes, sempre se ouviu falar de fenômenos “estranhos” e “inexplicáveis” que continuam a manifestar-se nas formas mais variadas, sendo uma delas o êxtase. Como diria Terrin, esses fenômenos “são capazes de desdobrar a pessoa, de levar a ‘estados alterados de consciência’, a mundos que fazem respirar um ar de transcendentalidade, quase necessária ao espírito de nossa época”⁹⁷. São fenômenos que acompanham a experiência da presença da realidade misteriosa com a qual a pessoa mística entra em contato. Essas manifestações surgem, pois, como um desafio ao nosso mundo racional e colocam em prova a nossa fé incondicionada na razão, pois entramos em um mundo desconhecido e misterioso, difícil de entender e que deixa zonas de sombra exatamente porque compõe-se de eventos entrelaçados entre o mundo humano e sobre-humano, entre o natural e o sobrenatural, entre o psíquico e o espiritual, mas nem por isso irracional.

2.2 – A experiência mística dentro do universo daimista

Antes de ser realizada qualquer experiência ritual no Santo Daime é recomendada uma dieta, pois o ato de tomar o Daime é cercado por diversas prescrições de conteúdo simbólico, as quais correspondem a cuidados pessoais que permitem ao indivíduo ter uma boa experiência, além de demarcar os parâmetros do sagrado, ou seja, as fronteiras do comportamento esperado e do respeito ritual pela bebida. Essa dieta que acompanha a ingestão da ayahuasca relaciona-se, para os daimistas, a um aprendizado moral. De acordo com Groisman, a “preparação pessoal e coletiva, a doutrinação de outros seres, caridade e salvação estão presentes como código moral fazendo e refazendo os caminhos pessoais e coletivos, produzindo interpretações e reinterpretções dos relatos pessoais, construindo e reconstruindo os mitos grupais, motivadores de uma profunda transformação de personalidade”⁹⁸.

⁹⁷ TERRIN, N. A. *A experiência religiosa off limits: para uma interpretação dos fenômenos de transe e êxtase*, p. 116-117.

⁹⁸ GROISMAN, A. Op. cit., p. 78.

A dieta consta de abstinência sexual e de uma modificação na alimentação, evitando-se comidas gordurosas e bebidas alcoólicas nos três dias que antecedem à participação nos rituais. Recomenda-se também, além dessa preparação física, uma preparação mental por meio de orações e bons pensamentos para se atrair fluidos positivos, o que exige daquele que vai ingerir a ayahuasca um ritmo de cuidado, concentração, respeito, renúncia e entrega. Essa postura serve para afastar a atenção do sujeito das atividades mais ordinárias. Sendo assim, a dieta “não pode ser restrita à sua dimensão alimentar, pois está relacionada com a idéia de privação material, psicológica e social, com o objetivo de direcionar toda a atenção da pessoa para a dimensão espiritual”⁹⁹.

Desse modo, as experiências místicas que permeiam o universo daimista funcionam a partir da percepção interior e da consciência do indivíduo em relação ao mundo espiritual. No mundo da espiritualidade, para os praticantes, não se deve reduzir a experiência humana a uma dimensão material, pois isso produziria uma dissociação e geraria um mundo ilusório. Esta ilusão, segundo Groisman¹⁰⁰, é sustentada dentro da lógica do sistema, pela redução de todo o cosmos à sua dimensão material.

Esse mundo espiritual daimista, segundo Groisman, é referenciado por uma sistematização simbólica designada Espiritualidade. Esta seria “um conjunto de imagens, símbolos e sensações que organizam as concepções acerca do mundo espiritual, além de representar também sua territorialidade”¹⁰¹. O adepto, para ter acesso a Espiritualidade, deve reunir condições especiais de comportamento e ação, integrados em um sistema de merecimento.

Assim sendo, a Espiritualidade não é vista como algo distante e inatingível. Conforme Maria Cristina Pelaez, ela impregnaria todos os eventos do mundo visível ao dar-lhes um sentido peculiar, percebido, somente, pelo homem que estivesse “acordado”. Então, estar “acordado” significaria “acreditar na espiritualidade, poder ‘ver’ além do mundo aparente; desta forma, todos os eventos, inclusive os aparentemente banais, se ajustariam a uma ordem invisível que lhes daria um significado ‘total’. Pelo contrário, estar dormindo significaria não reconhecer a existência do mundo invisível e acreditar que o mundo aparente é a única realidade possível”¹⁰².

Por conseguinte, o acesso à Espiritualidade estaria vinculado à busca do conhecimento contido no mundo espiritual. Os elementos necessários para que o conhecimento da Espiritualidade possa progredir e, portanto, trazer o progresso aos iniciados encontrar-se-iam, pois, na vida espiritual. Por sua vez, “o saber, ou seja, a ‘compreensão’ acerca do mundo

⁹⁹ BIANCHI, A. *Ayahuasca e xamanismo indígena na selva peruana: o lento caminho da conquista*, p. 325.

¹⁰⁰ Cf. GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*.

¹⁰¹ GROISMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 343.

¹⁰² PELAEZ, M. C. Op. cit., p. 482.

espiritual, nasce do caminho percorrido, cujos passos devem estar consagrados, segundo os daimistas, aos ‘ensinos’ do ‘Mestre’ e da ‘Rainha da Floresta’”¹⁰³.

Os seres humanos, ao ignorar e negar a existência de um mundo espiritual, contentam-se com as aparências do universo e com a satisfação do ego. Deixam de lado o fato de que a realidade é composta por duas dimensões – o mundo material e o mundo espiritual, e que estes dois mundos se interpenetram. E é a partir desse conhecimento espiritual que essas duas dimensões se revelam.

Em várias oportunidades, assim como por meio de conversas informais ao término dos trabalhos, pude constatar entre os membros do grupo estudado impressões de mesma natureza acerca do ambiente ou das pessoas como, por exemplo, presenças negativas ou positivas, sons ou odores, percepção de ruídos, entre outras. Apesar de não ser uma constante, esse caráter coletivo de impressões permeia os trabalhos, onde os participantes compartilham as mesmas apreciações sobre o vivido na sessão. E isso se dá através da noção de *Corrente*, onde a irmandade é a “corrente”. Cada pessoa dentro do trabalho é um elo da corrente, dentro da qual todos têm um papel importantíssimo no salão. Cada indivíduo pode influenciar no desenvolvimento do trabalho, e o grupo tem que estar sempre unido e em conexão com os demais participantes e com o astral de onde a energia flui. É dessa união dos membros em uma corrente que vem a ligação entre as sensações de uma pessoa com as demais.

Perguntada sobre essa noção de corrente, *Girassol* responde:

“A corrente dos irmãos é fundamental porque é a energia que circula de um para o outro, a gente junto tem uma capacidade, a gente vai muito mais longe. (...) Essa história da corrente por exemplo, do medo, da dúvida, você estando ali é a maior força dada pelo irmãos, porque tá todo mundo dizendo a mesma coisa de certa forma, cada um ali na sua história, mas todo mundo ali na sua passagem sabendo que aquele momento ali é muito especial na vida da gente. Todo mundo tá junto numa coisa muito forte, numa ligação que permanece independente do trabalho”.

Jequitibá, ao ser indagado sobre essa questão, coloca:

“A gente sabe que dentro de um trabalho espírita como é o trabalho do Santo Daime, muitas vezes a gente sente outras energias, outras sensações que não são apenas minhas, que não são sensações íntimas porque são também influenciadas pelas presenças que estão dentro do salão naquele dia. A energia que cada um traz também influencia na força da corrente, na energia dentro do salão, os espíritos que estão ali trabalhando naquele dia e que estão sendo trabalhados, estão sendo doutrinados, a gente acaba sentido a presença deles de acordo com o nosso desenvolvimento. Então

¹⁰³ GROISMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 343.

essa sensação depende muito disso. A gente sente desde o início, mas é só depois de um tempo que a gente vai conseguir entender que muito daquilo que a gente tá sentindo vem de fora, vem do outro, porque a gente tá dentro de uma corrente, e dentro de uma corrente quando você puxa um elo vai refletir lá no último que tá na outra ponta, então todo mundo sente aquilo que tá acontecendo dentro do salão, com certeza isso é possível também”.

De acordo com Groisman,

“A corrente espiritual marca uma sintonização de forças cósmicas. Enquanto parte central do rito, a corrente é um fator motivador das performances individuais e grupais. Neste sentido, a corrente é o resultado da integração das forças espirituais, pessoais e coletivas, envolvidas no ritual. (...) Ela é, por outro lado, uma sintonização da energia oriunda do plano espiritual. Quando a corrente está forte, há a possibilidade de cada um ascender a planos mais altos da espiritualidade, conforme o merecimento pessoal.”¹⁰⁴

Uma outra sensação bastante corrente nas experiências com a ayahuasca é um encurtamento ou alargamento do tempo. Algumas pessoas saem do trabalho com a percepção de terem revivido grande parte de sua vida nos menores detalhes, e, outras, puderam resolver problemas complexos que em um tempo normal necessitariam semanas de reflexão.

Orquídea expressa bem essa noção de que o tempo dentro de um ritual se torna maleável:

“Uma experiência fortíssima que eu tive com todos os detalhes foi vivenciar o meu nascimento. Eu vi minha mãe me tendo, meu pai me recebendo, minha família, meu parto em si. Eu tive um parto, eu vi tudo, eu senti que eu era um neném ali nascendo e nasci. Foi incrível. Eu vi o lugar onde que eu tava, eu vi a casa onde que eu fui, tava tudo registrado no meu inconsciente e eu não sabia, aí o daime me mostrou denovo. Imagina o que eu senti em relação à minha mãe. Eu tive um entendimento total da minha mãe comigo. Minha mãe me tendo, aquele amor, aquela coisa de mãe. Nossa! Foi muito forte. Eu agradeço a minha mãe, porque eu fiquei totalmente próxima dela, ela já fez a passagem, mas aí depois disso eu fiquei eu e mamãe, fiquei totalmente ligada. Às vezes algumas coisas acontecem pra aproximar as pessoas, pra resolver problemas. Porque isso que aconteceu com a minha mãe, muita coisa eu não falei pra ela quando ela tava viva e ela não falou pra mim. Hoje eu já entrei graças a Deus num entendimento com ela, numa harmonia, numa coisa de compreender mesmo, de aceitar todas as limitações dela, tudo que a gente se desentendeu, e isso não é nada, é tudo ego”.

Outro processo corrente descrito por Mabit, é o fato do indivíduo que já tomou o Daime várias vezes não estar seguro de “ver” mais que o seu vizinho que participa de um trabalho pela primeira vez. Tampouco está garantido de “ver” mais do que o que viu ele mesmo em sua primeira sessão. Todavia, isso não quer dizer que a pessoa não adquira uma capacidade

¹⁰⁴ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 70.

visionária maior com o tempo. Esta aquisição no caso, segundo o autor, não se manifesta seguindo uma ordem linear na qual cada trabalho significa um passo diretamente sucessivo ao anterior.

Então, para o autor, existe progresso, porém sem lógica de causalidade. Em suma, “o progresso se organiza mais como a clarificação lenta de um quebra-cabeça, cujas peças se identificam primeiro de maneira dispersa e depois se juntam pouco a pouco para fazer emergir a figura definitiva. (...) a confusão inicial vai dando lugar paulatinamente à nitidez e à clareza”¹⁰⁵.

Ao fim da sessão, de acordo com Jacques Mabit, o sujeito se encontra com frequência como que banhado no espírito coletivo, com um sentimento de entrega e intercâmbio, até de comunhão, querendo compartilhar com os demais¹⁰⁶. Simultaneamente, tem a sensação de ter vivido uma experiência no mais alto ponto pessoal e alcançado o mais profundo de sua intimidade.

No entender do mesmo, esta sensação é associativa, e não dissociativa. A ambivalência destas manifestações é entendida em termos de complementaridade e não de oposição, ou seja, a separação com os demais seres humanos e com o universo se dilui para admitir que se possa encontrar uma inserção própria no *continuum* da vida. O sujeito a exprime nitidamente pela agradável sensação de relaxamento e de paz que comumente segue o uso da ayahuasca. Acaba-se, assim, momentaneamente com a ambigüidade entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens, a vida e a morte, o sonho e a realidade ou qualquer outra ambigüidade que se estabeleça entre o aqui (terra) e o lá (mundo dos espíritos).

Dito de outra maneira, “ao passar por uma experiência de ‘impessoalização’ relativa, o eu do sujeito se reestrutura logo com maior amplitude e força e se faz mais aberto. A ‘indiferenciação’ temporal permite recuperar em uma segunda instância uma diferenciação mais clara, uma melhor definição da própria identidade. Esta vivência ‘transpessoal’ outorga, por natureza, segurança com relação a si mesmo e ao próximo”¹⁰⁷.

Independentemente do tipo de visão experimentada pelo crente, sejam elas de nível particular relacionadas à vida do sujeito ou aquelas mais fantásticas, esse indivíduo pode vivenciar um total sentimento de realidade. O sentimento de realidade é tal “que manifestações físicas podem acompanhar a visão, como choro, gritos, gestos de proteção, etc. Os descobrimentos sobre si mesmo se percebem frequentemente como ‘revelações’ ou ‘mensagens’

¹⁰⁵ MABIT, J. *Produção visionária da ayahuasca no contexto dos curandeiros da Alta Amazônia peruana*, p. 164.

¹⁰⁶ É comum observar ao final de um trabalho os daimistas se felicitando, se abraçando, embebidos em um sentimento de troca de informações e experiências. Alguns até exprimem a necessidade incontrolável de simplesmente falar, de dividir suas vivências com o outro, mas ressaltam que não é com qualquer pessoa que se pode comentar o que ocorre em uma sessão, pois, segundo eles, nem todo mundo está preparado para ouvir.

¹⁰⁷ MABIT, J. Op. cit., p. 162.

de procedência indeterminada, cuja força de convicção se impõe de maneira indubitável e persistem (ainda que atenuados) depois da volta ao estado normal, imprimindo mudanças na psique e no comportamento do sujeito”.

Além dos elementos supra citados com relação ao que é vivenciado pelos daimistas em suas experiências dentro de seus rituais, existem categorias recorrentes no discurso nativo que têm uma influência bastante forte em suas vivências místicas.

A questão da *Evolução* é muito presente nos relatos dos membros da comunidade daimista. Para estes, o ser humano é constituído de dois elementos – o aparelho e o espírito. O primeiro é a substância material que constitui o ser humano. A matéria, por assim dizer, é uma palavra que se refere tanto ao aparelho (corpo) quanto aos aspectos da vontade do ser humano, sendo, desse modo, um dos planos da existência. Já o segundo, é um ser ou uma entidade que evolui e que, para evoluir, precisa reencarnar continuamente.

Dentro dessa concepção, está a noção de *Karma*, conceito este recorrente da metafísica daimista. O Karma é a bagagem espiritual carregada pelos espíritos no decorrer de suas reencarnações. Ou seja, durante essas encarnações, este ser vai aglomerando uma bagagem de ações boas ou más. O ser humano, por meio de suas ações, pode aumentar (com más ações) ou diminuir (com boas ações) essa bagagem quando de sua passagem pelo plano terrestre segundo Groisman¹⁰⁸.

Ao perguntar para *Orquídea* sobre sua concepção de evolução, ela diz:

“Todo mundo que tá aqui na terra tá pra aprender, tá pra se purificar e evoluir de um jeito ou de outro. Você vai tendo essa consciência muito grande do que realmente é o ser humano, qual é a nossa função, qual é a nossa missão, pra quê a gente tá aqui, porque que eu nasci aqui nessa família, porque que eu tive esse filho, porque que eu tô aqui nessa igreja, porque eu tenho isso tudo que eu tenho. Você vai começando a compreender e a se conformar um pouco não no sentido da passividade, mas de compreender isso e a partir daí continuar seu processo de evolução e de aperfeiçoamento pra iluminar, porque o objetivo é iluminar, e você só ilumina se você não tiver nada em mente. Se você tiver com pensamentos carregados não adianta, só quando você esvazia e deixa chegar a sintonia fina, sutil das energias de vibração mais fina, aí é que tá o lance”.

Vemos, pois, que a redução dessa bagagem reflete diretamente na purificação do ser humano, deixando o espírito cada vez mais leve, podendo tornar-se um espírito de luz. Já o contrário, o espírito torna-se denso e impedido de evoluir. Por conseguinte, é através do uso do livre-arbítrio, isto é, das escolhas feitas no decorrer desta passagem, que definem a natureza da existência de qualquer ser humano.

¹⁰⁸ Cf. GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*.

Afirmando ou contrariando as leis da doutrina, que possui como valores morais básicos a harmonia, o amor, a verdade e a justiça, o Karma tem seu conteúdo contido na memória dos atos que os espíritos realizaram. Com isso, a auto-avaliação se torna imprescindível para os daimistas, pois estes se espelham nas obrigações e concepções doutrinárias para se autodefinirem e localizarem-se no desenvolvimento espiritual. Desse modo, muitas vezes os adeptos se mostram significativamente preocupados com seus próprios atos. Sendo assim, “a interação entre a vida material e vida espiritual, a possibilidade de ser influenciado por forças espirituais e a intensa convivência entre os daimistas estabelece uma situação onde a auto-observação se intensifica. (...) O controle dos comportamentos, por exemplo, fica a cargo de dois mecanismos ativos, a interação e a reflexão sobre si próprio”¹⁰⁹.

Nesse sentido, ao descarregar o Karma, a pessoa abre caminho para o resgate de uma memória encoberta, a qual os daimistas chamam de memória divina, que revela a divindade interna. Segundo Alex Polari, o resgate desta memória é a tarefa essencial do conhecimento, pois a partir dela, “cada homem pode refazer a viagem de toda sua espécie, compreender o sentido do seu surgimento, aqui, por essas esquinas do Universo e, o que é mais importante ainda, qual a missão que foi atribuída a ele pelas forças que o plasmaram e o assistiram no seu aperfeiçoamento”¹¹⁰.

Para se reconhecer a divindade interior é necessário estar com a consciência “limpa”, aonde entra a questão do *Examinar a Consciência* e do que eles chamam de *Peia*.

Os membros da comunidade partem do princípio de que tudo o que ocorrer no mundo visível é um reflexo do que está ocorrendo no mundo invisível, ou seja, os planos espirituais são muitos e os seres que habitam em cada um deles têm personalidade. Como a vida do daimista está submetida a um severo sistema de mérito, tendo este como base o trabalho espiritual, entendido como uma síntese de todos os atos e pensamentos feitos com a consciência que o adepto faz para se desenvolver espiritualmente, a pessoa que conhece a vida espiritual e não trabalha para evoluir sofre. Entretanto, a inserção do sofrimento no sistema de mérito produz uma visão positiva, pois o mesmo tem a conotação de uma provação, de um desafio que o fiel tem que enfrentar para ter a oportunidade de evoluir espiritualmente. A peia, sob este aspecto, é considerada pelos daimistas como algo positivo, ou seja, ela é encarada como um momento necessário desse processo de purificação, o qual conduz à salvação. *Salgueiro*, em seu relato, aponta para esse aspecto positivo da peia:

¹⁰⁹ Ibid., p. 52.

¹¹⁰ DE ALVERGA, A. P. Op. cit., p. 12.

“A peia é um momento em que a gente se depara com as nossas dificuldades, com as nossas fraquezas, com imperfeições. É a demonstração pra nós e principalmente pro nosso ego de que a gente ainda tem muito a aprender, de que a gente tem que se esforçar muito pra chegar um pouco mais perto da perfeição divina, porque chegar na perfeição é difícil. A peia meio que demonstra aonde a gente ainda tem que aperfeiçoar. Ela em si é difícil, mas eu não vejo como uma coisa negativa, é simplesmente uma coisa que tá nos mostrando qual o nosso ponto fraco, um dos nossos pontos fracos ali naquele momento. Então, ela se torna uma coisa positiva nesse sentido”.

Como sugere Sérgio Brissac, a experiência da peia pode ser extremamente intensa, pode ocorrer “um profundo mal-estar físico após a ingestão do chá, caracterizado por náuseas, vômitos, vertigens. Certas vezes, esse mal-estar não é somente físico: a pessoa pode sentir-se interiormente oprimida pelo remorso, pelo medo ou pela culpa, ou então se encontrar assombrada diante de visões temerosas, perturbadoras. O conjunto de sensações sugere, às vezes, a quem as vivencia, que se está chegando ao limiar da morte”¹¹¹. Como dizem os daimistas: “é necessário morrer para renascer”.

Toda essa provação física, psíquica e espiritual também pode ser entendida pelos discípulos como um “pagamento” por alguma conduta moral errônea. Ou seja, dentro da noção de evolução espiritual, o ser humano acaba por receber na vida o que merece conforme os atos que praticou. Além disso, é preciso estar preparado para receber o Daime interiormente, pois a pessoa que está vulnerável pode ingressar em um complexo de dificuldades no ritual ou na vida, experimentando sensações de caos e desequilíbrio, as quais o Daime vai buscar eliminar.

Isso é bem ilustrado no depoimento de *Girassol*:

“Tem peia que acontece porque você fez alguma coisa errada, sua consciência te diz. A peia é a nossa consciência, porque tem gente que faz um negócio errado, só que não acha errado, vai pro trabalho e não passa a peia, é muito da consciência. Às vezes a gente passa a peia no dia-a-dia também, às vezes é reconhecer um erro que você fez; e tem peias que a gente passa igual dentro do trabalho com a Força, que acontece de você passar aquela peia porque você não deixou a Força acontecer, não deixou o trabalho acontecer, isso acontece com muita gente. Às vezes acontece a peia porque a pessoa não se entregou, ficou com medo né, aí vem a peia. Mas tem vezes que vem a peia porque você tá tendo aquele entendimento de que fez alguma coisa errada. A peia às vezes não necessariamente é você entender, às vezes o daime mesmo te castiga, às vezes você começa a sofrer e nem mesmo sabe o que é, às vezes nem é porque você prendeu, às vezes é uma limpeza mesmo que você tá tendo que passar. Teve uma vez que o Chico Corrente tava aí, um trabalho que o Chico Corrente fez com a gente, e a gente começou a fazer concentração, foi outro trabalho, mas a gente fez um pouquinho de concentração. Aí eu comecei a sofrer, sofrer sabe, uma dor imensa, não dá pra explicar, não dá pra imaginar assim né, só na hora que sente, aquela dor e tal, aí eu falei assim: tira isso de mim, eu não quero sentir isso,

¹¹¹ BRISSAC, S. Op. cit., p. 15.

me perdoa dentro da minha cabeça, na hora me veio aquela ânsia de vômito, aí eu fui correndo e vomitei. É uma limpeza, tava passando aquilo pra depois vomitar e foi a única limpeza que eu fiz, nunca mais fiz limpeza de vômito. Então a peia pode ser por isso também. Um castigo que você nem sabe o que é, aí depois você faz uma limpeza. Mas a peia também pode ser porque você tá prendendo ou por causa da sua consciência, sua consciência pesa aí você passa a peia. E a peia às vezes vem também porque você começa a viajar, às vezes você começa a achar que é uma coisa e não é entendeu, aí você começa a se culpar, aí é uma peia sem necessidade, porque tem gente que se cobra muito às vezes sem necessidade e começa a sofrer, sofrer, isso é uma peia mas sem precisar de passar aquilo e tá passando. Num trabalho forte que a gente fez lá em Lima Duarte, parecia que eu ia morrer. Comecei primeiro só luz, e eu fui indo muito fundo, muito fundo sabe, eu sentia a presença de Jesus Cristo muito forte, o negócio dos apóstolos, só que teve uma hora assim lá em Lima Duarte que a gente teve que fazer uma troca de lugar, parou aquela coisa entendeu, parou o trabalho porque a gente teve que trocar de lugar porque tava chovendo. Nessa troca, eu fiquei meio sem pé no chão. Quando começou o trabalho denovo, aí eu perdi aquele negócio, aí eu comecei a entrar no medo e pensei: o que tá acontecendo comigo? Eu tô pirando, tô ficando maluca, vou morrer entendeu, eu ficava assim, porque cada um tem uma experiência, mas o medo ajuda muito a acontecer isso. A gente tem que se entregar, tem que confiar, mas chega num ponto mesmo que não dá né. Pra quem é muito sensível o trabalho pega mesmo.”¹¹²

A peia também tem um aspecto pedagógico. É sempre um aprendizado, uma lição do Mestre dada aos seus seguidores. Ao ser perguntado sobre o significado que a peia tinha para ele, *Jequitibá* afirma:

“Disciplina. Com certeza é disciplina. Um entendimento daquilo que a gente tá precisando entender naquele momento pra poder conseguir progredir. A peia é muito importante nesse processo. O Padrinho Sebastião mesmo fala que ‘culto sem castigo ninguém sabe o que vai fazer’, porque a gente tem muito que aprender, tem muito que se desenvolver, então se a gente ficar só cantando, louvando, como se fosse tudo mil maravilhas, não tivesse problema nenhum dentro de nós, nem na nossa vida, nem nas nossas atitudes, aí a gente não ia aprender nada. Tem hora que tem que mostrar mesmo com clareza onde é que tá a ferida, onde é que a gente tá fraco pra a gente poder conseguir melhorar, porque se a gente só ficar vendo beleza, só ficar escutando maravilhas ninguém anda pra frente não”.

A peia, assim, é um instrumento espiritual, o qual pede para cada um dos adeptos da doutrina, transformações necessárias em seu cotidiano. Este aspecto é apontado por *Orquídea*:

“A peia é justamente quando você chega num ponto do trabalho, num ponto seu, que você entra num sofrimento, entra numa história, numa dificuldade perante aquele momento, perante aquela situação. No fundo parte do interior de cada um, que pode ser agravado ou despertado por alguma coisa que tá acontecendo na Igreja, por alguma pessoa ou algum hino, mas no fundo são lembranças e são estados que você

¹¹² Quando a pessoa é muito sensível ao trabalho, àquela energia que flui ali e fica mirando muito, os daimistas usam a expressão que a pessoa “ta pegada”.

entra mesmo no seu sofrimento profundo. Então a peia, na verdade, é como se fosse um aprendizado, um momento que você não tem saída. Porque às vezes no dia-a-dia, quando uma coisa te incomoda muito, é muito fácil você passar por cima. Você comete um erro e fala: Ah! Tranquilo, deixa eu tomar um suco, deixa eu mudar de assunto, mas no Daime não. Aí na hora de um trabalho que você tem a sua peia ali, você tem que encarar. Então, ou você encara, resolve, vence, levanta sua espada e vence essa batalha, ou então você vai dançar, vai passar mal, e depois quando você for embora, você vai continuar com aquilo, e no próximo trabalho ou na próxima vez que precisar aquilo vai voltar. A peia, na verdade, é um instrumento espiritual pra gente enxergar melhor e parar de relevar e fazer de bobo com a gente mesmo, de se desculpar tanto e ir mais fundo mesmo na nossa atitude com a vida”.

É também uma forma de limpeza do espírito e do corpo, bem como um aprendizado de convivência com as diferenças do próximo. *Margarida*, ao ser perguntada sobre este assunto, respondeu:

“Eu acho que é um processo de limpeza, é um processo de disciplina. Porque nesse mundo de ilusão que a gente vive aqui fora, é muita coisa igual eu falei, é muita inveja, muita coisa carregada em relação com o seu trabalho, com a sua escola, tem pessoas tão diferentes de você, têm pessoas que você não consegue conversar, que você não tem uma boa convivência. Aí no trabalho às vezes você sente isso, às vezes por causa de uma pessoa que você não tem uma coisa boa você sente lá e você vê que tá pensando mal da pessoa, aí vem aquele pensamento e você fala não é assim, o ensino aqui [no trabalho] é com amor. Por mais que a pessoa tenha feito algo de ruim com você ou qualquer coisa que tenha acontecido com você, é com amor que você tem que encarar isso. É como se fosse assim, quando você tá rebelde, quando você começa a ficar rebelde demais com você aí vem a peia pra você não esquecer nunca que tem alguém tomando conta pra fazer as coisas direitinho. Tem que tentar aperfeiçoar. Tem que seguir na linha. Não adiante desviar porque é pior pra você, é uma coisa que é pior pra você. Na hora às vezes pode ser bom, mas depois às vezes fica um peso na consciência, então você chega lá [no trabalho] e já sabe, já sente aquilo que vai acontecer porque nada é à toa, o à toa não existe. Tem que ter alguma coisa por trás. Às vezes é difícil pra quem tá chegando, não entende um pouco do objetivo do trabalho, vem o primeiro trabalho, depois o segundo, aí a pessoa tem uma peia e não sabe, não tá com a cabeça aberta pra poder tentar entender e tal, mas é com o tempo, eu percebi isso. É uma disciplina, é uma coisa pra te botar na linha e obedecer direitinho”.

A peia é vista pelos daimistas como um castigo, um corretivo para algo que fizemos de errado. Mas isso não num sentido negativo, e sim como um modo de aperfeiçoamento do nosso Eu interior, procurando sempre seguir na linha na jornada do processo evolutivo pelo qual cada um tem que passar no plano terrestre, material. *Azaléia* diz sobre a peia:

“Ela vem como a gente sempre fala pra me purificar, vem me mostrar, vem me corrigir. A peia pra mim ela tá me corrigindo mesmo, me chamando na responsabilidade, me mostrando: não, não é assim, se corrige. A peia vem pra corrigir”.

Portanto, o entendimento da vida espiritual habilita o sujeito a evoluir e desvencilhar-se de suas limitações. A pessoa, com isso, passa a encarar suas dificuldades como passageiras ao refazer sua concepção do sofrimento, tornando-o um impulso positivo da existência humana.

Mesmo sendo desagradável, a peia, como diz Brissac, é uma tempestade de emoções, é uma experiência que se vive no espírito, na mente e nas entranhas. Em suma, “a peia, essa vivência complexa, que pode ser lida como fruto da lei do merecimento, catarse terapêutica, ensinamento e caminho para a humildade, é, com certeza, uma experiência emocional intensa que é vivida (ou padecida) numa perspectiva otimista”¹¹³.

Esta concepção de sofrimento como uma prova acaba por encorajar os adeptos a uma reflexão sobre si mesmo, constituindo o que eles chamam de examinar a consciência. Esse exame de consciência faz com que o indivíduo refaça o caminho de seus atos ao reconhecer erros e mudar de comportamento, tendo como base a ideologia e a cosmovisão do grupo.

Conforme a noção de Karma já vista, esta determina a inexistência da idéia de acaso, onde tudo passa a ter um sentido – explícito ou oculto – e uma motivação transcendente. Tudo que o indivíduo realiza no mundo da vida cotidiana refletirá espiritualmente positiva ou negativamente, dependendo de suas ações.

Dessa forma, a conduta pessoal de cada um produzirá uma bagagem espiritual, que será carregada no decorrer de suas encarnações, ou seja, para os daimistas, existe uma relação de causa e efeito entre o mundo material e o mundo espiritual. Aqueles que não reconhecem a relação entre essas duas dimensões estarão fadados a lutar com forças que desconhecem e, por isso, não conseguirão vencê-las e evoluir.

É, por sua vez, através da doutrina e da prática dos ensinamentos do Daime, que cada pessoa encontrará uma forma de superação de seus problemas e dificuldades. Para os daimistas, no entender de Groisman, “é a verdadeira compreensão da vida espiritual e a busca de uma perfeição nos atos praticados que possibilita o desenvolvimento espiritual e a diminuição do carma”¹¹⁴.

Pode-se inferir, a partir disso, que o exame de consciência é compreendido e utilizado em sua conotação moral, como faculdade de estabelecer julgamentos morais dos atos realizados. Por conseguinte, essa categoria liga a esfera do conhecimento à esfera da práxis, solicitando do discípulo que a sua vivência espiritual se reflita em um agir segundo os princípios pregados na doutrina. É mais ou menos “conhece-te a ti mesmo”.

Indagada a respeito do significado do exame de consciência, *Girassol* afirma:

¹¹³ BRISSAC, S. Op. cit., p. 17.

¹¹⁴ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 49.

“Examinar a consciência é orai e vigiai. É isso que a gente tem que fazer tanto dentro do trabalho quanto fora. Dentro do trabalho, a melhor maneira da gente examinar a consciência é prestar atenção no hinário e prestar atenção naquilo que a gente tá pensando mesmo, ver se o que você tá pensando é necessário pensar, prestar atenção se você tá julgando alguém. Isso que é examinar a consciência; é você prestar atenção nos seus pensamentos, na sua intenção, no seu julgamento. E isso tanto no trabalho quanto no dia-a-dia. No dia-a-dia é mais difícil ainda, porque a gente tá nesse mundão aí né. A gente tem que prestar atenção, é difícil fazer, mas tem que fazer. Porque a gente acha que ninguém tá ouvindo, então pensa: Ah! A pessoa não tá ouvindo o que eu tô pensando, então eu posso pensar o que eu quiser. Isso não é verdade. Porque você tá vibrando, porque você tá pensando no astral e o astral sabe o que você tá pensando, só as pessoas da Terra que não, então você tem que tomar muito cuidado com o pensamento. Aqui fora do trabalho principalmente. Isso é que é examinar a consciência, prestar atenção nas suas atitudes, nas suas palavras, no seu pensamento, que todos os três têm muito poder. Se a gente usar só pro bem, falar na hora que deve entendeu, isso aí pode ter muito poder. A gente fala assim, às vezes acha que ah eu falei isso, mas só falei [por falar] sabe, mas isso repercute em um monte de coisa. Muita gente materialista acha que o falar não é nada, pensar principalmente não é nada. Mas a palavra tem muita força, tanto é que Jesus, a palavra dele é o chacra da garganta, aquilo [a palavra] se transforma, realiza. A gente também tem esse dom, só que a gente não exercita, não pratica, não toma cuidado, não examina, aí não acontece. Isso é que é o examinar a consciência”.

O ato de examinar a consciência também é entendido pelos adeptos como um bom exercício de humildade, pois o sujeito tem de lidar com os seus egoísmos, com as suas vaidades, com as suas falhas interiores, e aprender a compreendê-las para se transformar e evoluir espiritualmente. Este aspecto do exame de consciência é apontado no discurso de *Ipê*, com vinte e três anos, estudante de turismo e daimista há 16 anos:

“Você tem que tá buscando examinar a consciência com uma determinação lá do seu íntimo, que é fazer um estudo dentro de si, se observar com cuidado. Esse exame de consciência te permite ver as suas coisas que você tem que trabalhar com mais clareza, porque se a gente não se dispõe a ver, a gente não se transforma. Então isso é muito importante, faz parte da retomada de consciência das nossas coisas, das nossas limitações, do nosso lado mais escuro, porque é só assim que a gente pode trabalhar ele e se libertar do ego. Às vezes a gente acha que é perfeito, que é iluminado, que é um ser especial ali no salão, aí vem o exame de consciência e você vê que não é nada daquilo. É a clareza que o Daime nos dá, que é essa questão da gente poder tá examinando a consciência e observar isso de uma forma um pouco mais neutra, desapegada do nosso ego. É observar as nossas ações, os nossos sentimentos de uma forma um pouco mais serena”.

Examinar a consciência, desse modo, é cuidar para que nosso Eu Interior (o eu divino) sempre fique em plena harmonia com o plano superior. E isso é considerado pelos daimistas como uma batalha. Sobre esse assunto, *Orquídea* responde:

“Isso é meio inevitável. O hino do Padrinho que começa falando ‘Examine a consciência’, isso é natural, acontece mesmo, porque a gente sempre, sempre quando examina a consciência, vê que a gente não foi o melhor que poderia ter sido, e a melhor coisa é o perdão. Graças a Deus que se você pedir mesmo com o coração você recebe. Então eu vejo assim, você reconhecer as suas fraquezas e pedir perdão, se corrigir o tempo todo. Só se corrigindo é que você pode ser feliz e pode tá em harmonia com tudo, ser inteiro o tempo todo, é uma luta, é uma batalha”.

É uma batalha entre o Eu Inferior e o Eu Superior. E essa batalha espiritual coletiva de salvação tem uma correspondência individual segundo Groisman. É uma luta de superação dos limites de um Eu Inferior, ligado às coisas terrenas e à satisfação das necessidades materiais imediatas e dos desejos egoístas, indo de encontro com um Eu Superior, espiritual e divino.

Aqui entra a noção de livre-arbítrio, pois todo espírito encarnado faz escolhas durante sua passagem pelo plano terrestre. Nesse sentido, fazem parte da natureza humana tanto o Eu Inferior quanto o Eu Superior. Com a tendência que o ser humano tem de privilegiar as escolhas ligadas ao seu Eu Inferior, que fazem parte da vida cotidiana e da ilusão do mundo material, o Eu Superior fica encoberto, esquecido. É por meio do trabalho espiritual que se torna possível conhecer o Eu Superior que cada um tem dentro de si. E o encontro com essa dimensão espiritual da existência se dá em forma de uma revelação, modificando a visão de mundo do sujeito e o fazendo reinterpretar sua vida à luz dos novos significados. Isso é de acordo com a percepção interior e a consciência do indivíduo em relação ao mundo espiritual.

Examinar a consciência faz, então, com que a pessoa cuide melhor de si e de seus atos, zelando, sempre vigilante, os caminhos já percorridos e os que ainda serão, resignificando-os. E isso se dá individualmente, dentro de cada um, em sua própria batalha. De acordo com Groisman, “o eu superior é de onde emerge a nova interpretação dos caminhos até então percorridos, dando sentido a eventos e ensinamentos recebidos no passado, mas não compreendidos”¹¹⁵.

Margarida coloca o seguinte sobre esse ângulo do exame de consciência:

“É muito interno. O Daime tem uma coisa muito interna sua, porque se você quer se curar você tem que olhar pra dentro de você. Você tem que se perguntar o que eu quero? O que eu tô buscando? O que eu tô fazendo? O que eu tô querendo? Quando você tá examinando a sua consciência isso te faz ver. É o primeiro passo, porque aí você vê: peraí eu fiz aquilo errado, então eu vou trabalhar isso que eu tô fazendo errado. Examinar a consciência é seguir isso assim, é você tá se cuidando interiormente. Você sempre tem que tá examinando sua consciência sempre que você perceber que você não tá bem, aí você vai saber que é aquilo que você tem que trabalhar”.

¹¹⁵ Ibid., p. 55.

Tal exame, para os daimistas, não é guiado pelas “falácias da razão”, mas através do sentimento iluminado pela luz da ayahuasca, ou seja, o sentimento aguçado e aprofundado pela experiência com o Daime. O *Sentir* é um critério fundamental para se entender as vivências que o Daime proporciona. O ato de seguir a intuição, de deixar os sentimentos aflorarem e dizerem qual o significado de uma experiência ritual com a bebida, acaba por possuir um *status* legitimador do conhecimento. Este vem de uma forma direta para a pessoa, ou melhor dizendo, o conhecimento que o Daime dá vai diretamente para o coração do indivíduo. É como se no interior do sujeito o Daime agisse “como desobstrutor da *sensibilidade* real do organismo. (...) é como se a sensação da matéria física entrasse em outro referencial onde o espírito comanda a *sensibilidade*. (...) a *sensibilidade aumenta* e com ela o discernimento”¹¹⁶. É uma descoberta da consciência por meio do sentir.

Esse discernimento experimentado pelos adeptos através do sentir desencadeia diversos tipos de sentimentos, pois o Daime “abre os canais”. É algo muito variado. Os daimistas afirmam terem tanto sentimentos positivos quanto negativos durante a experiência. Isso vai depender do “estado de espírito” em que a pessoa se encontra dentro do trabalho, a forma como ela se preparou para ir ao ritual, além das influências externas que circulam na corrente. Então, a experiência pode variar entre sensações agradáveis ou desconfortantes. Ao ser perguntado sobre os efeitos da bebida, *Carvalho* aponta esse aspecto da vivência na doutrina:

“É muito difícil, porque cada hora é uma coisa. Quando eu me sinto bem, eu sinto uma familiaridade muito grande com aquele calor, com aquele conforto, com aquela coisa dourada, quentinha, aveludada, macia, que a gente sente da nobreza do astral, aquela calma. Eu sinto isso na minha mente, esse ambiente muito confortável mesmo. Depende do momento que a gente tá no ritual. Eu sinto também uma coisa muito forte, de revirar, de virar do avesso. Porque não tem jeito, se a gente quer se limpar das coisas tem que aparecer a sujeira. Eu sinto no meu corpo uma torcida que ele me dá quando eu faço uma limpeza, eu sinto que meu estômago tá virando do avesso, eu sinto que ele vai mexendo com tudo ali. Eu vejo também nas pessoas que são muito duras, muito blindadas, com aquela mente forte, que elas às vezes não sentem nada, mas se elas tiverem um pouco de paciência e for insistindo, o Daime vai mostrar que não tem ninguém blindado, ninguém perfeito. O Daime descobre a fissura, a rachadura dessa blindagem, e penetra, arrebenta. Eu já vi muito isso acontecer, de gente, de repente, tá igual a um bichinho no chão, todo esfacelado, porque o Daime abriu a pessoa. Então, eu sinto que, ao mesmo tempo, em que o Daime trás aquele conforto, se você não tiver dentro do preceito ele te machuca, ele é forte, ele não deixa por menos não”.

Ao ser inquirido sobre a forma como os seus sentimentos se manifestam em sua vivência religiosa no Santo Daime, *Salgueiro* coloca:

¹¹⁶ BRISSAC, S. Op. cit., p. 10.

“A gente entra em contato com tudo que tem dentro da gente, tanto o lado positivo como o lado mais negativo, um lado que tá mais harmonizado e o outro que tá mais desarmonizado. E todos eles geram sentimentos, porque você encontra aspectos desarmonizados do nosso ser que muitas vezes geram um sentimento de tristeza. Já me aconteceu de terminar um trabalho e eu tá meio desanimado, mas não por causa do trabalho em si, mas porque eu tinha descoberto que eu ainda sou imperfeito. Mas também vem o sentimento de alegria principalmente, de gratidão, de amor, e outras vezes, de dificuldade, de frustração. Então, todos os sentimentos humanos a gente vivencia dentro de um trabalho. A tendência é que sejam cada vez mais sentimentos positivos, a alegria de conhecer as coisas, de tá nessa estrada, de poder tá tendo essa oportunidade. A gente vivencia todo tipo de sentimento dentro do trabalho: o medo, a dúvida, tristeza, alegria, enfim, inúmeros sentimentos que a gente pode sentir na vida”.

De acordo com *Girassol*, os hinos também influenciam nos sentimentos experimentados durante a sessão. Ela diz:

“Os sentimentos que eu experimento são de muita alegria, muito amor. Amor é uma coisa que a gente sente muito, porque os hinos falam muito do amor. Se você lembra o que os hinos tão dizendo, a gente sente aquele sentimento, aquele êxtase, aquele amor, aquela alegria, aquela vibração, querendo abraçar todo mundo, querendo que todo mundo sinta aquilo. Aí a gente fica alegre, os hinos é que puxam isso pra gente. Por isso a gente tem que ficar ligado nos hinos, porque a gente não pode deixar vagar muito o pensamento não. A gente tem que tomar cuidado com os sentimentos durante o ritual, com o medo, com o orgulho, com a dúvida”.

Orquídea, por exemplo, já disse ter experimentado um sentimento de amor intenso, de desprendimento e um total esvaziamento de si mesma, pois, segundo ela, estava se sentindo sintonizada e em plena harmonia com o plano astral.

É nesse ato de sentir que os daimistas dizem perceber a ação de uma Força “estranha”, “inteligente”, a qual invade todo o ser e é capaz de transmitir os sentimentos mais sublimes, de provocar as sensações mais prazerosas, enfim, de elevar os pensamentos e conectar a consciência com o plano superior.

Indagada sobre essa questão do sentir e qual o critério para se perceber o que é verdadeiramente ação dessa Força, *Girassol* afirma:

“Isso é só com o tempo que a gente consegue discernir, o que é a Força, o que é o espírito, o que é da gente, o que é dos outros ou lá da Força, da energia, do Ser divino mesmo. Isso é muito fino, muito sutil, a gente não consegue perceber assim de cara, tem vezes que sim, mas tem vezes que é uma coisa assim que dá pra saber que não é da gente entendeu, o que é um sofrimento, o que é um sofredor. Isso aí é só como uma caminhada mesmo que a gente consegue discernir. À medida que você vai aprofundando os estudos, aí você vai sabendo diferenciar o que é seu ou o que é do outro, o que é essa Força ali. Isso não dá pra falar como discernir, só sentindo mesmo. É igual à experiência individual de cada um, não dá pra falar. O importante é

sentir, porque no momento que você dá liberdade, que você abre o seu aparelho pra sentir, você começa a aprender, se você ficar travando você não aprende. Vai demorar muito pra você discernir, só você sentindo, relaxando, deixando fluir, porque aí você vai aprendendo com as experiências”.

Para perceber realmente quando esta Força está atuando dentro de um trabalho ritual, é necessário que o praticante evolua espiritualmente, pois só assim ele saberá diferenciar suas sensações individuais das dos demais vindas através da corrente e da própria Força.

Perguntado sobre o que é essa Força, *Jequitibá* respondeu:

“É o Daime. A Força vem do Daime. É ele que abre os canais, que faz manifestar tudo dentro do trabalho. O segredo tá no Daime. A gente consegue sentir de uma maneira muito mais clara aquilo que reside dentro de nós e aquilo que tá fora através da força dele. Então a Força é ele, é o Daime, é a presença daquele ser divino dentro da gente, por isso que a gente consegue sentir tudo”.

Cada detalhe que ocorre dentro do ritual pode ser um indicativo de que a Força está atuando individual ou coletivamente. É uma questão de se auto-observar e observar o que está acontecendo ao seu redor. Mas é por meio do sentir que os daimistas afirmam saber verdadeiramente quando a Força está presente. Podemos perceber isso no relato de *Azaléia*:

“A gente sente, é pela própria sensação, pelo próprio bem estar, a nossa firmeza ali. A sensação sempre determina mesmo que a Força tá ali, que você tá trabalhando com a Força ali, é nesses momentos que a gente deve tá prestando bastante atenção naqueles ensinamentos, tá ligado ali, não dispersando muito os pensamentos, buscando tá com os pensamentos sempre voltados ali pra aquela história. Pra mim ela representa isso, ela chega pra mim assim. Eu entendo dessa forma. Essa Força é um bem estar que eu sinto muito grande, um amor, uma vibração forte mesmo dentro de mim. Essa Força é do astral, ela é divina, ela é divina pra mim, ela é vinda do astral mesmo”.

Ao ser inquirido sobre como essa Força agiria, *Salgueiro* coloca:

“Essa Força é uma ação que transforma. É uma ação que traz à tona coisas que estavam ocultas, coisas que a gente não tava percebendo. É algo que nos permite entrar num nível muito mais profundo do nosso ser e conhecer nós mesmos em primeiro lugar. E a partir daí, um conhecimento também do universo, da natureza, de todas as forças que agem e reagem dentro da natureza. É um conhecimento que nos transforma de dentro pra fora. Não basta só o conhecimento racional, tem que ter o conhecimento que vem de dentro, do sentimento que vem com a vivência do que a gente tá conhecendo. É assim que a gente evolui”.

Para os daimistas, o sentido das coisas ganha um outro significado dentro da força do Daime. Os eventos que ocorrem tanto dentro do trabalho espiritual quanto na vida cotidiana

passam a ser ressignificados. Isso se deve à crença na existência de uma correspondência do ser humano com o astral, onde a infinidade de seres que lá habitam atuam no mundo da matéria influenciando as ações dos indivíduos e dos acontecimentos.

Nesse aspecto, os efeitos produzidos pela bebida tanto físicos quanto espirituais podem ser os mais variados, o que dependerá da experiência de cada participante e da conseqüente interpretação pessoal dos fatos¹¹⁷.

Os efeitos iniciais após se tomar o Daime caracterizam-se pela dissolução da ordem de percepção cotidiana e pela constituição de um outro dispositivo sensorial. Pode-se observar uma alteração da percepção acústica. Os praticantes começam a ouvir coisas para as quais não há uma correspondência visual. Esse fato é explicitado no depoimento de *Orquídea*:

“Às vezes a gente tá escutando uma música, por exemplo, os instrumentos dentro do trabalho e ao mesmo tempo vendo a repercussão disso num outro nível, no astral, é incrível. A gente já fez trabalhos com pouca gente, com poucos instrumentos e parece que tem uma orquestra cantando junto”.

Freqüentemente, observa-se a ocorrência de tonturas, bem como a necessidade de defecar e vomitar. Ao dar-se vazão a essas necessidades, o adepto pode ter a sensação de elevação e aceleração do efeito do Daime ou uma melhora do mesmo. Percebe-se, pois, que os efeitos não se manifestam em uma progressão contínua, mas sim crescem e diminuem em várias fases.

No estado alterado de consciência propiciado pela ingestão da bebida sacramento os sentidos do indivíduo se misturam, ou seja, a separação entre as coisas é abolida e substituída por uma percepção sinestésica que conduz a uma visão holística das coisas. Segundo Fernando de La Rocque Couto, os rituais feitos com a ayahuasca “acabam momentaneamente com a ambigüidade entre o mundo dos deuses e o mundo dos homens, a vida e a morte, o sonho e a realidade, (...) ou qualquer outra ambigüidade que se estabeleça entre o aqui (terra) e o lá (mundo dos espíritos)”¹¹⁸.

Conforme Bárbara Keifenheim, “à medida que a alteração da percepção progride, também violentamente parece que o corpo perde seus limites”¹¹⁹. Os daimistas costumam vivenciar a experiência de uma morte simbólica ao tomar o Daime. Em seu relato, *Orquídea* aponta para esse aspecto:

¹¹⁷ A ocorrência de visões produzidas pela ingestão do Daime será tratada em tópico posterior.

¹¹⁸ COUTO, F de La R. *Santo Daime: rito da ordem*, p. 402.

¹¹⁹ KEIFENHEIM, B. *Nixi pae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios Kaxinawá no leste do Peru*, p. 116.

“Cada trabalho é um trabalho. Cada vez que a gente toma a bebida é única, não se repete a experiência que a gente tem. O que eu sinto mesmo quando eu estou no ponto máximo quando eu tomo a bebida, é que eu tô no limiar da morte, que eu morri, é como se fosse isso. E nesse ponto de desligamento com o corpo material, porque o Daime faz você se desligar, mas com toda a consciência, o Daime faz eu ter uma vivência de um mundo – do mundo espiritual – de uma forma que é impossível viver estando no estado normal da minha vida, do meu dia-a-dia. Então, esses momentos com o Daime me levam pra uma outra dimensão e me fazem compreender com mais nitidez eu mesma e o mundo em que eu vivo, o Universo. É uma percepção muito maior, muito mais ampla, um entendimento muito maior das coisas”.

O Daime é considerado uma poderosa chave para o auto-conhecimento. O adepto pode experimentar um forte contato consigo mesmo, com a sua essência interior. É um mergulho que o sujeito faz para dentro de si no intuito de fazer florescer sua divindade interna. Trata-se de um processo de descortinar uma dimensão antes ocultada, considerada, pelos daimistas, como constitutiva do ser humano. *Begônia*, sobre esse assunto, alega:

“O Daime faz você se autoconhecer. É uma coisa mesmo do autoconhecimento. É uma liberação do seu Deus interno. Você vai se liberando e vai abrindo uma porta pra você receber o que você é na verdade, pra sua essência se manifestar, desabrochar, porque a gente não sabe o que é de verdade. Tem que tá o tempo todo se trabalhando, se conhecendo. E o Daime faz isso. Ele desabrocha a nossa essência divina que todos nós temos. A gente tá aqui nesse planeta, mas sabendo que estamos ligados nessa grande árvore através dessa doutrina maravilhosa, desse sacramento que é o Daime”.

Esse tipo de sentimento é relevante no processo transformacional do sujeito. O Daime funcionaria como uma lente de aumento, um espelho de nós mesmos, onde cada um teria a oportunidade de ver a sua vida com outros olhos – os olhos do coração. *Salgueiro* expressa isso em seu discurso:

“É uma possibilidade pra gente olhar pra nossa vida de um outro ponto de vista. A gente aqui no dia-a-dia, a gente tem nosso ponto de vista. Quando a gente toma o Daime, é como se a gente pegasse uma nave e subisse lá em cima, e lá de cima olhasse pra nossa própria vida, nossas ações, tudo o que a gente já viveu. Você vê até em detalhes como se fosse uma lente de aumento, mas de um ponto de vista externo. Então, você consegue entender processos, reações, situações, que normalmente quando você tá dentro daquela situação você não percebe, você não consegue ter uma compreensão. O Daime permite que a gente se distancie daquilo e observe de outro ângulo a nossa vida. Então, umas das percepções que a gente tem é essa. Tem as sensações físicas também. Tem a percepção de sensações energéticas, a gente percebe o campo energético em volta do nosso corpo. A gente percebe também a ligação com outros seres, as entidades que se aproximam, as reações que isso causam em nós, um magnetismo, uma série de coisas. É difícil de descrever, mas é bastante variado”.

A experiência da luz também é recorrente em vários depoimentos dos daimistas. Esse fenômeno está relacionado a mudanças perceptivas, sobretudo visuais e imagéticas. Segundo

Mircea Eliade, a experiência da luz, a qual resulta sempre em uma experiência religiosa, “transforma de maneira radical o status ontológico do indivíduo, ou ainda: ‘(...) o encontro com a Luz produz uma ruptura na existência do indivíduo e revela-lhe ou desvenda mais claramente que antes o mundo do Espírito, do sagrado, da liberdade; em suma: a existência enquanto obra divina ou o mundo santificado pela presença de Deus’”¹²⁰. *Girassol* diz:

“A experiência que eu tenho é de uma luz, uma luz divina que a gente vê e que traz o autoconhecimento. Daí vêm os ensinamentos e os entendimentos que a gente tem”.

Todas essas percepções tidas acerca do mundo ordinário e do mundo divinal e as sensações experimentadas durante a experiência com o Daime trazem, para os daimistas, entendimentos sobre sua vida e sua missão na Terra, além de modificar o modo como os mesmos interagem com o todo. Para *Salgueiro*, isso se deu de uma forma muito clara. Ele afirma:

“Essas vivências me trouxeram uma transformação muito grande na forma de eu ver a minha vida. Pra mim, era uma coisa muito abstrata esse negócio de pensar o que tem depois da morte, era uma coisa muito vaga. Hoje, é uma coisa muito mais concreta, muito mais clara. Eu sei que, na verdade, eu tô no comecinho. Parece que vinte anos é um tempão, que a gente aprendeu um monte de coisas, mas só se eu olhar pra trás é que eu vou ver que eu aprendi algumas coisas, e se eu olho pra frente eu vejo muito mais coisas pra aprender. Esse caminho como não tem fim, então é muito difícil dizer qual é o começo, o meio e o fim. Eu não vejo fim. Eu só vejo o conhecimento cada vez mais lá na frente. Teve uma transformação muito forte mesmo, porque agora eu tenho uma tranqüilidade interior de olhar pra vida, de olhar pro que vem depois da vida, e ter uma visão mais clara disso, inclusive do que a gente tá fazendo aqui, da minha missão, do que a gente deve fazer ou se esforçar pra fazer. Eu buscava uma coisa que eu não sabia nem o que era e encontrei, não que eu tenha encontrado resposta pra tudo, mas eu encontrei a fonte onde eu posso achar essas respostas”.

No geral, a primeira experiência é sempre destacada pelos daimistas, que a vêem como um marco dessa jornada espiritual. É nessa experiência que os adeptos dizem descobrir a verdadeira espiritualidade e o caminho a ser seguido para sua evolução, além de terem a certeza de que não estão sozinhos neste mundo. A segurança que essa descoberta causa faz com que o fiel se sinta protegido e fortalecido para passar pelas provações impostas neste mundo de ilusão, pois sabe que no fundo “um lugar ao sol” está reservado para ele. O desaparecimento de dúvidas sobre questões fundamentais de sua existência contribui para dar-lhe sentimentos de paz. Isso da força

¹²⁰ Apud. LIMA, S. A. S. *Experiências e símbolos de transformações da doutrina da floresta*, p. 39.

para os soldados da Rainha continuarem sua caminhada, fazendo com que se entreguem totalmente aos preceitos da doutrina.

Assim sendo, os praticantes vêm no conhecimento dado pelo Ser divino que habita o Santo Daime o real sentido da vida e um caminho para o amor – o amor verdadeiro, divino –, para que possam cumprir sua missão aqui na Terra e fazerem a passagem de uma forma mais serena. É nesse amor divinal que os daimistas enxergam uma possibilidade para a iluminação.

2.3 – O que são as mirações e o sentido atribuído pelos ayahuasqueiros a elas

Desde tempos imemoriais e em todas as culturas, o ser humano tem explorado de diversas maneiras a possibilidade de produzir alterações de consciência, seja através de mecanismos endógenos como oração, mantras, meditação, jejuns, vigília, exercícios corporais, respiração e outros, ou de mecanismos enteógenos¹²¹ como as substâncias psicodélicas. Estas práticas ascéticas almejam, em todos os casos, uma comunicação com a realidade espiritual, outra realidade, e uma alteração de consciência para perceber de modo diferente a realidade material.

Em se tratando das substâncias psicodélicas, no nosso caso a ayahuasca, é bom deixar claro que qualquer que seja o grau de preparação ou evolução daquele que toma ayahuasca, a experiência é sempre imprevisível. É impossível antecipar a natureza e qualidade da sessão que se vai ter. Durante um trabalho, a evolução de cada um é inesperada. A “embriaguez” (no sentido de se deixar adentrar cada vez mais num outro universo, num outro plano, numa outra forma de consciência) pode ser lenta, acelerar-se ou, ao contrário, desaparecer de repente, ou pode aparecer em um instante quando já a não se esperava mais. De qualquer forma, há ainda aqueles que são refratários à ayahuasca, isto é, não chegam nunca à “embriaguez”. Como dizem os daimistas, de acordo com a intenção das pessoas ao tomarem o daime, este também escolhe o que ele quer da e com a pessoa; tem-se que aprender a querer a planta para que ela os queira. Desse modo, a experiência varia de um sujeito para o outro, no curso da mesma sessão, ou de um trabalho para o outro em um mesmo sujeito, bem como as mirações. Resumindo, não tem como prever a qualidade, o ritmo, a duração e a natureza da “mareação” numa sessão.

¹²¹ Conforme Fernando de La Rocque Couto, a palavra *entheos*, em grego, significa literalmente “Deus dentro”, empregada para descrever o estado em que a pessoa se encontra quando está inspirada e possuída por um Deus que entrou em seu corpo. Combinada com a raiz “gen”, que denota a ação de tornar-se, esse vocábulo compõe o termo enteógeno. Para os daimistas, isso significa dizer, que as propriedades das plantas enteógenas como Daime, levam a pessoa a ter uma profunda experiência de contato com a divindade interior existente nela mesma.

Através dos relatos coletados a partir do estabelecimento de um contato com os adeptos do núcleo daimista juizforano, localizado no bairro Floresta, detectamos a importância de serem abarcadas as mirações. Conceito este descrito por Groisman, a saber:

“(...) é uma palavra especial, usada para definir o estado de consciência no qual é possível ter contato com a espiritualidade ou percebê-la. Ela se manifesta através de um conjunto de percepções que proporcionam uma sensação de transcendência. (...) a miração revela as experiências mais profundas da espiritualidade, ou seja, o mergulho ou a ascensão aos planos superiores, ao astral superior, ao palácio Juramidam, aos jardins espirituais, aos locais onde residem os seres divinos da corte celestial. Este mergulho ou ascensão pode ser o encontro com a luz divina, ou pode ser um *insight* sobre o cosmos, ou sobre o próprio eu. (...) pode manifestar-se de várias formas: pode ser uma visão, (...) sons ou cheiros que não fazem parte da situação em que se está; pode ser uma introdução num outro universo, onde transitam seres de natureza desconhecida; pode ser um percurso dentro de uma planta ou animal da floresta; pode ser uma experiência cognitiva, na qual a mensagem está em forma de ensinamento do mestre. Pode ainda ser uma espécie de relato de guerra, ou seja, a narração de passagens entre os planos espirituais, através dos quais se tem contato com outros seres aliados ou hostis.”¹²²

Ou seja, o sujeito da experiência pode vir a ter a recorrência de sensações e imagens – muitas destas descritas por vários daimistas – como, por exemplo, a percepção de certas luzes e cores, além de ter a sensação de ligação com o meio circundante em que se encontra com correlata percepção de dissolução da individualidade, assim como a ampliação de conhecimentos, dentre outros sintomas¹²³.

Outro autor que define o termo miração é Clodomir Monteiro da Silva. Conforme este, “O estado de ‘miração’ não se confunde com as visões ‘alucinatórias’. Podem ocorrer fenômenos homólogos aos estados de êxtase, transe ou ‘possessão’”¹²⁴. Ademais, o termo acabou obtendo *status* sagrado, por significar mais que “ver”.

Ao atingir o estado de miração – momento do êxtase revelatório – o sujeito, de acordo com Alex Polari, alcança a verdade, sendo esta captada como “percepção totalizante, que se apresenta de uma maneira tão completa e irrecorrível que não apresenta outra possibilidade de ver”¹²⁵.

Sendo assim, sem querer propor uma discussão acerca do vocábulo “alucinação”, amplamente utilizado quando se trata de práticas terapêuticas ou rituais tradicionais que utilizam

¹²² GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 55-6.

¹²³ ARAÚJO, W. S. *Navegando sobre as ondas do daime: história, cosmologia e ritual da barquinha*, p. 69-88.

¹²⁴ DA SILVA, C. M. *O uso ritual da ayahuasca e o reencontro de duas tradições. A miração e a incorporação no culto do Santo Daime*, p. 413.

¹²⁵ DE ALVERGA, A. P. Op. cit., p. 204.

substâncias psicoativas, este termo, ao meu ver, é pouco adequado para expressar o significado das mirações em contexto ritual.

Segundo Germán Zuluaga, há vários séculos, as mudanças de consciência do indivíduo são interpretadas como perturbações ou patologias e se definem com o termo alucinação. Esta é definida como “uma distorção patológica das percepções e uma alteração das funções mentais superiores – juízo e raciocínio. O sintoma alucinatório, próprio da esquizofrenia ou perda da realidade, inclui uma perda das relações espaço-temporais, uma perda da consciência de si e uma série de manifestações visuais e auditivas desordenadas”¹²⁶. Ou simplesmente, alucinação é um erro ou engano de nossa imaginação produzida por aparências falsas.

Entretanto, a questão que se coloca pertinente levantar, é se as percepções obtidas mediante a modificação dos estados de consciência depois de se ter tomado ritualmente plantas ou produtos com efeitos psicotrópicos constituem uma ficção ou uma realidade. Na visão de Jacques Mabit¹²⁷, seria mais apropriado falar de “visão” e de “ver” para “designar as percepções mentais experimentadas em uma sessão de ayahuasca, cobrindo assim não somente a imaginação mental, principal, mas também as percepções atribuídas aos outros sentidos”¹²⁸.

Por conseguinte, a definição de alucinação precedente, no entender de Mabit, não se encaixa com “uma visão que conduz a uma ação eficiente ou operatória, permitindo ao sujeito dominar melhor seu universo interior. (...) a visão proveniente da ayahuasca pode parecer surpreendente, formidável, até incompreensível, mas nunca se percebe como incoerente e caótica. Não se manifesta como informe (amorfa), ainda que as visões sucessivas apareçam sem ligação segundo as leis da causalidade clássica”¹²⁹. Ou seja, o que se viveu ritualmente com a ayahuasca, ao voltar ao estado de consciência ordinária, não se toma como uma experiência destrutiva, completamente irracional, por mais que as visões demasiado abstratas ou simbólicas não possam ser imediatamente integradas ao nível consciente.

Ademais, o indivíduo não perde a consciência de si. Ele sabe exatamente ao longo da sessão quem é, onde se encontra, o que tomou, etc. O que ocorre é uma dissolução da ordem de percepção cotidiana passando pela constituição de um outro dispositivo sensorial. Ou seja, não é uma dissolução da consciência, mas uma modificação da mesma.

¹²⁶ ZULUAGA, G. *A cultura do yagé, um caminho de índios*, p. 130.

¹²⁷ Médico francês especializado em Naturoterapia (Paris) e Patologia Tropical (Ambers). Dirige também em Tarapoto o Centro Takiwasi, dedicado à exploração de alternativas ao tratamento de toxicômanos mediante a associação da psicoterapia contemporânea e o uso ritualizado de plantas psicoativas.

¹²⁸ MABIT, J. Op. cit., p. 166.

¹²⁹ Ibid., p. 166-7. Neste comentário, Jacques Mabit se refere justamente ao efeito produzido pela ayahuasca em seus adeptos.

A ayahuasca, utilizada ritualmente, amplifica a atividade cerebral e as percepções sensoriais. A pessoa sente uma aceleração de seus pensamentos e percebe com maior agudeza o menor ruído, cheiro ou uma luzinha que seja. Conforme Jacques Mabit, “ao mesmo tempo, o sujeito percebe um alargamento da sua consciência, um aumento inicial das faculdades transracionais, psicoafetivas, emocionais com redução simultânea das faculdades racionais, discriminativas e categorizantes do seu habitual, permitindo assim uma ampliação ou transcendência ao seu ego. (...) A capacidade de reflexão, de veloz conexão de *insights* e de resolução de problemas é multiplicada”¹³⁰.

Por seu turno, ao se denominar de alucinógenas as visões (mirações) tidas por meio da ingestão da ayahuasca, reduz substancialmente o alcance da definição de seus efeitos, distorcendo, dessa forma, a complexidade que envolve sua utilização ritual.

Assim, as mirações, essas experiências visuais internas sob o efeito da ayahuasca, são um traço característico da experiência de estado alterado de consciência. Porém, nem sempre as pessoas têm mirações: algumas delas as têm quase sempre, outros esporadicamente, e, ainda, aqueles que nunca as tiveram. As mesmas podem ser de conteúdo “negativo”¹³¹ em momentos de peia ou serem extremamente prazerosas. Essas sensações agradáveis provocam um sentimento de beatitude, onde aquele que as tem se sente em harmonia com todo o universo. Como afirma Sérgio Brissac, a “miração não é simplesmente uma seqüência de visões: é uma vivência *sinestésica*, que toca a sensibilidade dos participantes da sessão em dimensões *estéticas e afetivo-sentimentais*. Tal experiência totalizante, que além da visão e da audição pode mobilizar também os sentidos do tato, do olfato e do paladar, impressiona fortemente quem a vivencia, motivando uma *prazerosa intensidade de sentimentos*”¹³².

As mirações estão relacionadas à noção de merecimento. Este é um objetivo a ser alcançado por meio da conduta pessoal orientada pelo trabalho espiritual. É através do merecimento que as mirações se manifestam e mostram ao crente coisas que ele não esperava receber. Nesse sentido, a miração é um presente do astral dado ao daimista conforme o estágio que ele vai alcançando em sua jornada.

Essa visão pode ser observada na declaração de *Jequitibá*:

¹³⁰ Ibid., p. 165.

¹³¹ Quero deixar claro que “negativo” aqui não é em um sentido pejorativo do termo, e sim relativo a passagens não muito agradáveis que os daimistas experimentam durante um trabalho; pois na peia o crente se depara com os seus defeitos e tem que aprender a lidar com eles da melhor maneira possível, o que pode acarretar em sensações desagradáveis para o mesmo. Afinal de contas, olhar para dentro de si e enxergar aquilo que nós temos de obscuro, não é uma situação em que ficamos confortáveis.

¹³² BRISSAC, S. Op. cit., p. 19.

“De acordo com o nosso desenvolvimento espiritual a gente vai conseguindo ter as revelações daquilo que reside no mundo espiritual, revelações de como é o mundo espiritual, como são esses seres divinos, ter a imagem, como se fosse uma materialização digamos assim. É como se a gente conseguisse perceber a forma que lá existe, mas primeiramente eu creio que a miração no início, quando a gente tá aprendendo ainda, tá começando a se desenvolver, as mirações revelam muito sobre nós mesmos: o que é que tá dentro de você que você não tá vendo, que você não tá enxergando? E aí quando você fecha o olho naquele trabalho vem aquela imagem na sua mente e te mostra o que tá dentro de você. É uma questão de merecimento”.

Ela também é vista como um dom, pois há pessoas que são mais sensíveis para sentir a presença do divino. Elas são revelações muito íntimas que cada um vai atingindo de acordo com o seu merecimento e se manifestam de muitas formas nos revelando o que reside dentro de nós.

Essas diversas formas de manifestação são expressas no depoimento de *Ipê*:

“As mirações podem ser visões que você tem quando você toma o Daime, ou podem ser um determinado ambiente que você chega, e você experimenta um sentimento de plenitude. Eu tô falando isso, porque tem gente que tem uma predisposição maior a ver coisas, a ter visões, e tem gente que não. Comigo é difícil de eu ficar vendo muita coisa. A miração pra mim é uma viagem, é quando de alguma maneira eu fui arrebatado e tive uma viagem com um fundo especial, um fundo espiritual. Geralmente, você entra em algum ambiente que até então você não tava acostumado a entrar, desconhecido, e você é transportado pra uma outra dimensão. Você tem contato com cores, com luminosidades, às vezes com um outro tipo de realidade mais sutil que transmite uma coisa muito, muito íntima dentro do seu coração, muito especial mesmo. A miração em si, quando a gente sente ela, pode ser uma profusão muito grande de visões, ou pode ser uma coisa mais sutil que você sente, pode ser cores, uma mandala. Mas o importante mesmo é aquele sentimento de fundo ali que tá trazendo uma lembrança, uma coisa assim tão íntima. Às vezes você mira um salão, uma certa luminosidade, você é transportado mesmo. E tem esse aspecto da viagem, que é o movimento de quando você tá saindo de um lugar e indo pra um outro. Essa viagem na miração é muito bonita, e quando você chega você tem uma revelação. Então, tudo isso acontece por um merecimento ou pela misericórdia do mestre, que ele próprio te conduz nessa viagem pra você experimentar uma coisa que vai te trazer, em primeiro lugar, muita satisfação, e depois vai te revelar e te confirmar várias coisas. É muito bom a miração”.

Às vezes, a miração é como se fosse uma ilustração ou um filme, que o adepto pode vê-la tanto de olhos abertos quanto fechados. Isso pode ser acompanhado no relato de *Girassol*, que diz:

“Teve um trabalho de cura que eu fiz depois de um feitio lá em Mauá que tava presente o Padrinho Alfredo, e foi o trabalho de cura mais forte que eu já fiz. Eu vi um lugar parecendo um hospital mesmo sabe, com cadeira de rodas, muita gente de branco, muita gente sangrando, muita gente chorando sabe, eu tava vendo com o olho aberto, eu não sei explicar. Eu tava vendo de olho aberto aquilo ali, mas não tava vendo, tava de olho fechado. E não tinha tempo de pensar, de racionalizar, de ficar com medo, não tava tendo tempo de tanta proteção que tava ali sabe, porque o

Padrinho Alfredo tava ali, ele traz uma proteção, uma força muito grande. Então aí eu tava tendo uns entendimentos com a ajuda da Força, uma proteção, não tinha tempo de pensar em medo, em dúvida, porque aquilo tava tão real sabe, a história, o entendimento, a miração. Essa Força é como a tormenta do mar, porque se você quiser conhecer as profundezas do mar você tem que passar primeiro pala tormenta, pelas ondas, tem que passar por isso. A hora que começa vir a Força vem aquele negócio que você não pode segurar, você tem que deixar fluir, depois que passa vem o primor, vem a miração, vem o entendimento, aquele estado que te leva pro ápice. E tudo assim do astral, tudo divino. Cada miração tem um significado. Se a gente prestar bem atenção, se a gente se conectar com aquilo, vem o porquê daquilo, isso depende muito do tipo de miração que você tá tendo. Então, a miração tem uma função, a função de te ensinar alguma coisa, de te mostrar alguma coisa. A miração também é um ganho, um estágio que a gente alcança. Tem gente que mira na primeira vez que vai, tem gente que nunca mirou, tem gente que mira depois de um tempão. A miração é uma coisa assim muito do estado de espírito da pessoa. Se você ficar pensando na vida num vai mirá. Se a pessoa não se soltar, ela não vai chegar nesse estágio de miração, ela vai sentir a Força, mas vai ficar prendendo”.

Através deste depoimento, podemos perceber que as mirações também traduzem aprendizados do reino espiritual obtidos através do estabelecimento de um contato com um plano superior. É a luz mesmo da Rainha que promove entendimentos os quais a olho nu não se teria condição de os ter. Segundo Jacques Mabit, “o ‘ver’ não é experimentado como uma compreensão de ordem intelectual, mas como um entendimento imediato, global e instantâneo que mobiliza todos os sentidos e funções. A visão se manifesta do mesmo modo que um insight”¹³³.

Em seu relato, *Pinheiro*, bibliotecário e produtor rural, com cinquenta e cinco anos, participante da doutrina a quinze, afirma:

“Quando você mira, você já estabeleceu um contato com níveis supra-materiais, com seres superiores. É um merecimento. A miração é um momento muito fino durante o trabalho, é um momento finíssimo de espiritualidade. É quando quase que você praticamente sai do seu controle físico, você tá vivenciando uma experiência espiritual mesmo. É uma viagem espiritual que você realiza”.

As mesmas também despertam o nosso arquivo imemorial. Como relata *Orquídea*:

“Pra mim, as mirações são visões que eu tenho. As minhas mirações são de seres, de ver mesmo as plantas do reino vegetal nas árvores. Eu vejo muito forte a vida que cada planta, que cada árvore tem, eu costumo conseguir até ver o poder que elas têm mesmo, por exemplo, de cura, eu sinto a vida que elas têm, sinto como seres vivos mesmo. Mas, além disso, eu tenho visões, tenho histórias de símbolos como se fossem sonhos conscientes. Também tem coisas que eu escuto dentro do trabalho, tem os hinos que eu recebo, isso também são mirações. Eu nunca podia imaginar que eu fosse ter um hinário, uma coisa que pra mim é uma benção, uma graça, um

¹³³ MABIT, J. Op. cit., p. 168.

presente. Eu já recebi 44 hinários e eu nunca fiz música, e esses hinários são a minha trajetória no daime, e cada hino tem uma capacidade de síntese dos momentos que eu vivi, tudo na simbologia, tudo na sutileza, muito incrível. Depois eu estudando a seqüência deles, todos têm sentido, tudo tem a ver, me ajudam pra caramba nessa minha jornada, porque eu vou compreendendo e continuo na estrada”.

As mirações são a forma de comunicação que os seres divinos encontraram de passar instruções àqueles que buscam compreender o funcionamento do mundo e sua missão na Terra; são ensinamentos, revelações, aprendizados que vêm para nós do plano do astral querendo nos dizer alguma coisa. É um recado para cada um. É uma porta, uma chave para o conhecimento. Podem vir em forma de enigmas, como se fosse um quebra-cabeça, onde você tem que encaixar as peças e decodificá-las. De acordo com os daimistas, elas nunca vêm à toa, ou seja, sempre têm um significado para nos mostrar e nos direcionar para algum caminho a ser seguido. Neste aspecto, as informações ou visões tidas por meio da miração são capazes de modificar a existência diária do sujeito, seu caráter, sua conduta, ou até mesmo o seu ânimo. E isto pode ocorrer mesmo que o indivíduo não tenha conseguido ainda, de maneira clara, dar sentido a essas mensagens.

Percebemos isso no discurso de *Margarida*, que diz:

“Se você prestar bem atenção você consegue ver que tem uma mensagem ali, tem alguma coisa ali que quer dizer algo pra você, às vezes uma coisa muito íntima. Às vezes quando vem a miração mesmo é algum aprendizado que vem pra você, que você tem alguma coisa a aprender com ela, porque a miração não vem à toa. Eu me sinto bem em relação a elas, de tá podendo merecer receber uma miração. Quando eu recebo uma miração eu fico muito satisfeita, eu fico bem e muito feliz de tá podendo receber, eu tento entender, às vezes vem a gente não entende, às vezes dias depois em casa você entende, às vezes você não percebe ela na hora do trabalho, aí depois você chega em casa e uma coisa que você vai fazer te faz lembrar daquilo e você pensa: Ah! Era isso que queria dizer. Às vezes as mensagens vêm depois”.

Por sua vez, podemos inferir através dos discursos dos daimistas que a miração é uma dádiva dada pelo astral a quem for merecedor e, por isso, possui um status de absoluta verdade para os daimistas. Sendo assim, enquanto a realidade cotidiana apresenta um caráter transitório e ilusório, a verdadeira aparência da realidade é aquela tida através das mensagens e visões propiciadas pela miração sob o efeito do Daime.

2.4 – Alterações comportamentais na vida cotidiana dos daimistas provenientes das suas vivências místicas

A noção de comunidade presente no universo daimista é uma das chaves para se compreender essa questão da transformação vivenciada pelos adeptos da doutrina.

A comunidade, antes de tudo, é uma irmandade, pois todos são “irmãos”, são “filhos do Pai Eterno”, devendo, por esse motivo, se ajudar. Este comportamento, para Groisman, é preconizado na tradição oral, no processo ritual e em todos os eventos que determinam a visibilidade das premissas da vida social.

A irmandade é o símbolo desta ajuda mútua, dentro da qual os mais velhos ensinam os mais jovens, os nativos orientam os visitantes e os mais experientes instruem os novatos. Dessa forma, desenvolve-se uma noção de caridade entre os membros.

Jequitibá respondeu do seguinte modo à pergunta que fiz acerca dos objetivos da doutrina:

“Educação, uma busca incessante pelo amor, pela caridade. É uma construção de uma vida pelo amor, para o amor, para o próximo. Eu acho que esse é o grande objetivo da vida do Daime. A gente aprender a viver em comunidade e trabalhar uns pelos outros e pelo amor. É o mais importante”.

Margarida coloca:

“O grupo já é a união do pessoal, são os meus irmãos, é uma irmandade mesmo. É muito bom você se sentir no meio de pessoas que tão procurando a mesma coisa que você, dá uma tranquilidade, e todo mundo é irmão ali mesmo, você sabe que pode confiar porque são pessoas que te querem bem com certeza. Então você aprende a conviver, é um aprendizado de convivência”.

A partir desse ponto de vista, Groisman alega que essas formas da vida social daimista acabam por corresponder a um saber que emerge dos ensinamentos da própria doutrina, bem como são complementados pelo dinamismo da própria estrutura interpretativa da vida espiritual desencadeada no ritual e na vida cotidiana.

Neste aspecto, a trajetória espiritual do daimista está voltada para a superação dos obstáculos infligidos pelo “mundo da ilusão”, isto é, a ignorância em relação à vida espiritual. Com isso, as “tentações”, segundo Groisman, “seriam então ‘provas’ de convicção e vontade, que intimamente poderiam desencadear um processo de auto-estima e auto-reconhecimento”¹³⁴.

Quando o indivíduo já se tornou consciente da existência do mundo espiritual, indo em busca da perfeição e de uma forma de suprimir o Karma, o engajamento na irmandade constitui um dos fatores relevantes para o advento dessa superação, isto é, a pessoa passa a estar “dentro

¹³⁴ GROISMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 347.

do poder”, protegida contra as “armadilhas do mundo da ilusão”. Os laços pessoais, dessa forma, são estreitados, o que estimula a solidariedade e a compaixão dos demais.

Contudo, o caminho a ser seguido para se adentrar no mundo espiritual deve estar, no ver de Groisman, povoado de obstáculos iniciáticos; onde a comunidade, nesse sentido, ocuparia um lugar importante na seleção genérica destes obstáculos, porque eles devem necessariamente existir para colocar à prova os irmãos. A comunidade daimista, portanto, “enquanto estado totalizante de reciprocidade ideológica e material, (...) é modelada pela tradição oral e pelas ‘mensagens’ recebidas dos ‘seres divinos’”¹³⁵. O caminho iniciático, por sua vez, que é “destino” e também “Karma”, pressupõe a obediência aos preceitos iniciáticos (ensinos), pois depende de uma transformação radical do indivíduo, representando dentro do contexto simbólico, um substrato comportamental que faz do indivíduo um irmão. Ser irmão, nesse contexto, conforme Groisman, “é integrar-se na rede de reciprocidade na qual a vida espiritual e a vida material se encontram relacionadas”¹³⁶. O indivíduo motivado pela busca de bem-estar individual e grupal acaba ingressando num sistema de reciprocidades com o qual pode enfrentar as dificuldades do mundo da vida diária, respondendo a partir do “verdadeiro conhecimento” às dúvidas que antes estavam sujeitas à imponderabilidade do “mundo da ilusão”.

O iniciado, dessa forma, deve afastar-se do “mundo da ilusão” e voltar-se para a vida espiritual, abandonando o egoísmo e o materialismo, os quais são causas de suas “trevas” pessoais. E é somente por meio da busca e da irradiação¹³⁷ da “Santa Luz” que o indivíduo pode mantê-la acesa em si próprio.

Dentro das cosmologias amazônicas, de acordo com Groisman, a “Luz”, de natureza espiritual, produz o conhecimento acerca do “mundo dos espíritos”. A “Luz” é relacionada com o conhecimento, simbolizado pela integração no Cosmos. Em seu oposto estão as “Trevas”, relacionada com o desconhecimento, simbolizado pela obscuridade do Caos. A tensão entre estes dois elementos cosmológicos, a “Luz” (o Cosmos) e as “Trevas” (o Caos) “são dimensões essenciais da experiência religiosa como categorias motivadoras e representam as dificuldades que os seres humanos têm ao viver a experiência religiosa transcendente”¹³⁸.

No passado mítico, conforme Eliade, o ser humano já viveu um “estado de divindade”. Porém, teria perdido contato com esse estado divino através de suas paixões. A “essência

¹³⁵ Ibidem.

¹³⁶ Ibid., p. 350.

¹³⁷ A irradiação da “Santa Luz”, conforme Groisman (1996), é designada pelos daimistas de “brilho”. A “Luz da Rainha da Floresta” brilha no interior de cada indivíduo, bem como é irradiada para seus irmãos. A irradiação dessa “Luz” se manifesta em forma de caridade, de desprendimento pessoal, de compreensão e transmissão dos ensinamentos divinos, os quais trazem a salvação.

¹³⁸ GROISMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 336.

divina” do homem teria, pois, se “misturado” com a “prisão das paixões” a qual está submetido. A partir desta ruptura com a divindade, o ser humano tentaria a busca de um “retorno” a esse estado, simbolizado pela busca de uma “Luz Interior”. Para alcançar essa luz interior, o homem teria que promover uma separação entre a “Luz” e as “Trevas” para sua redenção, ou a libertação de sua interioridade – sua essência divina – com a conseqüente reintegração no “Reino da Luz” original¹³⁹.

Essa “Luz”, na concepção daimista, pode ser relacionada, então, à “luz interior” que se reportam as filosofias orientais. A “Santa Luz” origina-se da divindade, e, concomitantemente, revela-se em alguém cuja existência estava até então obscurecida pelo “mundo da ilusão”, motivando-o a procurar na vida espiritual, que é o “Reino da Verdade”, sua “memória divina”. Essa procura revela também “a ‘essência divina’ de cada um, seu ‘Eu Superior’, (...) e que pode transpor os limites da consciência e ingressar no mundo espiritual”¹⁴⁰.

A “Santa Luz” constitui-se de forma genérica, portanto, num contato com o plano astral gerado pela experiência individual e coletiva num contexto simbólico específico, onde funciona um sistema de merecimento, cuja origem está na divindade. A mesma, enquanto categoria motivadora para a existência humana, “desencadeia no adepto uma ‘busca’. Esta busca (...) é ritualizada nos percursos que o adepto realiza em seu processo de ‘iluminação’”¹⁴¹.

De acordo com Groisman, a compreensão daimista de “iluminação” está “ligada ao contato com uma outra dimensão da realidade, a vida espiritual”¹⁴². Por seu turno, pode-se dizer que “o sentido da ‘ilusão’ para os daimistas é muito menos ligado à constituição física do mundo, mas muito mais ligada ao repertório perceptivo do ser humano”¹⁴³. Por esse motivo, é tão relevante para os daimistas a transformação de seu *modus vivendi* por meio do ingresso formal na irmandade, pois é dentro desta que se inicia a transformação do adepto. Desse modo, “a prática dos ‘ensinos’ do ‘Mestre’ e da ‘Rainha da Floresta’ não são apenas formas de construção do sagrado, mas também e principalmente uma espécie de estimulação ou desobstrução dos canais perceptivos do adepto para esta outra dimensão da realidade”¹⁴⁴. E é através dessa desobstrução que o adepto conseguirá aplicar em sua vida cotidiana esses ensinamentos advindos do plano astral e de sua convivência com a irmandade do Santo Daime, dando prosseguimento ao seu processo de transformação.

¹³⁹ Apud. GROISMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 336-7.

¹⁴⁰ Ibid., p. 346.

¹⁴¹ Ibid., p. 347.

¹⁴² Ibid., p. 345.

¹⁴³ Ibidem.

¹⁴⁴ Ibidem.

A comunidade, por sua vez, tanto do ponto de vista social quanto do ritual, é o local onde cada membro exprime seu desenvolvimento e consolida seu merecimento, assim como os significados do rito se estruturam e se movem. É a irmandade que dá o apoio e a sustentação para o indivíduo passar pelas provações materiais ou espirituais que se colocarão diante dele durante sua caminhada neste plano.

A “memória divina”, nesse ponto, é um fator de relevância na construção de uma identidade grupal, na medida em que o processo de conhecimento que se dá através do acesso a essa memória é um processo de recordação. A reunião de todos os adeptos em torno do Santo Daime seria, na verdade, um reencontro; pois na memória divina, estaria registrada a coexistência deste conjunto de espíritos num passado distante. Ao ser perguntada sobre quais seriam os objetivos da doutrina, *Begônia* responde:

“Na verdade, é um reencontro dessa família, da grande família universal”.

O resgate da memória divina representaria, portanto, “não só uma oportunidade para o conhecimento da divindade interior, mas também um meio de marcar o pertencimento a uma irmandade antiga, que ora estaria se reencontrando. (...) produzindo uma sensação de reencontro e de descobrimento de um caminho, ou ainda de um lugar verdadeiro, ou de um verdadeiro lugar para ficar”¹⁴⁵.

Carvalho conta em seu relato sobre uma experiência que teve com o Daime, a qual o levou justamente a esse reencontro, a esse verdadeiro lugar para ficar:

“Quando eu me fardei lá em Petrópolis, teve uma vez uma passagem muito forte comigo num trabalho que a gente fez lá na mata, só os homens, um trabalho que chama Trabalho de São Miguel, que é um trabalho muito forte pra tomar muito Daime mesmo, um copão de requeijão, um monte de homem que passa o dia inteiro na mata cantando hinário. E aí nesse trabalho, eu tomei um tombo e caí no rio, a gente tava reunido em roda, cantando e, de repente, eu fui arremessado, eu não saí andando pra trás, eu pulei e caí dentro do córrego. Eu caí de um jeito, no meio de um monte de pedra e não machuquei nada, só uma batida na cabeça. Eu caí e fiquei encaixado num monte de pedra e morri, simplesmente morri. Parou meu pulso, eu parei de respirar, fui ficando gelado. Aí eles foram lá embaixo e me pegaram, e se apavoraram um pouco, porque o pessoal era jovem e eu chefe de família, uma pessoa mais velha do que eles, de outra cidade, e eles acharam que eu tinha morrido. Aí o comandante lá disse: “A gente tá fazendo um trabalho pra São Miguel, se a gente acredita mesmo nessa história, tudo que tá acontecendo aqui é uma coisa espiritual, vamos ter fé nisso e continuar o nosso trabalho”. E aí continuaram. Tava no final já do trabalho, na hora de rezar o rosário de São Miguel, que é o desfecho do trabalho. Aí começaram a rezar, me ajoelharam e me colocaram amarrado numa árvore. Foi aí

¹⁴⁵ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 51.

que no meio do hinário eu comecei a rezar, acordei. Foi aquele alívio geral. Mas eu acordei sem sentir nada, totalmente bom. Aí eu falei: “O que foi que aconteceu? Eu caí?”. Não tinha nada, eu só senti aquele coágulo de sangue na cabeça, não tava nem sangrando, só aquela bola de cabelo com sangue. Aí nós descemos uma descida difícil e o pessoal preocupado comigo, e eu tranqüilo, porque nesse momento que eu tive ausente, eu não perdi a minha consciência. Eu fui num lugar maravilhoso e me achei nesse lugar. Eu tava ali o tempo todo, mas eu tava num lugar que não era esse aqui e nem lembrava de nada daqui. Eu cheguei num lugar que era a minha casa. Um lugar que se eu for descrever pra você vai parecer até uma coisa alegórica demais. Não dá pra descrever. As coisas que eu vi não tem nada que se assemelhe, mas era um lugar que eu me sentia totalmente familiarizado, e sabia que aquilo era o lugar que eu tinha que estar, aí eu pensei: “Graças a Deus que eu voltei, cheguei de volta!”. Aí veio uma voz grossa parecendo Deus falando e falou bem alto comigo. Depois eu vi que era eu mesmo e pensei: “Você pode estar aqui a hora que você quiser”. Foi a hora que eu acordei e comecei a rezar o Rosário. Foi aí que eu entendi. Me valeu muito essa experiência, porque eu vi que eu posso estar lá a hora que eu quiser, e eu senti uma confiança naquela voz, eu vi que eu podia mesmo, que aquilo era meu, não era nada novo, era meu. Aí eu pensei: “Claro que eu posso tá aqui. Aqui é a minha casa”. Eu sei que eu tô aqui, mas a minha casa é lá. E é uma coisa muito especial que eu vim fazer aqui, muito importante, que eu tenho que saber o que é, pra poder quando eu voltar lá ter essa história. Então, veio essa clareza pra mim”.

É a partir da “Santa Luz” que cada irmão, que é “filho do Pai Eterno”, entra em contato com sua “memória divina”, sua “verdadeira identidade”, encontrando o seu caminho, identificando a sua jornada. *Ipê* vislumbrou bem isso em uma experiência que teve com o Daime, a seguir:

“Teve um trabalho de natal, onde a gente cantou o Hinário do Mestre Irineu e, no final do trabalho, eu senti um arrebatamento, eu senti algo muito familiar, um sentimento inexplicável como se aquele lugar, aquela igreja fosse a minha casa. Isso foi me causando uma comoção e me veio uma emoção tão grande que, naquele momento, o Mestre Irineu se revelou como meu mestre mesmo. Aí veio uma imagem dos meus últimos anos, da minha vida, e veio claramente pra mim como ele tava presente em todos os momentos da minha vida me orientando, me abençoando, como ele nunca tinha me abandonado apesar de eu meio que te abandonado ele num certo tempo. E aí, a partir desse momento, eu comecei a chamar mesmo a presença dele, considerar ele como meu mestre espiritual, e a desenvolver um carinho cada vez maior por ele. Eu vi que eu devia seguir dentro dessa jornada espiritual, que eu tinha encontrado um caminho. E aí toda vez que eu tomava o Daime e também em todos os momentos da minha vida, de manhã quando eu acordava e ia sair, eu tava sempre pensando nele, pedindo a proteção dele, pedindo a guia pra ele acompanhar minha vida, pra me abençoar. E aí quando eu ia tomar o Daime eu firmava mesmo nele, pedia pra ele me orientar. Pra mim, então, ele é a base de tudo, da guia espiritual e dos ensinamentos que vem do Daime”.

Essa jornada, para Groiman, “é a ‘batalha’ que deve ser travada individual e coletivamente para a ‘Salvação’, através do uso humilde e perseverante da ‘chave’ herdada”¹⁴⁶.

¹⁴⁶ GROIMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 346.

É por meio da certeza acerca dos ensinamentos da revelação da “Santa Luz” que passa a povoar o universo pessoal do adepto, que este se integra ao “Exército da Rainha da Floresta” para a batalha que deve travar contra as forças “trevosas”. Portanto, o mundo da vida diária encontra, assim, “um sentido essencial dentro deste sistema salvacionista, pois nele também se mostram a firmeza e as escolhas pessoais e se manifesta o merecimento. O apoio espiritual, o conforto pessoal e a solidariedade nas horas difíceis são valores centrais do convívio e do cotidiano. Os palpites, os conselhos e as reprimendas também. (...) É na leitura do comportamento interativo que reside mais uma das fontes de trocas pessoais”¹⁴⁷.

A obediência aos preceitos da doutrina se torna, pois, um dos componentes básicos do processo de ajuste do adepto ao sistema. Entretanto, *Jequitibá* demonstra na sua fala a dificuldade de se lidar com o *modus vivendi* da sociedade atual sobretudo na cidade:

“A gente tem que ter muita paciência, ter a compreensão, conhecer é muito bom, mas na hora de praticar aqui nesse mundo que a gente vive, principalmente na cidade, onde há muitos tipos de energia, muitas energias negativas, muitos maus pensamentos, maus sentimentos, onde muitas pessoas não estão com o objetivo muito claro de amar, de ser caridoso, onde ainda reside muito egoísmo, muito orgulho, muita inveja, onde ainda há muita maldade, a nossa realidade é essa, então realmente a gente se vê muito tentado a continuar com as nossas atitudes orgulhosas, egoístas, mas é uma verdadeira batalha, é a gente tá prestando atenção e ir se corrigindo pouco a pouco, porque a gente tá lidando com as fraquezas do ser humano. Tem que ter paciência porque é um processo, não é uma coisa mágica que você enxerga e no outro dia você já tá completamente diferente, então é preciso ter calma e paciência pra ir se corrigindo devagarzinho. Aos poucos a gente se vê até meio como criança, a gente fala: meu Deus, como é que eu ainda faço isso se eu já vi que não é por aí, mas devagarzinho a gente vai conseguindo mudar. E é por isso que é tão importante esse sentimento de família, de irmandade que a gente carrega dentro do Daime, é conviver muito, estarmos sempre bem unidos porque lá a gente sabe que todo mundo tá buscando isso. Então a gente convivendo muito, estando sempre próximos, contando uns com os outros, a gente consegue praticar melhor aquilo que a gente aprende, a gente tem mais possibilidade de praticar. Então é viver lá pra poder até dar um testemunho aqui na vida do lado de fora e mostrar pras pessoas que não tem nenhum maluco lá e que a gente tá procurando é se corrigir e aprender mesmo a viver a vida como ela deve ser vivida, buscando aprender e se corrigir”.

As relações com o corpo também são alteradas, pois os seguidores da doutrina se consideram guerreiros do Santo Daime, o que faz com que, na medida em que eles vão internalizando este conceito, tratem o próprio corpo como um “recinto do sagrado”¹⁴⁸, estando nele refletido o espírito do homem. Por sua vez, os daimistas passam a aprender a dominar os impulsos de prazer do seu aparelho por compreenderem que o corpo deve estar a serviço do

¹⁴⁷ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 79.

¹⁴⁸ PELAEZ, M. C. Op. cit., p. 485.

espírito e não vice-versa. Assim sendo, “o corpo começa a ser percebido como um instrumento de ‘trabalho’, havendo uma maior exigência de esforço corporal disciplinado e metódico. Desenvolver-se-ia também a consciência de cuidar deste instrumento, mantendo-o ‘limpo’ tanto externa quanto internamente e evitando ‘intoxicá-lo’”¹⁴⁹. Podemos sentir esta tendência nos dizeres de *Margarida*:

“São muitos ensinamentos que a gente acaba aprendendo, o respeito e o amor próprio também, é você tá se cuidando, tá cuidando do corpo, porque ele é o nosso aparelho. O aparelho tem que tá bom pro espírito também ficar. É você tá sabendo que você tá ali no trabalho tendo que cuidar de você, porque você tá tendo tempo de pedir a Deus, você entra em contato, então você tem que se cuidar”.

Do mesmo modo, a ordem existente dentro dos rituais e a instituição de um início, meio e fim que marca todos os trabalhos funcionam como um aprendizado, o qual é trazido para a vida cotidiana. A transformação propiciada por este princípio de ordenação faz com que o adepto aprenda a ter disciplina e perseverança na hora de fazer suas tarefas diárias, sempre procurando realizá-las por completo, não deixando nada pela metade. Durante a tarefa, o fiel deve estar concentrado em seu feitio, fazendo-a com a cabeça e com o coração para que tudo convirja na direção de um resultado positivo. Ao terminá-la, o daimista deve lembrar-se de agradecer a Deus e aos seus guias espirituais por ter alcançado o seu objetivo naquele momento. *Carvalho* expressa a relevância dessa questão da ordem em seu depoimento:

“Saber começar, saber terminar, o ritual é uma aula de vida. Um trabalho espiritual no Santo Daime é uma sala de aula mesmo pra gente encarar a vida. Todas as forças que a gente tem que chamar pra manter a lisura, a firmeza, a compostura dentro de um trabalho, são as forças que a gente tem que chamar no dia-a-dia pra vencer as nossas mazelas, os nossos vícios, as nossa preguiças. Tudo ali tem a ver, o desfecho de um trabalho. Às vezes a gente faz um trabalho ótimo, aí chega no final e vê que tá acabando, as pessoas relaxam e terminam mal um trabalho, isso tem conseqüências seríssimas depois, você não fechar um trabalho espiritual direito. Aí a gente vê que na vida da gente também acontece isso. Às vezes a gente começa a fazer uma coisa direitinho, mas chega no final você atrapalha aquilo e perde aquilo tudo. Então, essa estrutura toda tem a ver e dá pra gente uma consciência da responsabilidade do que é estar vivo, e fazer as coisas com perfeição do princípio até o fim, abrir e fechar. Qualquer coisa que você for fazer na sua vida você abre e fecha. Igual essa entrevista, nós vamos abrir e fechar essa entrevista. Quando a gente faz uma reunião, a gente abre e fecha essa reunião. É essa coisa dos limites que a gente tem que dar pras nossas atuações é muito importante. Eu aprendi isso com o Daime. Cada vez isso tá reforçando mais em mim, essa atenção com as coisas que a gente tá fazendo, com a vida da gente, com os passos que a gente vai dando. Afinal de contas, a gente não tá sozinho, a gente tá ligado com uma força maior”.

¹⁴⁹ Ibidem.

Outro aspecto relevante desse processo de transformação promovido pelo Daime está na nova relação que o fiel estabelece com a natureza. Segundo Maria Cristina Pelaez, é central na cosmologia daimista a idéia de natureza como uma “força protetora” para o homem. Com isso, “em qualquer das suas manifestações – astros, animais, vegetais, minerais – a natureza seria uma fonte de mistérios aos quais o homem, estando em ‘sintonia com ela’, poderia aceder. Os daimistas iriam descobrindo as bênçãos da natureza e teriam permanentemente uma atitude de preservação em relação a ela”¹⁵⁰. Podemos observar isso nas palavras de *Orquídea*:

“O Daime foi me trazendo um monte de certezas, um monte de caminhos, um monte de opções que eu fui tendo. O daime, na verdade, é um oráculo vivo. No meu caso, por exemplo, uma coisa que me trouxe foi essa necessidade total de ter uma vida voltada pra natureza. O Daime foi me mostrando, por exemplo, a olhar diferente o sol, a lua, as estrelas, o vento, o mar, a cachoeira, todo esse movimento cósmico, isso virou uma coisa fundamental pra mim, eu não consigo viver sem. Pra mim o que eu mais quero é tá o tempo todo em contato com isso, com a natureza de um modo geral, por isso a gente tem que preservar. Não tô falando de chavão, tô falando de realidade mesmo. O Daime me dá muito distanciamento de tecnologia, de aparelhos eletrônicos. Tem gente que não é assim. No meu caso foi radical essa vida mais próxima de um estado mais natural, de buscar mesmo aonde tá a essência das coisas. Eu cansei do que é muito exterior a gente, do consumismo. Isso tudo você vai abrindo mão, não é porque você tem que abrir mão, mas no meu caso me dá vontade. É muito difícil você viver com esse paradoxo todo da cidade, com essa loucura toda da vida urbana. Eu quero ir pro interior, adoro o interior. Adoro ter uma vida mais simples. Adoro fogão de lenha. Adoro planta. Gosto de tudo que é mais puro, mais artesanal, não gosto de coisas industriais. Eu quero viver mais de acordo com a minha realidade e a minha verdade mesmo”.

A revisão de situações familiares conflitantes com o intuito de reconciliar-se com estes vínculos primários também se mostra presente no discurso dos adeptos da doutrina, como pode ser percebido no relato de *Carvalho*:

“Eu tinha muitos problemas de relacionamento com a minha família. Depois do Daime, eu passei a entendê-los mais, a respeitá-los mais, entender a individualidade de cada um, o processo de cada um, respeitar mais a história deles. Aprendi também a ser mais complacente com as pessoas, acreditar que todo mundo é bom, que ninguém é ruim de propósito, porque todo mundo sofre por ser ruim. Então, todo mundo não quer ser ruim, mas às vezes você tá sendo ruim circunstancialmente, em função de uma má compreensão, de um mau entendimento, de um processo seu, mas um dia eu tenho certeza que a pessoa vai acabar entendendo. Então, é ter essa paciência, essa calma com as pessoas, confiar mais no cosmos, porque quando eu vi essa história do Daime, eu vi que igual ao Daime tem muitas outras coisas, tudo é uma orquestração divina, a vida da gente toda. Outra coisa que aconteceu, por exemplo, foi que eu e a minha esposa não éramos nem casados, a gente ficou junto, a gente era rebelde, esse negócio de casamento, não tem nada a ver, não temos que dar satisfação pra sociedade. Mas o Daime foi mostrando pra gente que não é bem assim,

¹⁵⁰ Ibid., p. 486-7.

que a gente tá dentro de uma comunidade e você tem que dar respostas ali pras coisas. Então, eu sinto que o Daime vai colocando as coisas pra gente. A família pra mim, depois que eu comecei a tomar Daime, passou a ter outro significado, porque o meu conhecimento espiritual foi aumentando, e eu fui vendo como é que a família tá muito próxima da realidade espiritual. É uma coisa aqui no mundo material que funciona como um recurso que o mundo espiritual usa no mundo material, que é a família, esse negócio de colocar as pessoas juntas pra resolverem os problemas. Por isso nós casamos, nós fizemos tudo que tinha direito pra constituir tudo direitinho, pra dar essa resposta mesmo. Eu acho super importante a família. Eu acho que o Daime é uma doutrina essencialmente de família. O Mestre Irineu, o Padrinho Sebastião, o Padrinho Alfredo, todos eles deram esse exemplo pra gente, de ter a sua família, a sua mulher, os seus filhos, o lar, o ninho, isso é muito importante. Então, eu vou aos trabalhos pra aprender como é que eu faço as coisas aqui fora. Eu quero fazer aqui o que eu aprendi lá. Isso é o que me move. Eu não tô na doutrina só pra tomar o Daime. Eu tô querendo achar uma verdade na minha vida. Lá eu vou pesquisar, vou conversar, vou estudar essa verdade, e eu quero trazer ela pra minha vida. Eu não quero ficar com essa verdade só lá, eu quero ela aqui, dentro da minha casa, na relação com a minha mulher, com meus filhos, com meus amigos, com a minha família. Então, tudo que eu tinha de aresta, eu já dei um jeito de limpar”.

Além do mais, a convicção da existência de um mundo espiritual propiciada pelo Daime faz com que os adeptos se autocritiquem, modificando seus pensamentos e condutas vistos como errados. Nesse sentido, os daimistas procuram reinterpretar suas histórias de vida, tendo o Daime como um orientador na condução da vida prática. *Salgueiro* reflete essa postura ao dizer:

“É uma das coisas que a gente vê com muita frequência dentro do Daime, em mim e nos outros, que são as transformações que as pessoas têm nas suas vidas. Eu mesmo tive e vou vendo os outros tendo. É uma coisa que acontece naturalmente. Não é uma coisa forçada e nem racional. É uma coisa nova que você vai aplicando na sua vida. A gente descobre que há aspectos da vida que a gente pode melhorar, coisas que não tão em harmonia com algo maior, com o plano superior. Então, naturalmente isso já provoca uma transformação dentro da gente. Você vai transformando o teu ser, a tua forma de perceber as coisas e de agir principalmente. E isso você sente na própria vibração que as pessoas transmitem pra gente e o que a gente transmite pros outros. Na época em que eu trabalhava no Rio, fazia os trabalhos e depois ia trabalhar no dia seguinte, eu sentia que às vezes eu conseguia transmitir alguma coisa pras pessoas em volta que nem sabiam que eu freqüentava o Daime. Eu trazia uma vibração de paz, harmonia, que as pessoas percebiam e falavam: “Nossa! Você tá tão bem”. Às vezes vinham até pedir um conselho, uma ajuda. Você percebe que você passa a transmitir essa vibração boa que a gente recebe no trabalho espiritual pros outros no dia-a-dia. A gente, na verdade, faz um esforço de melhorar cada vez mais, porque a gente percebe que pode melhorar em certos aspectos, porque o Daime mostra muito claramente quais são os aspectos da nossa vida que a gente pode melhorar, o que a gente ainda não tá fazendo. E isso é simplesmente tá em harmonia ou não com o todo, com o Criador, com a criação. Então, a gente percebe que em certos aspectos a gente ainda não tá nessa harmonia. Naturalmente, então, surge uma vontade de melhorar isso. A gente vai fazendo aos poucos e nossas ações vão mudando com relação ao mundo, com as pessoas”.

A bebida sagrada funciona, assim, como uma chave que abre as portas para o autoconhecimento, onde aquele que crê no mundo espiritual passa a ter uma certeza indiscutível da existência do divino, e o cético começa a acreditar e aceitar o inaceitável. *Carvalho*, em seu depoimento, conta sobre essa transformação pela qual passou:

“Eu sempre fui muito racional. Eu fui estudante de engenharia, professor de matemática, gostava muito de física. A física quântica já me assustava, porque ela me mandava pra uns lugares que eu não entendia. Com o Daime é que eu fui tendo uma compreensão. Então, essa transformação espiritual aconteceu, porque formatou mesmo uma compreensão pra mim que eu não tinha e nem nunca tive, nem na ciência e nem nas outras escolas que eu tinha procurado. Eu vi no Daime aquele ouro puro ali, aquela finesse, os hinos, aí eu pensei: ‘É aqui’. E foi aí que foi me dando essa compreensão, essa grande transformação que eu tive. Eu passei a acreditar, essa foi minha grande transformação. Eu vi que a mágica acontece, porque eu vi que eu morri e nasci de novo. Então, eu vi que isso é possível, eu sei que é possível morrer e nascer de novo. Eu já vi milagre acontecer, de ver a pessoa desenganada ficar boazinha, eu vi aqui, nós vimos aqui. Então, eu já vi muita coisa impossível de acontecer simplesmente acontecer. Então, eu não duvido de mais nada. Essa foi a grande transformação que eu tive, essa transformação espiritual que aconteceu. Eu visualizei, eu vislumbrei a verdade toda. Nada me enrola mais. Quando eu vou tomar uma decisão, nada me deixa mais em dúvida. Se eu por uma acaso tiver uma dúvida, eu tomo o Daime, vou lá pro morro e ele me fala. Eu não tenho mais medo. Quantas vezes eu tava na dúvida, tomava o Daime e ia lá pra cima, e chegava aqui com a maior clareza. Então, eu adquiri essa confiança, esse respeito, essa aliança com o Daime. Essa foi a grande transformação que tive, adquirir essa certeza que eu não tinha do mundo espiritual”.

Na verdade, o Santo Daime é considerado uma escola e, portanto, aquele que resolve seguir os preceitos da doutrina deve aplicar os conhecimentos apreendidos no trabalho espiritual em sua vida cotidiana, pois, do contrário, o adepto cai na incoerência de sua própria existência. As instruções recebidas do astral influenciam o comportamento, a relação afetiva dos adeptos com relação à alteridade, sua formação moral e ética, além do status ontológico do sujeito. É uma transformação radical. Podemos notar isso no relato de *Orquídea*:

“Tem um hino que fala: ‘Para estar junto a este Cruzeiro, é preciso mudar de opinião’. Mudar de opinião é transformar, senão não adianta nada. Vai chegando num ponto que não tem como voltar atrás. Esse é o arrocho do Daime. Você tem que transformar mesmo é no fundo de você. E às vezes a consequência fica muito forte pra quem vê, você quer ser verdadeiro mesmo, você vai tendo essa consciência muito grande do que realmente é o ser humano, qual é a nossa função, qual é a nossa missão, pra que a gente tá aqui, porque que eu nasci aqui nessa família, porque que eu tive esse filho, porque que eu tô aqui nessa Igreja, porque eu tenho isso tudo que eu tenho. Você vai começando a compreender e a se conformar um pouco não no sentido da passividade, mas de compreender isso e a partir daí continuar seu processo de evolução e de aperfeiçoamento pra iluminar, porque o objetivo é iluminar, e você só ilumina se você não tiver nada em mente. Se você tiver com pensamentos carregados não adianta, só quando você se esvazia e deixa chegar a sintonia fina, sutil

das energias de vibração mais fina, aí é que tá o lance. Então você tem que transformar, e pra isso você tem que tá com o coração puro”.

De acordo com Mariana Franco e Osmildo da Conceição, “este acesso a profundezas nunca dantes navegadas, para essas pessoas, pode trazer esclarecimentos sobre a vida cotidiana, ou ‘material’, numa busca ‘de se aperfeiçoar cada vez mais e de limpar a matéria para se adaptar melhor, para ver qual o significado da vida’. Um significado que remete-nos novamente ao Divino e, num aparente paradoxo, ao Inexplicável: as coisas de Deus”¹⁵¹.

Essa comunicação profunda com o plano espiritual implica, então, em uma transformação, posto que esta última “comporta uma morte simbólica, e uma ampliação cognoscitiva radical na qual a percepção de si mesmo também se vê afetada”¹⁵². Dessa forma, os daimistas podem sentir e viver importantes mudanças em sua existência, ou seja, os descobrimentos sobre si mesmo se percebem como “revelações” ou “mensagens” do plano astral, cuja forma de convicção se impõe de maneira indubitável ao se voltar ao estado normal de consciência, o que acaba por imprimir profundas transformações na psique e no comportamento do sujeito.

¹⁵¹ FRANCO, M. C. P.; DA CONCEIÇÃO, O. S. Op. cit., p. 220.

¹⁵² LUNA, L. E. *Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural*, p. 188.

Capítulo 3 – O papel da ayahuasca e de outros elementos ritualísticos como possíveis desencadeadores do êxtase

As substâncias psicoativas, no nosso caso a ayahuasca, trazem consigo um papel, ao lado dos sonhos, de danças, do canto e de outras técnicas, de operadoras que modificam o corpo e a mente, tanto por exacerbar a experiência sensível como abrir caminho para viagens no tempo e no espaço e revelar a existência dos seres que habitam o “mundo verdadeiro”.

Ayahuasca é uma palavra de origem quíchua, onde “Aya” quer dizer “pessoa morta, alma, espírito” e “Waska” significa “corda, liana, cipó”. Traduzindo para o português teríamos as variações: “corda dos espíritos”, “liana dos mortos” ou ainda “cipó da alma”. A bebida é preparada a partir da infusão ritual do cipó “Jagube” cujo nome científico é *Banisteriopsis caapi* com a folha “Rainha” ou “Chacrona” do arbusto *Psychotria viridis*¹⁵³. As folhas deste arbusto contêm um princípio psicotrópico, a N, N, Dimetil-triptamina (DMT) e vestígios de mono-metil-triptamina e 2-metil 1,2,3,4 tetrahydro-B-carbolina. Quando administrada por via oral, a DMT é degradada pela monoaminoxidase (MAO) dos tecidos periféricos, inativando-se. Por sua vez, a *Banisteriopsis caapi* contém alcalóides B-carbolinos: Harmina, Harmalina e Tetrahydroharmina, que atuam inibindo a MAO, evitando que esta enzima inative a DMT ao ser ingerida oralmente¹⁵⁴.

Para os daimistas, o cipó e a folha, quando reunidos, estabelecem uma relação de complementaridade, ou seja, a “força” do cipó é balanceada pela poder da folha, que traz “luz” às mirações. A força do jagube e a luz da rainha correspondem a duas entidades do plano espiritual que fundamentam sua cosmologia. Estas entidades que figuram no complexo simbólico personificado e que habitam o Daime¹⁵⁵ são o Mestre-Império Juramidam e a Rainha da Floresta, ou a Virgem da Conceição. Juramidam, de acordo com Groisman, “é uma expressão que sintetiza o todo cósmico (Cosmos-Jura-Pai), ou seja, a fonte do poder espiritual, e a coletividade dos daimistas (Sociedade-Midam-Filhos)”¹⁵⁶.

¹⁵³ LABATE, B. C. Op. cit., p. 232.

¹⁵⁴ Cf. PELAEZ, M. C. Op. cit., p. 480.

¹⁵⁵ A palavra “Daime” foi recebida da Rainha da Floresta por Irineu, e é advinda do verbo “dar” mais o pronome “me”, como se fosse um pedido: Dai-me força, Dai-me luz, Dai-me amor. Estas invocações são dirigidas ao ser espiritual presente na bebida, além de expressarem a dádiva divina da abundância a todos que crêem.

¹⁵⁶ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 97.

Juramidam é o herói civilizador, grande pai que estabelece os preceitos e as leis e que define e executa as sanções. Esse herói está à frente de um exército (os daimistas) em constante batalha para estabelecer o bem, para conseguir ser a expressão pura de Deus, do Eu Superior que existe em todos nós. Já a Nossa Senhora da Conceição – a Rainha da Floresta, a Divina Mãe – é protetora e amorosa, guardiã do Daime e de seus filhos, além de ser portadora da “Santa Luz” que ela mostra somente a quem merece. Desse modo, a comunidade daimista é constituída pelos ensinamentos da Rainha e do Mestre, sendo juizes dos atos individuais. Como dizem os daimistas, nós vivemos em cima de uma corda bamba, portanto temos todos que “andar na linha” para não sair do verdadeiro caminho.

A natureza, segundo os daimistas, é composta de seres divinos, vontade e uma ordem própria, não estando, contudo, fora do humano. O humano, dessa forma, está dentro da natureza, está interligado com as forças viventes que se encontram na mesma. É como se na nossa vida cotidiana percebêssemos apenas o lado ordinário da realidade, não se revelando aquele aspecto mais sutil da identidade comum de todas as coisas vivas. Neste estado normal da percepção, parece que estamos de olhos vendados, conseguindo apenas ver os corpos e suas utilidades. Já em estado alterado de consciência, nos defrontamos com o outro lado da realidade – a realidade do mundo espiritual presente na natureza, em nós mesmos e em todas as coisas vivas. O consumo da ayahuasca, neste caso, “nos possibilita a percepção da igualdade entre os seres, vendo como humanos (iguais) os seres encantados”¹⁵⁷. A bebida sagrada tem o poder de colocar o indivíduo em contato com os ancestrais e com a fonte de criação do universo, onde tudo adquire vida e seu aspecto exterior aparece como humano. É um retorno à origem, necessário para a renovação e preservação do mundo.

A realidade, assim, é vista como multidimensional. Este lado da realidade – o mundo das atividades cotidianas – é visto quando de olhos abertos. Já o outro lado da realidade – o mundo dos espíritos – este é invisível aos olhos, mas sempre presente. Essas forças invisíveis presentes no “outro lado” são capazes de influenciar eventos ocorridos no mundo cotidiano. Portanto, de acordo com os daimistas, nós devemos estar constantemente em harmonia com este outro lado da realidade.

A ayahuasca revela o mundo no seu aspecto verdadeiro, como ele realmente é, nos fazendo perceber o lado oculto da realidade. Sob o efeito da bebida, a realidade ordinária, as qualidades perceptíveis do mundo aparecem como uma ilusão. A mesma tem a propriedade de

¹⁵⁷ LUZ, P. *O uso ameríndio do caapi*, p. 38. A utilização deste artigo nesta dissertação foi com o intuito de fazer uma analogia com o Santo Daime por ser a mesma substância, apesar do seu uso estar em contextos diferentes; além de acharmos serem similares os efeitos produzidos pela ayahuasca de acordo com a descrição dos adeptos, embora o contexto seja diverso.

limpar o indivíduo por dentro, estando ligada à manutenção e à continuidade da vida, sendo igualmente a chave para uma verdadeira apreensão da realidade para além da aparência. É através de um concentrado de três matérias naturais – jagube, rainha e água – que se adquire o precioso líquido – o Santo Daime, o qual, uma vez ingerido, manifesta sintomas nos cinco sentidos de um aparelho material qualquer, que faz a ligação com o sexto sentido nos mostrando a verdadeira realidade.

O que caracteriza o consumo da ayahuasca é o aprendizado por meio de um processo gradual onde a alteridade também se manifesta no plano das relações com os espíritos. Embora as descrições dos indivíduos de como é o outro mundo estejam dentro de um quadro cultural mais amplo, compartilhado por todos e coerente com a cosmologia do grupo, esta última apresenta um grau de fluidez, estando sujeita às experiências pessoais provocadas pela bebida¹⁵⁸. Assim sendo, a experiência é fundamental, pois o conhecimento metafísico que decorre do uso das plantas de poder é transmitido diretamente pelos espíritos à pessoa que estabeleceu um contato direto com estes. Para Clarice Novaes, “há uma reciprocidade, portanto, entre a espécie vegetal e o grupo, uma troca de presentes: um dá água, nutrientes, o outro, visões e conhecimento”¹⁵⁹.

Contudo, é o dirigente da sessão – que pode ser o Padrinho ou o Vice-Padrinho da comunidade – o responsável pela administração, incluindo o preparo, dosagem, as explicações que advém do uso da bebida, bem como a orientação e o encorajamento durante a experiência. O guia da cerimônia ao dizer durante a abertura de um trabalho espiritual “vamos dar início ao trabalho do dia de hoje”, nesse momento ele chama para dentro do salão as forças benéficas da floresta, seus entes, seus seres “encantados”, divinos, e, com isso, constrói uma ponte entre este mundo e o outro mundo, se configurando num mediador entre os seres do “outro lado” e os membros da comunidade. Mas são estes que definem e dão sentido às suas experiências individualmente. O Padrinho, em se tratando dos neófitos, através de sua experiência na lida com os seres invisíveis, pode, em algumas ocasiões, dar instruções ou ajudar na interpretação de algumas visões.

Na verdade, conforme Pedro Luz, ao ingerir a bebida sagrada

“o nativo realiza a separação do espírito e do corpo, experimentando uma apreensão do mundo na consciência antes do que nos sentidos. Melhor dizendo, uma apreensão da realidade que se dá através dos sentidos de sua parte espiritual antes do que os do seu corpo, embora seja o impacto da bebida neste último que anuncia o despertar dos

¹⁵⁸ Ibid., p. 50.

¹⁵⁹ DA MOTA, C. N. *Sob as ordens da Jurema: o xamã Kariri-Xocó*, p. 284.

primeiros. Mais do que isso, é a planta que dá o conhecimento e o poder a esta parte espiritual (que se revela a partir de sua ingestão) que possibilitará sua sobrevivência após o desencarne.”¹⁶⁰

Mais à frente ele diz: “é a planta que revela as coisas como elas realmente são, sua essência – e neste aspecto verdadeiro todas as coisas são iguais, são espíritos e espíritos humanos, ou melhor, têm aspecto humano mas são mais do que homens, são seres poderosos, transcenderam a temporalidade vivendo na eternidade, num espaço próprio que, no entanto, abarca todos os espaços, uma vez que de lá tudo se vê e lá tudo se sabe”¹⁶¹.

Segundo Groisman, “Daime é um ‘ser’ que conduz a pessoa para o advento de uma percepção espiritual do universo, uma chave que abre portas para que esta percepção espiritual possa ser usada na vida material. Este abrir portas desencadeia um processo de modificações pessoais e a pessoa passa a dar sentido diferente à sua vida cotidiana e ao seu passado”¹⁶². O Daime é encarado como um “ser” pelos daimistas, portanto ele contém o “Mestre”. Este, na concepção daimista, é uma entidade de natureza espiritual, identificada com Jesus Cristo, que tem no Mestre Irineu um mensageiro simbolizado na figura de Juramidam. Irineu, dentro da cosmologia daimista, ao receber instruções de uma mulher identificada como Nossa Senhora da Conceição por meio de sonhos e visões, ela se torna o elo de ligação com o plano espiritual.

Segundo Fernando de La Rocque Couto, Mestre Irineu juntamente com a Rainha da Floresta compõem a paternidade simbólico-espiritual dessa doutrina. Há, por seu turno, na Doutrina do Santo Daime, “a existência de um universo simbólico que tem como base a idéia de Império Juramidã, nos remetendo a uma filiação mítica, tendo como Mãe a Rainha da Floresta e como Pai o Rei Juramidã, constituindo a ‘Família Juramidã’”¹⁶³.

O “Mestre”, por conseguinte, para Groisman, é aquele que ensina o caminho, que dá a “força” para o aperfeiçoamento pessoal, sintetizando o princípio masculino; enquanto que a “luz” provém da Rainha da Floresta, correspondendo ao princípio feminino, pois não basta a força para abrir caminhos, mas também e de forma tão fundamental, a luz para percorrê-los. Com isso, “cada um dá, então, sua contribuição para o desvendamento, para a revelação, e não há desvendamento sem a fusão dos dois princípios num só ser, o Daime. Desta forma, a cultura daimista reforça uma ideologia de complementaridade masculino/feminino”¹⁶⁴. Sendo assim,

¹⁶⁰ LUZ, P. Op. cit., p. 62.

¹⁶¹ Ibid., p. 63.

¹⁶² GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 99.

¹⁶³ COUTO, F. de La R. Op. cit., p. 388.

¹⁶⁴ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 99-100.

unida ritual e fisicamente pela “comunhão” – o Feitio¹⁶⁵, que é a elaboração física do daime – essa dualidade pode revelar a essência divina de cada ser humano. Isso significa dizer que

“tomar o daime é ‘entrar em comunhão’ também, e conseqüentemente, ter acesso aos espíritos guardiões que estão no ‘Astral’, o Plano Espiritual. Segundo as concepções daimistas, são estes espíritos que ‘iluminam’ as ‘trevas’ do mundo ilusório da ‘ignorância’ ou da convicção exclusivista de que o mundo é composto apenas de uma dimensão material, física, visível. Na cosmologia daimista, eles mostram o ‘caminho’, ‘àquele que merecer’.”¹⁶⁶

O Daime, por ser fiel às suas origens xamânicas, é também uma imensa celebração à natureza que a todos acolhe e provê. Os seres do mundo natural, o sol, a lua e as estrelas, a invocação dos espíritos protetores e angélicos e a gratidão eterna ao Pai e a Mãe celestiais se fazem presentes e se conjugam nos rituais do Santo Daime, revelando aos corações daqueles que merecem e querem enxergar com os olhos da alma, a transcendência à nossa vibrante natureza superior.

De acordo com Arneide Bandeira Cemin, o Daime se relaciona com cada um dos membros da irmandade e a esta como um todo, principalmente com o chefe, pois é deste que depende a harmonia do conjunto e a própria existência física do Daime. Ele está ligado ao espírito da floresta, de quem se pede licença e se invoca a proteção para acessar a matéria-prima antes do feitio¹⁶⁷. Através deste se produz a bebida sagrada, que é a base fundamental dos trabalhos espirituais realizados na Igreja. Sendo assim, os “sacrifícios” que cada daimista se propõe a fazer antes da preparação do sacramento apresentam-se pequenos perante a dimensão e significado que o processo do feitio representa. Eles encaram isso com muita alegria e satisfação.

O feitio do Daime se inicia com o trabalho da mata. É onde tudo começa. Com isso, a floresta se torna a base das ações daimistas, de onde é retirada a matéria-prima da ayahuasca coletada em estado natural e de onde provém ainda a origem do culto e seus traços culturais. Segundo a autora, a noção de espaço sagrado, povoado de seres espirituais que protegem todas as formas de vida, é demarcada pela floresta. Esta se configura como um território sagrado, uma fonte de conhecimento sobre a espiritualidade e a sobrevivência na visão de mundo daimista. Os seres que a habitam – que podem ser chamados também de espíritos – são as forças existentes no

¹⁶⁵ Em 2006, os fardados iniciaram a construção de sua Casa do Feitio, que já está terminada, realizando o primeiro feitio de Daime do Céu das Estrelas no final de julho deste mesmo ano. Anteriormente, eles recebiam o Daime vindo da Amazônia para realizarem seus trabalhos. Hoje, eles plantam o cipó e a folha para terem o seu próprio suprimento.

¹⁶⁶ GROIMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 342.

¹⁶⁷ CEMIN, A. B. Op. cit., p. 379.

mundo invisível. Por sua vez, as plantas, os animais e os lugares da floresta possuem seus espíritos que entram em contato com o ser humano. Por isso, é necessário que ocorra uma total harmonia com a floresta e seus habitantes visíveis e invisíveis. Afinal de contas, a floresta foi palco do aprendizado iniciático de Mestre Irineu.

Ir à mata assume um sentido especial, porque é o encontro com a fonte primeira de todo o trabalho de feitio. A mata tem, assim, uma natureza sacra e, por conseguinte, inviolável, tendo a proteção de seus habitantes invisíveis, que a dominam para o usufruto dos que os respeitam¹⁶⁸. Estes vegetais são seres sagrados que trazem mensagens do ancestral criador àqueles que souberem “ver e escutar”. Portanto, os escolhidos para essa tarefa devem estar preparados mental, material e espiritualmente, pois o ato de invocar a licença e a proteção dos seres divinos que ali dominam, junto com a habilidade suficiente para saber encontrar a folha e o cipó corretos, requer muita sensibilidade. Dessa forma, “o pensamento deve estar voltado sempre para o bem e para a atividade que estão realizando, com constrição e alegria. Não pode haver desarmonia em pensamento, palavras ou ações. Busca-se a integração do homem consigo mesmo e com a natureza da forma mais plena possível”¹⁶⁹. Ou seja, é construída uma relação de conhecimento com o meio ambiente que ultrapassa a sobrevivência física e estabelece um relacionamento transcendental com os seres que habitam a floresta.

A casa do feitio é uma edificação mista de madeira e alvenaria, bem construída e sem paredes. E é nesse local que será realizado todo o processo de produção do líquido sagrado. Isso vai desde a coleta do cipó e da folha rainha na mata, passando pela raspagem e bateção do cipó feita pelos homens e pelo tratamento dado pelas mulheres às folhas, até todo trabalho na fôrnalha, no controle das panelas, na retirada e esfriamento do misterioso líquido, aos cantos de encerramento na boca da fôrnalha. Todas essas etapas do feitio são repletas de significados, de processos de auto-revelação, mirações e muitos outros momentos que sintonizam os daimistas com a alquimia da reintegração do Ser Divino na panela do Santo Daime.

As atividades do feitio começam com os procedimentos de procura e coleta das plantas, onde homens e mulheres começam a engajar-se nos trabalhos. Dá-se início, então, à limpeza e a preparação do jagube e da rainha. Enquanto os homens encontram-se na casa do feitio para a raspagem do cipó – consistindo esta em raspar o caule de forma a retirar todos os materiais que não fazem parte da planta propriamente dita, evitando-se, no entanto, a retirada da casca –, as mulheres, por sua vez, reúnem-se em torno de grandes pilhas de folhas rainha, num trabalho de concentração, cantando hinos e removendo cuidadosamente com a ponta dos dedos tudo o que

¹⁶⁸ MOTA, C. N. *Sob as ordens da Jurema: o xamã Kariri-Xocó*, p. 270.

¹⁶⁹ CEMIN, A. B. *Op. cit.*, p. 360.

não faz parte da planta, com o intuito de mantê-las intactas. Essas folhas já preparadas são acondicionadas e levadas para a casa do feitio, onde aguardarão o jagube batido para compor o cozimento.

Depois destes procedimentos, os homens dão início à maceração do cipó (a bateção) sobre troncos fixos no chão, batendo sincronizados suas marretas de madeira durante horas, tomando Daime e cantando hinos. Há também grandes intervalos de silêncio, quando só se ouvem as batidas das marretas com seu som surdo e seco. Quanto mais se bate no cipó, maior será a limpeza produzida em seus sentimentos e pensamentos, no seu mundo psíquico; e, com isso, o jagube fica ainda melhor para cozinhar. Segundo Groisman, a bateção é um evento central do feitio, onde está sintetizada simbolicamente a contribuição masculina¹⁷⁰.

A eficiência na técnica da maceração é obtida após certa prática. Alguns daimistas dizem que é o próprio Daime que ensina a bater; outros já falam que a partir de um certo ponto é o próprio Daime que macera o cipó.

Quanto a este aspecto do feitio do Daime, *Carvalho* coloca:

“No feitio você toma o Daime o dia inteiro. Chega um momento que você olha no olho da pessoa, é a mesma pessoa que você tá vendo, não tem ninguém, só tem o Daime. Aí você sente direitinho que é o Daime que se faz, é uma Força que aparelha os nossos corpos e se faz. Isso fica cada vez mais claro pra mim, que o Daime é um ser, não é simplesmente um chá”.

Passada essa fase, chega o momento de unir esses dois ingredientes “mágicos” nas panelas. Nestas são alternadas camadas de cipó macerado com camadas de folha, e completadas com água pura. O controle do ponto de fervura e o momento de encerrar o cozimento da bebida-sacramento são etapas que exigem muita concentração do encarregado das panelas.

A fornalha deve produzir um fogo intenso e constante que garanta o sucesso do cozimento. De acordo com Groisman, “o ponto da fervura e a conclusão do cozimento é, segundo informações, indicado por mensagem recebida por entidade do plano espiritual, que se comunica com o feitor”¹⁷¹. A expectativa da comunidade sobre o Daime que vai ser produzido é sempre presente, pois toda atmosfera astral alimentada pelo grupo também é carregada para a bebida, cujo processo de feitura tem a participação de entidades espirituais que trabalham na combinação dos elementos materiais e etéricos. Por isso, o feitio do Santo Daime segue rigorosamente as orientações do mestre, recebidas da Rainha da Floresta.

¹⁷⁰ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 107.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 110.

Após o cozimento do Daime apressa-se o esfriamento e areja-se o mesmo com movimentos de cuia e pela troca de recipientes. A partir daí, a bebida sagrada é armazenada em garrações, mantendo, assim, suas propriedades por muito tempo, além de ser guardada em local consagrado – a “casinha do Daime”. Desse modo, uma vez preparado, o líquido divino “passa a ser portador de todos os atributos de que foi investido. Enquanto corpo divino ele é um produto espiritual. O Daime é animado pelo ‘espírito das coisas’ que o compõem: a folha, o cipó, a água, o fogo que participa de sua transmutação, e, particularmente, é animado pelo espírito dos homens e mulheres que o manipulam e consomem”¹⁷². O Santo Daime, depois de todo esse processo, torna-se o “Vinho de Cristo”.

Conforme Groisman, é no feitio do Daime que se

“encontram sintetizados todos os elementos que compõem simbolicamente a luta pela elevação espiritual, pela superação das entidades negativas que envolvem as relações entre os indivíduos. (...) Um rito de comunhão e reforço dos laços coletivos, o feitio é o momento de fabricar o Daime, mas também de mostrar a força, a organização e a eficiência do grupo. O feitio é um tempo especial, fecundo, no qual a comunidade toda se envolve no trabalho sagrado de fazer a bebida, de dar à luz o ser divino. Ao mesmo tempo ele é especial porque é cíclico, não sendo contado por dias, mas pelo começo, desenrolar e conclusão do processo de produção da bebida.”¹⁷³

O Santo Daime é, portanto, uma bebida sagrada, e, concomitantemente, um ser contido na substância. Um ser produzido pela união física e simbólica da força do jagube e da luz da rainha fundidos pela força do social, dos elementos da natureza – o fogo, a água, a terra e o ar – e do espiritual. Sendo assim, o poder desse “vinho das almas” de “revelar, conduzir, curar e proteger os seres humanos o diviniza, o faz elo, veículo, mensagem, transcendência. É através dele que se descobre, se revela, desabrocha e emerge o divino. (...) O Daime impregna os corpos, as mentes e as relações. Ele sacraliza e projeta a vida social no transcendente, tornando cada passo, cada gesto, cada palavra, parte do todo da arquitetura social”¹⁷⁴. Ingerir o Daime, por conseguinte, é por si só um ato revelatório, de ingresso num mundo divinizado – o outro lado.

O Santo Daime, ao romper com a ordem de percepção e de sentido cotidiana, se torna, para os daimistas, a grande ponte que nos leva a uma viagem dentro de nós mesmos, do autoconhecimento, além de fazer a ligação com o astral, nos levando a imergir profundamente em uma jornada espiritual e abrindo nossos canais pra uma comunicação direta com o mundo divinal. Isso se comprova no depoimento de *Orquídea*:

¹⁷² CEMIN, A. B. Op. cit., p. 379.

¹⁷³ GROISMAN, A. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*, p. 104.

¹⁷⁴ *Ibid.*, p. 100.

“Eu considero que o cipó e a rainha são duas plantas, são dois seres do reino vegetal que comparados com o reino animal têm o mesmo nível de evolução do homem, e elas têm essa capacidade mesmo de mostrar pra gente, mostrar o que tá dentro da gente, e que a gente baseados na nossa história, na nossa vida, na nossa cultura, no momento que a gente tá hoje da humanidade, a gente não consegue perceber isso naturalmente. Eu considero o daime super natural. É uma interação do homem, do ser humano com um ser do reino vegetal que abre as portas da nossa percepção interior, e isso é sagrado, porque na verdade a gente nasceu fechado, a gente não nasceu aberto pra isso. Então pra abrir, tem que ter toda uma preparação, um modo de fazer isso, toda uma consagração do uso dessa bebida, porque a gente realmente acessa um nível do nosso eu superior, um nível dos nossos corpos mais sutis, e isso é sagrado”.

Conforme *Salgueiro*, o Daime seria um facilitador, um encurtador do processo de autoconhecimento daqueles que pretendem ingressar nas profundezas de si mesmos. E isso, para ele, seria uma dádiva concedida a nós por Deus. Ele coloca:

“A bebida sagrada é uma possibilidade, uma dádiva que Deus nos deu. Uma possibilidade de encurtar o caminho do autoconhecimento, porque sempre existiram em muitos lugares do planeta esses conhecimentos esotéricos, as chamadas religiões esotéricas. As linhas orientais buscam muito isso, a meditação, a busca da iluminação, mas são caminhos muito longos. E nesse momento em que a humanidade tá vivendo tantas transformações, o Daime chegou como uma dádiva, um presente de Deus pra poder encurtar esse caminho, pra gente poder em uma vida, em alguns anos, avançar na nossa evolução, o que normalmente seriam necessárias várias vidas pra poder chegar. O tempo tá se acelerando tanto, que nos foi oferecido esse instrumento pras pessoas, em menos tempo, poderem alcançar esse conhecimento”.

Esse sacramento também possui seu aspecto pedagógico de acordo com os adeptos da doutrina. Algumas plantas, possuidoras de espíritos sábios, teriam a faculdade de ensinar às pessoas que as procuram. É da planta que advém o saber acerca do mundo e da realidade espiritual, nos ensinando sobre a criação, os seres que nela existem e a lógica que rege o seu funcionamento. Ela é “a fonte de conhecimento necessário para se viver corretamente tanto no aspecto da moral e da conduta pessoal, como na forma esperada de comportamento na relação com os outros membros da sociedade, com os ancestrais, com os seres do mundo natural, plantas e animais, bem como com os seres sobrenaturais”¹⁷⁵. Como diz *Girassol*:

“O Daime é um sacramento. Da mesma forma que no catolicismo se usa a hóstia como sacramento, a gente usa o daime também como sacramento, que é o ser divino que entra dentro da gente, só que ele tem uma função a mais, ele faz expandir a consciência pra aumentar o nosso conhecimento”.

¹⁷⁵ LUZ, P. Op. cit., p. 63.

O Daime é considerado pelos crentes o centro da doutrina e o grande professor. *Jequitibá* afirma isso ao dizer:

“O Daime é o grande professor, que ensinou e que abriu os caminhos inclusive do Mestre Irineu, e foi através do Daime que o mestre recebeu todos os ensinamentos. O Daime é o daime como o próprio nome diz, não tem muita explicação. É um ser divino. A gente crê que ali reside um espírito divino que nos guia, que nos ensina, que nos ilumina através do poder que ele tem, de acordo com o merecimento de cada um. O daime é o centro da doutrina”.

A bebida sagrada, ao fornecer ensinamentos sobre o mundo cotidiano e o outro mundo, proporciona àqueles que a ingerem uma dramática limpeza do organismo, dos sentimentos, das lembranças, dos pensamentos e das vivências espirituais. O Santo Daime se configura, com isso, num veículo sagrado de ingresso no mundo espiritual e, simultaneamente, num ser encarregado de limpar o viajante para que este possa introduzir-se em estado de pureza nesse mundo. Em seu depoimento, *Margarida* confirma isso:

“No começo eu não me sentia bem quando eu tomava, aí depois com o tempo eu fui perceber porque que era assim. Você não chega pura no trabalho, eu já vinha com uma história, não conhecia direito. Aí eu cheguei, passei por aquela fase de limpeza e tal, de tá preparando meu aparelho pra poder tá recebendo os ensinamentos, porque é um processo assim de cura, então você tem que tá se limpando pra poder se curar. A sensação corporal no início era de incômodo, e eu não entendia o porquê. Depois fui vendo que eu precisava me limpar pra poder receber os ensinamentos, porque um dos nossos grandes objetivos é esvaziar, é limpar. É a limpeza do pensamento, do coração, se soltar e sintonizar só com energias positivas”.

Nesse aspecto, a ayahuasca é por excelência a planta mestra, pois promove e estrutura o ensino, tendo em vista que constitui o substrato indispensável para prover a experiência de sentido. Ela se torna, assim, “a fonte de informação, o conteúdo, a estrutura portadora de coerência e sentido”¹⁷⁶.

O Daime, além de outras plantas-mestre, facultariam, portanto, uma mudança perceptiva que permitiria notar nitidamente “relações morfológicas, táteis, sonoras ou olfativas, entre a totalidade ou parte de uma planta por um lado, e por outro de algum órgão ou aspecto do corpo humano – ou animal – como sinal de possível ação sobre o mesmo”¹⁷⁷. *Orquídea* expressa esse fato em seu relato:

¹⁷⁶ MABIT, J. Op. cit., p. 157.

¹⁷⁷ LUNA, L. E. Op. cit., p. 184.

“Eu vejo muito forte a vida que cada planta, que cada árvore tem, eu costumo conseguir até ver o poder que elas têm mesmo, por exemplo, de cura, eu sinto a vida que elas têm, sinto como seres vivos mesmo”.

É estabelecido, dessa forma, um intercâmbio de informações com outras espécies. Nesse sentido, de acordo com Luiz Eduardo Luna, “a natureza estaria infinitamente povoada de entidades inteligentes não visíveis na vida ordinária, mas com as quais se poderia estabelecer comunicação, entidades constituídas de uma certa energia perceptível de modo sinestésico – ao mesmo tempo visível, audível e sensível –, com grandes poderes, e que se apresentariam de modo antropomórfico ou teriomórfico”¹⁷⁸.

Por conseguinte, as plantas de poder abrem as portas a um tipo de conhecimento desconhecido para a maioria ao possibilitarem o acesso a conhecimentos morais – no que se refere à correção dos desvios morais do sujeito – e espirituais, como, por exemplo, a informação sobre a natureza e manifestações culturais deste e de outros mundos ao longo do tempo.

Com o Daime, as pessoas que se aventuram a adentrar nesse universo desconhecido e estabelecer um contato com essa outra dimensão, experimentam um outro aspecto da realidade, e algumas delas a sustenta inclusive como a verdadeira realidade. Sendo assim, o contato com esse sacramento inspira cuidado, pois ele é um veículo de comunhão entre pessoas e seres espirituais.

Ao ser perguntado sobre o significado da bebida sagrada, *Carvalho* responde:

“Essa bebida sagrada é uma mágica que eu entendo que aconteceu na natureza. Quando eu rezo o Credo e recito sobre a ressurreição da carne, eu tô entendendo que eu acredito no milagre, eu tenho a compreensão de que a minha razão não é capaz de explicar nada, então isso tudo que a gente acha, a gente sabe que não é. Pelo que eu estudei de física, eu sei, por exemplo, que um cachorro enxerga tudo preto e branco, ele acha que o mundo é preto e branco, mas não é. A gente enxerga tudo assim, mas não é. Se a gente pudesse ver outras frequências, a gente ia ver tudo diferente. Então não dá pra gente ter uma concepção cósmica do universo a partir do que a gente vê. Se a gente juntar o que a gente sente, intui, já tem uma visão maior. Eu vejo o Daime, então, como um ser divino que se apropriou dessa forma pra vim doutrinar, pra vim trabalhar. O Daime veio numa missão divina e se engarrafou, e tá aí a serviço da gente, pra clarear, pra mostrar. O Santo Daime pra mim é um ser. Eu não consigo explicar, por exemplo, como é que uma tribo de índios lá no Acre, uma tribo lá no Amapá, que não tem jeito deles se comunicarem, eles usam aquele mesmo cipó com aquela mesma folha, sendo que desse cipó tem milhares parecidos, mas só aquele tem o princípio ativo, e a folha também. E só as duas plantas juntas, daquele jeito, é que proporciona isso tudo. Pra mim é uma coisa muito estupenda, como é que pode isso? Que mágica é essa? Que mistério é esse?”.

¹⁷⁸ Ibid., p. 185.

Dessa forma, esse “vinho das almas” é tido, pelos daimistas, como objeto de veneração e agente de revelação e conhecimento. Ele é fonte de saber capaz de abrir as portas para o autoconhecimento e para a dimensão interna do sujeito, obtendo, com isso, um valor transcendente.

De acordo com Arneide Bandeira Cemin, os praticantes acreditam que junto com o Daime o que circula é o espírito do Daime, tornando-se um elo que estabelece a corrente física e espiritual criada e sustentada pela irmandade. A participação nessa corrente implica a vivência de “estar dentro do poder”, ser um “Filho do Poder”, ou seja, um “Filho do Daime”, fator propiciador de mirações e ensinamentos recebidos do astral¹⁷⁹.

Por sua vez, conforme Fernando de La Rocque Couto, essa bebida sagrada “é um elemento material revestido de grande poder simbólico e de coesão social, pois em torno dela se estrutura um ritual, e os rituais são momentos de ordenação, levando o sistema como um todo à estrutura, à coesão. (...) Além disso, a bebida tem um ‘corpo social’ representado pelos fiéis (‘aparelhos’) que a afirmam e nela acreditam, ‘aparelhando’ e testemunhando a presença dos seres míticos e das entidades ensinadoras do panteão específico de cada linha ritual”¹⁸⁰. O Daime, assim, faz parte da constituição de uma identidade social e cultural do grupo ao demarcar suas fronteiras.

No estado alterado de consciência experienciado durante o uso da ayahuasca, “níveis mais profundos da mente humana são atingidos, tornando indelévels aquelas crenças e valores que estão em jogo, marcando profundamente aqueles que vivenciam a experiência”¹⁸¹.

Entretanto, o uso da planta não é o único mecanismo envolvido nesse processo, embora seja o mais importante. Os estímulos ambientais provindos da ritualística nos trabalhos espirituais são outros instrumentos que servem para intensificar a experiência como, por exemplo, a música, o canto, os hinos e a irmandade.

A música é elemento sempre presente nas sessões, pois o Santo Daime é uma doutrina musical por excelência¹⁸². A mesma, juntamente com os hinos e o canto, serve como um guia durante os trabalhos. Conforme *Girassol*, cada instrumento tem o seu papel dentro do salão. Ela diz:

“A função do atabaque é de marcação do tempo musical, e, no espiritual, ele tem o poder de chamar a Força mesmo, da terra, dos caboclos. O maracá já é uma coisa de atenção, tem que ficar atento ali, o maracá tem muito de te deixar firme ali no

¹⁷⁹ Cf. CEMIN, A. B. Op. cit., p. 381.

¹⁸⁰ COUTO, F. de La R. Op. cit., p. 393.

¹⁸¹ LUZ, P. Op. cit., p. 65.

¹⁸² Cf. LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*.

trabalho. O violão é a calma, é a luz, dependendo do toque que você dá no violão, abre as portas, dá uma abertura, tem umas notas específicas que abre mesmo e flui o trabalho. A flauta a gente tá começando a tocar agora, mas ela tem assim um papel de suavidade, parece que você tá num jardim por causa da flauta, cheio de passarinhos. Lá no Mapiá, por exemplo, tem violino, tem sanfona, tem teclado, e tem até pandeiro. Tudo isso faz crescer muito o trabalho espiritual. Se a gente fizer o trabalho perfeito, a gente consegue levar isso pra vida, fazer a vida ficar perfeita também. O meu namorado falou que quando ele foi lá no Mapiá, o canto e a música lá são perfeitos, não tem nenhum erro, nenhum desvio, nenhum desafinado. Então, ele disse que na hora que a Força veio, a música entrava não pelo ouvido, mas pelos poros. A música ia entrando, entrando e ele foi subindo, e, de repente, puff, subiu rapidinho assim. É o ritmo da música que te leva pro astral, ela tem que tá perfeita pra Força vir e te levar pro astral, pra você ter o entendimento e a passagem que você tem que ter na hora”.

Vê-se, pois, que a música está estreitamente ligada ao plano espiritual¹⁸³. Ela age de forma mântica, nos abstraindo do nosso pensamento racional, e, com isso, facilita a conexão com o plano astral. Neste aspecto, a mesma ajuda os adeptos a elevarem seus pensamentos e seus sentimentos a uma outra esfera da realidade, sendo, assim, uma facilitadora para o alcance de estados alterados de consciência mais profundos. Desse modo, a música leva o sujeito a passar por determinadas etapas no seu processo individual do vôo xamânico.

Durante as cerimônias com o Daime, o canto acompanha a música, expressando a conversa entre os seres do outro mundo e os fiéis. As palavras ditas ao se cantar os hinos são vistas como afirmações verdadeiras a respeito da outra realidade, o que equivale dizer que o canto dá acesso controlado a esse outro mundo, uma vez que os efeitos produzidos pelo chá nos praticantes são dirigidos pelos procedimentos rituais e pelo canto, além do estado mental e emocional em que o sujeito se encontra. Tal é a função primordial do canto, que os cantadores são figuras que se destacam dentro do ritual. Tanto é que “mesmo os participantes que não têm o *status* de cantores também cantam, para cumprir uma necessidade subjetiva de tentar chegar o mais próximo possível do canto de um cantador”¹⁸⁴.

Nesse sentido, os novatos sempre recebem a instrução de nunca perder completamente a ligação com os cantos, pois, do contrário, suas mentes poderão vagar, levando-os a estados desagradáveis de consciência.

O canto¹⁸⁵, desse modo, possui uma função condutora e estruturante dentro do ritual, bem como das visões tidas pelos daimistas. Ele, assim como a música, também tem uma função mântica, pois se caracteriza pela repetição dos versos de cada estrofe. Segundo Bárbara Keifenheim, “tais procedimentos estilísticos de repetição insistente acabam por criar

¹⁸³ Os músicos sempre se reúnem para ensaiar antes dos trabalhos com o intuito de estarem bem afinados na hora da cerimônia. Alguns até afirmam terem aprendido a arte sob a ordem e o auxílio da bebida.

¹⁸⁴ KEIFENHEIM, B. Op. cit., p. 109.

¹⁸⁵ O canto também é uma forma de homenagear os entes divinos, recebendo-se com isso a sua benção.

continuidades sonoras que, literalmente, dão o tom, fazendo passar para um segundo plano o significado textual”¹⁸⁶. Desse modo, o canto se constitui em um potencializador dos efeitos do Daime.

Cantar sob a força da ayahuasca é dom, por princípio, acessível a todos. De acordo com a autora, ao ser visualizada, a voz de um cantador é chamada de “caminho”; o que significa dizer que quando o sujeito, por algum momento deixa a mente vagar, o canto constitui o vínculo, permitindo ao indivíduo manter contato com o “aqui e agora”. *Margarida* expressa esse fato em seu relato:

“Quando eu canto, eu me sinto fazendo o meu papel, eu sinto que eu tô cumprindo com a minha obrigação como fardada, porque eu me sinto bem sabe. Antes eu ia e não cantava, eu não conseguia ficar bem no trabalho, era difícil pra mim, mas a partir do momento que eu comecei a cantar eu sinto uma firmeza, o canto é a firmeza. O trabalho do daime é de caridade, no trabalho tem sempre gente que procura ajuda, então às vezes chega alguém perto de você e você não tá cantando, aí você pode tá deixando de ajudar uma pessoa que tá precisando, e se você tá cantando a pessoa que tá perto de você tá escutando, e se tá escutando tá aprendendo, tá recebendo luz entendeu. Eu acho que o canto é fundamental. Quando você tá cantando, você não deixa a mente vagando”.

Para *Begônia*, a força da doutrina está no canto, na união que este proporciona entre os irmãos. Ela afirma:

“A força da doutrina tá no verbo, na palavra. E você na força do Daime, naquela expansão de consciência enorme, cantando, você sente direitinho O canto por si só já é uma forma de elevar a gente num nível mais elevado, de elevar o pensamento, de elevar o coração. O canto ajuda a potencializar a força do Daime, tudo fica muito maior”.

O canto ajuda os daimistas a absorverem os ensinamentos que, segundo eles, vão levá-los para o astral. O ato de cantar faz com que os participantes prestem mais atenção aos hinos, impossibilitando a mente dispersar. Ele se configura em um suporte, que vai dando força a todos os presentes dentro do salão, além de trazer alegria, vigor e chamar a Força divina da floresta.

O canto, ao lado da música e da dança (bailado), são parte essencial dos rituais daimistas. Por seu turno, o culto do Santo Daime recupera o significado sagrado desses elementos, sendo que a ausência destes é vista, aliás, como um empecilho para a comunicação com a realidade sagrada.

¹⁸⁶ KEIFENHEIM, B. Op. cit., p. 120.

Conforme *Carvalho*, cantar os hinos é condição *sine qua non* para existir o trabalho espiritual no Santo Daime, pois:

“a doutrina pressupõe isso. Ela pressupõe cantar em roda com os irmãos. O Daime pressupõe o cântico, que foi uma instrução da Rainha da Floresta, e tudo vem decodificado nos hinos. Então, cantar é fundamental. Quem não canta, não toma Daime, não conhece o Daime. Tomar o Daime e ficar só ali ouvindo, não é esse o trabalho. Quanto mais eu vou conhecendo, mais eu vou ficando impressionado. É uma mágica mesmo. Em cada detalhe do ritual você vê uma grandiosidade, uma penetração, um aprofundamento muito grande. Então, cantar o hinário em roda com os irmãos, a corrente, é muito importante”.

Um conjunto de hinos recebidos por um mesmo fiel forma um hinário. Este é recebido diretamente do astral, porque os daimistas acreditam que há no mundo espiritual uma linha de trabalhos cujos ensinamentos são transmitidos através de hinos, a qual foi entregue pela Rainha da Floresta a Irineu. Porém, nem todos os membros da doutrina recebem um hinário, pois é uma questão de merecimento pessoal. Os que recebem um hino, por exemplo, devem apresentá-lo ao dirigente, que, por sua vez, analisa a sua autenticidade e se o mesmo está dentro da linha de hinários. Logo após, o hino é mostrado à irmandade e ensaiado para ser cantado em trabalhos posteriores¹⁸⁷. Arneide Bandeira Cemin afirma que o padrão dos hinos e seu processo de recebimento foi instituído por Irineu tendo em vista sua própria experiência ao receber o “Cruzeiro”¹⁸⁸.

O seu recebimento implica uma sensação de urgência, isto é, uma espécie de iminência em busca de caneta e papel para registrá-lo ou um esforço para fixá-lo na memória. O hino pode vir em um ritual ou a pessoa recebê-lo através de um sonho, ou até mesmo fazendo uma caminhada na mata.

A autora coloca que além de seu uso ritual, os hinos fazem parte do cotidiano dos adeptos, mantendo-os ligados no poder e exercendo o papel de protetor, “não só por anunciar perigos vindouros, mas também como arma contra os males”¹⁸⁹. É comum os daimistas cantarem os hinos em família ou ouvi-los por meio de gravação.

Os hinos são revelações divinas manifestadas em forma musical, que trazem esclarecimento e expressam o contato do daimista com a realidade sagrada. Neste aspecto, os fiéis consideram que o hino fala por si mesmo, revelando-se em contexto ritual dentro dos preceitos e sob a Força e a Luz do Daime.

¹⁸⁷ O ensaio dos hinos visa à fixação melódica e textual do hino, pois cantá-los continuamente em diferentes situações ajuda a memorizá-los. Nesses ensaios, é frequente que o Daime seja servido.

¹⁸⁸ Nome dado ao hinário recebido por Irineu Serra.

¹⁸⁹ CEMIN, A. B. Op. cit., p. 359.

Os hinos, dessa forma, são a linha guia para dar a direção do trabalho espiritual, além de serem o caminho para os ensinamentos e para o entendimento de cada um individualmente. Eles produzem nos daimistas um sentimento de paz, de conforto, e uma consciência de que não estão sozinhos neste mundo. Ao cantarem um hinário, os adeptos mantêm um contato com os entes celestiais e as forças benéficas do astral, chamando-os para dentro do salão e, concomitantemente, indo ao seu encontro. É uma forma de comunicação com esses seres que faz vibrar o coração de cada fiel. Portanto, os hinos têm uma influência primordial, pois é por meio deles que os praticantes recebem as informações e a explicação das coisas. Tudo está dentro do hinário. Pode-se dizer que este é o evangelho dos daimistas.

Pinheiro, ao ser perguntado sobre o significado dos hinos, responde:

“O daime é uma doutrina eminentemente musical. Todos os ensinamentos estão contidos nos hinos. O hino é uma poesia celestial, ele tem uma beleza muito especial que não dá pra você definir do ponto de vista acadêmico. Ele tem uma beleza especial, celestial mesmo. Não existe ritual no Santo Daime sem a música, sem os hinos. Então a influência é única. Sem a música não tem ritual do Santo Daime. É nos hinos onde está todo o conhecimento, ele é apreendido. Não existe ritual também sem os soldados, sem o batalhão, sem a irmandade. Cada fardado ali representa um elo dessa corrente. Os hinos, através da música, do canto é que vão soar bem alto para serem entendidos e ouvidos, bem escutados”.

De acordo com este relato, a irmandade seria também um fator essencial dentro do ritual, o que a levaria a funcionar como uma potencializadora dos efeitos do Daime na forma de uma corrente espiritual.

Para *Jequitibá*, a união da irmandade é muito importante para que se possa realizar um trabalho espiritual bem feito, pois isso influencia crucialmente no andamento da sessão como fonte geradora de harmonia dentro do salão. É necessário estar bem disciplinado, estudar os hinos, a música, ir bem preparado para o trabalho, todos com o mesmo objetivo, ou seja, ascender ao plano superior.

Segundo *Salgueiro*,

“O grupo faz a união das energias¹⁹⁰, faz ela se concentrar, circular e se multiplicar, porque as pessoas estando ali na mesma sintonia, a energia vibra cada vez mais forte, e isso te leva pro astral. É como você ascender um palito de fósforo, você tem aquela chama, mas logo ela se apaga. Agora, se você junta muitos palitos de fósforo você faz uma fogueira”.

¹⁹⁰ Há uma história interessante que é o fato de não poder se cruzar os braços e as pernas durante a sessão, porque a energia ali tem que circular. Se alguém faz isso, é como se fechasse, prendesse a energia, não a deixando fluir dentro do salão. Conseqüentemente, a pessoa pode “segurar” uma energia que não é dela dificultando sua própria trajetória dentro do trabalho.

Ao se tomar a bebida em grupo, na força da corrente espiritual, pode-se dizer que os rituais com o Daime constituem uma experiência coletiva. Cada indivíduo, em determinado momento, pode experimentar o caráter coletivo da mareação e das interações muito estreitas que operam entre os participantes. Porém, simultaneamente, “o vivido sob os efeitos da ayahuasca sempre se percebe como uma experiência de uma intimidade solene, totalmente singular e até certo ponto indizível, inefável”¹⁹¹.

Na verdade, todo esse processo pode ser resumido do depoimento de *Ipê*, que coloca:

“A música é o que conduz toda a cerimônia, o ritual. Tirando os trabalhos de concentração que têm os momentos de silêncio, que é bem importante também, porque a gente trabalha na Força do silêncio. Mas fora isso, é a música, o canto, o som dos instrumentos que conduzem a Força, que dão o direcionamento de todo trabalho espiritual. O som não tá ali à toa, ele vai tomando formas, cores e dimensões cada vez mais sutis, que vão criando condições pra que se forme uma atmosfera espiritual, onde vários seres de diversas naturezas e falanges de anjos que tão ligados ali no trabalho possam chegar. Então, o som, de uma forma geral, é tudo dentro da experiência do trabalho espiritual com o Daime. O som por si só já é um alterador de consciência. Na Índia, por exemplo, as pessoas buscam esse estado alterado de consciência através do som, cantando e repetindo aqueles mantras às vezes durante horas, e isso vai transformando a consciência a pessoa. Já o hino te dá a instrução. Ele muitas vezes traz e chama os momentos da Força, traz um estudo pra corrente. Às vezes num momento difícil na corrente, uma demanda forte, o hino traz a luz. Às vezes tem um hino que chega limpando, curando. Têm os hinos de cura, de exaltação, ou aqueles que chamam alguns seres, e quem tá mais afinado ali no trabalho sente esses seres chegando, essas falanges que vão limpando. Então, resumidamente, o som direciona mesmo o trabalho espiritual. A doutrina do Daime é uma doutrina musical. O Mestre Irineu, por exemplo, começou o trabalho dele com o seu próprio hinário. Ele começou a expandir e a se fortalecer mesmo quando recebeu os hinos. Então, o contato com o próprio Mestre através do seu hinário é maravilhoso, a presença dele que chega ali através das instruções sempre vivas, sempre renovadas. Cada vez que você canta um hinário, a instrução desse hinário sempre traz uma coisa nova pra te mostrar dependendo da sua caminhada. O grupo tem uma importância tão fundamental quanto a música, porque o grupo forma a corrente dentro do trabalho. Então, todo mundo junto vibrando num mesmo pensamento, numa mesma sintonia, cantando o mesmo hino, potencializa a força espiritual do trabalho num nível que a gente não tem nem noção. Tanto é que às vezes o dirigente do trabalho chama a atenção do grupo pra firmar a corrente, pra conectar o pensamento no que os hinos tão falando, porque os momentos mais finos do trabalho espiritual com o Daime são os momentos em que todo mundo consegue razoavelmente tá na mesma vibração, na mesma unidade, direcionando o pensamento pra mesma coisa. Os hinos chamam a atenção de todo mundo pra mesma coisa. Se todo mundo, além de ficar cantando a mesma coisa, também tiver vibrando e tiver com o pensamento conectado naquilo, potencializa a força espiritual. Todo mundo ali junto, voltados pra um mesmo centro, que é o Santo Cruzeiro, cantando e vibrando na mesma sintonia, e também fazendo o seu trabalho ali na mesma intenção, possibilita isso tudo. Tem até uma frase de Jesus que fala: “Quando dois ou mais tiverem unidos, reunidos em meu nome, ali eu estarei”. Então, essa coisa do grupo, da corrente, é muito forte, porque tá todo mundo ligado ali de alguma maneira dentro do trabalho, tudo passa por todo mundo. Então,

¹⁹¹ MABIT, J. Op. cit., p. 161.

todo mundo tem a oportunidade de ver o que tá acontecendo com um irmão com mais clareza, e pode tá ajudando esse irmão em algum momento difícil que ele esteja passando, ou às vezes compreender alguma dificuldade do irmão e dar um conselho, ou de perdoar o irmão. Então, essa coisa da união é o tempo todo trabalhada na corrente dentro do trabalho. Tudo isso funciona como potencializadores da força do Daime. O Daime, na verdade, canaliza isso tudo. Ele é o grande catalisador desse processo todo, ele acelera.

Por conseguinte, o ritual do Santo Daime, “por meio de seus múltiplos agentes (música, dança, cânticos e bebida), estabelece uma relação especial com os participantes (pois envolve uma força eficaz), sensibilizando todos os seus sentidos e levando-os a outras dimensões de significado, espaço e tempo”¹⁹².

Diante disso, podemos dizer que os hinos, o canto, a música e a irmandade, juntos, se configuram na base da doutrina. Sem eles não há doutrina. Unidos com a bebida divina são capazes de dissolver as armadilhas do ego, desvencilhar a mente do sujeito antes presa aos desejos de seus cinco sentidos, causando um arrebatamento e, com isso, propiciando o encontro com o divino em si mesmo, com o Universo, com o Todo que ao mesmo tempo é Um, enfim, com o transcendente. Isso leva os daimistas a experimentarem um total destacamento deste mundo da matéria, a ascenderem a um plano superior, sublime, o que resulta no êxtase místico, que, para eles, é a união espiritual com Deus.

3.1 – O que é o êxtase místico-religioso para os adeptos do Santo Daime

O sociólogo Ioan Lewis trabalha com a noção de êxtase, afirmando que o mais crucial e intenso de todos os dramas religiosos é a tomada do homem pela divindade. Ele coloca que “tais encontros extáticos não são de forma alguma encorajados uniformemente em todas as religiões. No entanto, é difícil encontrar uma religião que não tenha, em algum estágio de sua história, inspirado nos peitos de pelo menos alguns de seus seguidores aqueles transportes de exaltação mística nos quais todo o ser do homem parece se fundir em gloriosa comunhão com a divindade”¹⁹³.

O êxtase, segundo Velasco, consiste em uma intensa concentração da mente, da imaginação ou da afetividade em um objeto único. No caso do êxtase místico-religioso, para o autor, o indivíduo se encontra em um estado de alma caracterizado interiormente por certa união mística com Deus mediante a contemplação e o amor, ou seja, a pessoa vive um momento

¹⁹² COUTO, F. de La R. Op. cit., p. 398.

¹⁹³ LEWIS, I. M. *Êxtase Religioso*, p. 17.

particularmente intenso de contemplação ou de união com o divino¹⁹⁴. Mais ainda, é uma ação sobrenatural de Deus sobre a alma que concentra ao máximo a força de suas faculdades; é uma força de luz e de amor sobrenaturais infundidas no entendimento e na vontade do sujeito, que libera uma energia mais profunda e um dinamismo que emana do fundo mesmo da alma.

Por seu turno, o termo êxtase aponta para um estado de espírito que é extraordinário no sentido de que a mente transcende sua situação habitual. O que para o teólogo Paul Tillich quer dizer que o êxtase não é uma negação da razão; é mais “um estado mental em que a razão está além de si mesma, isto é, além da estrutura sujeito-objeto. Ao estar além de si mesma, a razão não nega a si mesma. A ‘razão extática’ continua sendo razão; ela não recebe nada irracional ou anti-racional – o que não poderia fazer sem autodestruir-se –, mas transcende a condição básica da racionalidade finita, a estrutura sujeito-objeto”¹⁹⁵. O autor também acrescenta que a experiência do êxtase se deve exclusivamente à manifestação do Mistério em uma situação revelatória, ou seja, para que o êxtase ocorra é necessário que a mente se sinta possuída pelo Mistério, o que quer dizer pelo fundamento do ser e do sentido.

Por revelação, de acordo com Paul Tillich, compreende-se uma manifestação especial e extraordinária que remove o véu de algo que está oculto de forma singular e arrebatadora. Esse caráter oculto seria o que chamamos de Mistério. Um mistério genuíno, portanto, é experimentado em uma postura que contradiz a atitude da cognição comum. Isto é, “os olhos são ‘fechados’, porque o verdadeiro mistério transcende o ato de ver, de confrontar-se com objetos cujas estruturas e relações se apresentam a um ‘sujeito’ para que os conheça. O mistério caracteriza uma dimensão que ‘precede’ a relação sujeito-objeto”¹⁹⁶.

Por esta razão, como já foi dito anteriormente, é que preferimos que a linguagem mística tenta traduzir o que não pode ser traduzido, pois é impossível expressar a experiência do mistério em linguagem comum, porque esta linguagem nasceu do esquema sujeito-objeto e está presa a ele. Portanto, o objetivo da linguagem mística é quebrar esse esquema.

A revelação também inclui elementos cognitivos, pois a “revelação daquilo que é essencial e necessariamente misterioso significa a manifestação, no contexto da experiência comum, de algo que transcende o contexto habitual da experiência. Sabemos algo mais do Mistério depois que se manifesta na revelação”¹⁹⁷. Isso que dizer, segundo Paul Tillich, que a realidade do mistério e a nossa relação com o mesmo se torna uma questão de experiência. Ou seja, ambos são elementos cognitivos nesse sentido. Entretanto, o autor afirma, que a revelação

¹⁹⁴ VELASCO, J. M. Op. cit., p. 399.

¹⁹⁵ TILLICH, P. *Teologia Sistemática*, p. 124.

¹⁹⁶ Ibid., p. 121.

¹⁹⁷ Ibid., p. 122.

não dissolve o mistério em conhecimento, nem mesmo adiciona algo diretamente à totalidade de nosso conhecimento comum, à nossa consciência ordinária, ou seja, a nosso conhecimento sobre a estrutura sujeito-objeto.

Isso significa dizer que o verdadeiro Mistério aparece quando a razão é conduzida para além de si mesma, para um outro nível de consciência que transcende o ordinário. Ela é levada “a seu ‘fundamento e abismo’, àquilo que ‘precede’ a razão, ao fato de que ‘o ser é e o não-ser não é’, ao fato original de que há *algo* e não *nada*”¹⁹⁸. A revelação, dessa forma, se constitui na manifestação daquilo que nos diz respeito de forma última, às nossas questões mais profundas. E o mistério revelado é nossa preocupação última, pois é o fundamento de nosso ser.

Desse modo, Paul Tillich sugere que a revelação é, portanto, um evento subjetivo na medida em que alguém se sente tomado pela manifestação do Mistério; e um evento objetivo onde algo ocorre através do qual o mistério da revelação se apodera de alguém. E ambos os eventos estão em estrita interdependência. Para o autor, “a ocorrência objetiva e a recepção subjetiva pertencem ao evento total da revelação. A revelação não é real sem o aspecto receptivo e não é real sem que algo seja dado”¹⁹⁹.

Com relação aos daimistas, isso é demonstrado nas transformações sofridas pelos adeptos em seu íntimo e conseqüentemente em sua vida cotidiana depois de terem entrado em contato com o mistério (o plano astral) através da revelação. Esse contato, dentro do universo daimista, é o contato com a “Santa Luz”, que se origina do divino, do “Pai Eterno” – o “Soberano Criador” – que a mandou para seus filhos. Mas, por outro lado, ela está contida na intimidade dos que a procuram. Estes buscadores, por meio de seu trabalho espiritual, estabelecem um contato e uma sintonia com a divindade, que é encarada como revelação.

Essa “Luz” de natureza espiritual, para Mircea Eliade, é uma manifestação íntima que, no entanto, deve estar envolvida por uma cosmologia pré-existente para ser compreendida. Esta descoberta, que é encarada como revelação, nasce da dialética entre a experiência individual e a cosmologia grupal²⁰⁰. Enquanto revelação de uma outra dimensão da existência, “esta descoberta reconstrói a concepção pessoal em relação ao ‘status quo’ até então vivido, a partir de uma ‘ruptura na existência do sujeito’ que ‘revela’ ou ‘torna mais claro o mundo do Espírito’ ou a ‘existência como criação divina’”²⁰¹.

O êxtase constitui justamente esse evento subjetivo de ruptura, pois o mesmo transcende o nível psicológico do sujeito, revelando algo válido sobre a relação entre o mistério de nosso ser

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ Ibid., p. 124.

²⁰⁰ Apud. GROISMAN, A. *Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta*, p. 336.

²⁰¹ Ibid., p. 336-7.

e nós mesmos. A manifestação do Mistério no ser não destrói a estrutura do ser em que se manifesta. Sendo assim, o êxtase no qual o Mistério é recebido não destrói a estrutura racional da mente que o acolhe. O que ocorre é um choque produzido pelo não-ser na mente. Conforme Paul Tillich, o êxtase “é a forma na qual aquilo que nos preocupa incondicionalmente se manifesta dentro da totalidade de nossas condições psicológicas. Ele aparece através delas, mas não pode ser derivado delas”²⁰².

Na doutrina do Santo Daime, o divino se revela através da miração provinda da experiência extática do sujeito, conduzindo-o ao êxtase beatífico. Isso é demonstrado no relato de *Salgueiro*:

“No momento em que a gente tá naquele ponto divino da miração é uma sensação indescritível, um prazer, uma paz que vem. É um encontro com o divino. É o momento que a gente sente que tá integrado, que faz parte do todo, que tá tudo certo. É o momento em que as nossas preocupações se acabam, que tá tudo certo, que a gente é filho de Deus mesmo, não tem dúvida. E a gente tem a sensação que além de ser filho de Deus, a gente é filho querido, a gente é filho amado, que Deus ama a todos. Isso dá uma alegria tão grande dentro da gente. É uma sensação inexplicável, não existe palavra pra dizer isso, mas é uma coisa realmente maravilhosa, impressionante”.

Para os daimistas, o êxtase revelatório é considerado uma graça, uma dádiva do mundo divinal, do astral. A existência e a possibilidade de doação pela divindade de uma força cósmica luminosa – o astral – que é a fonte criadora de tudo que existe, são vistas como uma benção.

Ao ser perguntada sobre o que é o êxtase místico, *Girassol* responde:

“Isso depende muito do estado que a gente se encontra. A gente sente um êxtase mesmo, tem o êxtase espiritual que em várias doutrinas também acontece. É um estado de comoção, eu sinto assim uma coisa no coração, um amor, uma coisa que me faz chorar. Às vezes não é uma coisa de fora, a coisa de fora ajuda, uma música, por exemplo, mas a gente tem esse poder, qualquer coisa que a gente experimente pode sentir um êxtase, o Daime também. Tem horas, tem momentos, tem hinos que a gente sente um êxtase, um prazer espiritual, que nessa hora assim é a hora divina que tá acontecendo, aquele êxtase, é o êxtase espiritual que a gente deve procurar, e não o êxtase carnal, tem que procurar o êxtase espiritual que é o puro né, que é o divino. Esse êxtase é quando você atinge aquela comoção, aquela presença espiritual dentro de você bem forte, bem presente. Você sente mesmo que você tem um entendimento, você sente o que é a verdade entendeu, aí vem a comoção, vem o êxtase. O êxtase é tipo um prêmio, um ganho, um grau que você atinge. Pra gente ir pro Daime, a gente tem que conhecer também o baixo, tem que conhecer pra gente dá valor né, então quando a gente sente o êxtase, tá sendo um ganho muito grande, tá merecendo”.

²⁰² TILLICH, P. Op. cit., p. 125.

Essa fonte criadora é representada aqui na terra, segundo Arneide Cemin, pelo Sol, pela Lua, pelas Estrelas, pelo Vento, pelo Mar e pela Terra, sendo a Luz do Firmamento a quem se deve amar. Essas forças do cosmos são associadas a entidades do plano espiritual, a Deus e aos seres divinos, à Virgem Mãe e a Jesus Cristo. Deus está em tudo e em todos, basta abrir os olhos.

Para se atingir o êxtase místico, é necessário deixar-se apreender pelo Mistério – o divino – entregar-se a ele e percebê-lo. *Jequitibá* afirma:

“Quando a gente consegue se concentrar bastante e ultrapassar essa nossa consciência que reside nessa realidade em que nós estamos aqui, e conseguir perceber com mais clareza o mundo espiritual, os seres divinos, os espíritos superiores, e cheios de alegria conseguir atingir esse nível com muita alegria, muita paz, muita harmonia, de uma forma bem serena, bem tranqüila, é nisso que reside o êxtase, o êxtase espiritual verdadeiro, o encontro com Deus. Eu entendo assim, uma coisa bem sutil, bem sublime, de elevação mesmo, você consegue se aproximar do seu eu superior”.

É também uma questão de merecimento. Deve-se trilhar o caminho do bem, “andar na linha” como dizem os daimistas. Ao ser questionada sobre a relação entre merecimento e o fato de se atingir um êxtase místico, *Orquídea* coloca:

“Existe o momento de êxtase sim, mas não é uma coisa gratuita, é um merecimento. Dentro de um trabalho, você chegar num momento desse, você tá tendo um merecimento, você tá tendo uma graça de tá podendo chegar num estado maravilhoso, mas isso te traz uma certeza e uma consciência que aquilo não é à toa. Esse êxtase é fruto de uma experiência, de um momento. É até o caso de você estudar porque que você chegou naquilo, cada um vai compreendendo o que aquilo significou pra ele. Comparando, por exemplo, com essas experiências de quase-morte, experiências místicas, o daime te propicia essa experiência de quase-morte sem você precisar sofrer um acidente. Você pode chegar nesse estado e ter um entendimento com o daime. No fundo é uma graça, um presente de Deus”.

O êxtase também é descrito pelos daimistas como uma sensação de conforto diretamente ligada à noção de proximidade com o Pai – o Pai Eterno – onde este, conforme o merecimento e a entrega de cada um, concede a graça de entrar em contato com os planos superiores. *Begônia* assevera sobre o êxtase:

“Na verdade, é uma sensação de conforto, de paz, de uma paz muito profunda, de não sofrimento, de alegria, de amor, de aconchego. Você tá no colo do Pai, você tá ali juntinho dele, não tem mais perigo nenhum, não tem sofrimento. É uma sensação tão boa que você quer levar ela pra sempre. De cara eu vi muita luz, mas depois ele foi me mostrando muita coisa que tinha que ser trabalhada, porque o Daime ele te mostra o êxtase, te mostra o céu: Oh! É tudo isso aqui, você quer? Eu quero, então vamos trabalhar. Aí ele te mostra que pra você chegar nos braços do Pai, você tem

que se corrigir. Então, a gente trabalha a nossa humildade, a nossa aceitação, a nossa disponibilidade, o nosso querer mesmo, saber orar pra poder chegar nisso. E é isso que a gente quer sempre, quer tá sempre grudado, agarrado no Pai, eu não quero outra coisa. Isso pra mim é o êxtase, tá juntinho dele”.

Mas para isso acontecer, é preciso antes de tudo se trabalhar, se corrigir, se purificar e se desvencilhar da tendência humana ao apego às coisas materiais. É uma questão de desprendimento, de romper a “ferrugem” presente em nós mesmos, ou seja, só é capaz de alcançar o Real – a fonte divina verdadeira – aquele que é capaz de praticar a dinâmica do total desapego. Pois entre o Amado – Deus – e o indivíduo está o eu. A pessoa, para sentir a presença do Amado, deve ser capaz de se depurar; porque mesmo que ela não consiga captar uma existência explícita de Deus, ele está lá. Deve-se, pois, purificar o coração abrindo-o para Deus. É o coração que capta a iluminação divina através do amor, pois é este que abre a porta para a verdadeira realidade – a realidade divina. Só se pode encher do amor de Deus aquele que se esvazia de si próprio, aquele que tem fé.

O que torna capaz a aproximação com Deus é a dinâmica da proximidade. O Real está manifesto na questão do vínculo. Esse vínculo é expresso nas duas últimas estrofes da prece daimista chamada Consagração do Aposento:

“Na mais perfeita comunhão entre o meu Eu inferior e o meu Eu superior, que é Deus em mim, consagro este recinto à perfeita expressão de todas as qualidades Divinas que há em mim e em todos os seres.

As vibrações de meu pensamento são forças de Deus em mim, que aqui ficam armazenadas e daqui se irradiam para todos os seres, constituindo este lugar um centro de emissão e recepção de tudo o quanto é Bom, Alegre e Próspero”.

Conforme os adeptos, para se atingir esse êxtase, esse contato com Pai Eterno, a pessoa deve passar por um forte estudo de si mesmo, o que exige empenho, dedicação e sacrifícios por parte do daimista. Dessa forma, este se tornará apto a receber a graça divina. Questionado sobre esse assunto, *Ipê* responde:

“Com certeza em todo trabalho que eu vou fazer no Daime eu procuro esse êxtase. Não é todo trabalho que eu consigo. Às vezes você tá num trabalho, o trabalho é bom, vem a Força, eu consigo me curar de alguma coisa, ter uma clareza, atingir um bom estado de consciência, mas nem sempre o êxtase se manifesta em todo trabalho. Eu acho que esse êxtase místico exige um forte estudo de cada um. A gente precisa tá apto pra atingir esse êxtase, porque esse êxtase é quando a gente experencia aquele contato e aquela comunhão com Deus, aquele prazer imensurável de tá ali naquele momento, de tá sentindo por dentro aquela plenitude, aquela força, a presença de Deus mesmo, todo o carinho, o afeto, o amor. Eu vou fazer o trabalho com o Daime querendo tá sentido esse êxtase. Na verdade, é o sentido de tudo. Isso é uma coisa

que o próprio Daime mostra, que o próprio Daime proporciona, que é a experiência do contato com Deus, essa coisa maravilhosa. Só que não é um negócio gratuito. As pessoas acham que é só chegar lá, tomar a bebida, dançar e entra em êxtase. Não é assim. Exige muito esforço, muita dedicação, muita compreensão, muito entendimento, muito estudo, pra que esse êxtase venha e seja produzido ali no seu coração. Ele é substancial, não é algo ilusório. É a coisa mais verdadeira que existe dentro de uma experiência espiritual. A coisa mais gratificante e verdadeira que existe é esse êxtase místico”.

Para *Carvalho*, esse êxtase místico é o momento em que a pessoa enche o coração de um amor pleno, incomensurável, pois, no seu ver, o amor incondicional está ligado ao divino. Ele diz:

“É uma coisa extraviante. O êxtase místico é o êxtase espiritual. Eu sinto esse êxtase no momento do dourado, do conforto, do aveludado, do calor, do amor. Você sente que tá ali acobertado por Deus. É um êxtase, você não quer mais nada, você tá completo”.

Na visão de *Coqueiro*, fotógrafo, com cinquenta e cinco anos e daimista há quatorze, esse encontro com a divindade seria uma situação que causa um desconcerto, um descontrole no íntimo do sujeito que experencia esse contato. O mesmo afirma:

“O que eu entendo por esse êxtase espiritual seria o contato com o divino, enfim, uma situação que está muito acima do nosso entendimento normal do dia-a-dia, mas que não é nada fora do comum, nada que não possa ser compreendido. Se você buscar um entendimento você vai encontrar. É você chegar perto de uma fonte de luz muito forte, muito poderosa, e se você não ficar cego pro resto da vida, você vai ficar algum tempo desconcertado. É muita luz pro que teu olho tá acostumado a enxergar. É um contato com o divino, com forças superiores que nos trás um certo descontrole”.

Esse efeito desconcertante, para os daimistas, pode ser entendido como uma sensação de entusiasmo vivenciada pelo sujeito. A conotação do termo entusiasmo aqui é aquela utilizada por Paul Tillich em seu livro *Teologia Sistemática*, no qual o sentido desta palavra denota uma relação com o divino. De acordo com o autor, este vocábulo significa “ter Deus dentro de si ou estar dentro de Deus”, o que equivale dizer que o estado entusiástico da mente tem qualidades extáticas²⁰³.

Por conseguinte, no meu ver, o êxtase místico, para os daimistas, pode ser entendido como uma sensação vivenciada pelo sujeito que causa um arrebatamento, um enlevo, um embevecimento diante de algo inefável, “é um estado de lucidez contemplativa que coloca a

²⁰³ O autor ainda acrescenta que, durante o período da Reforma, o nome de “entusiastas” era dado àqueles grupos que reivindicavam ser guiados por revelações espirituais especiais. Com o tempo, o termo “entusiasmo” foi perdendo sua conotação religiosa.

pessoa em contato direto com o plano espiritual”²⁰⁴, além de ser um estado em que o sujeito diz encontrar-se fora de si próprio. O que significa dizer que a pessoa ao entrar em contato com a transcendência, ela transcende a si mesma. Contudo, essa busca do indivíduo almejando um contato com o Sublime, com o Mistério, enfim, com Deus, é traçada por ele próprio dentro de sua trajetória na doutrina, o que requer um esforço contínuo por parte do adepto no intento de evoluir espiritualmente para, com isso, ser merecedor da dádiva divina, a qual possibilitará sua ascensão ao plano superior. E a chave para este encontro com o divino, nas palavras de Alex Polari, fardado do Santo Daime, “é um segredo que se encontra dentro de cada homem, que pode abrir a porta de um mistério aprisionado desde há muito e cuja prisão é o próprio corpo do homem, estando dentro de sua mente (na forma de ego, razão, etc.), o carcereiro implacável”²⁰⁵.

²⁰⁴ BRISSAC, S. Op. cit., p. 02.

²⁰⁵ DE ALVERGA, A. P. Op. cit., p. 14.

Conclusão

A predisposição para ir além da consciência comum, cotidiana, sempre foi uma aspiração da alma humana. Com o uso das plantas de poder, o ser humano acabou descobrindo uma possibilidade para despertar a consciência superior e divina que existe em cada um de nós.

Cada vez mais os indivíduos vêm buscando uma resposta para seus problemas por meio dos psicotrópicos, porém a cultura ocidental, principalmente, está cometendo o mesmo erro de sempre ao querer interpretar “o outro” a partir de sua própria forma de pensamento, e isso graças a seu etnocentrismo.

Conforme Germán Zuluaga, o “homem moderno, sob rótulos como etnobotânico, médico, cientista, antropólogo, humanista ou místico, cai na mesma armadilha: não pede permissão, não pergunta, não escuta, não questiona. Simplesmente toma a planta, toma o ouro verde e o usa de acordo com suas fantasias, o condiciona a suas estruturas de pensamento ou de cultura”²⁰⁶.

A nova consciência religiosa e a revalorização da natureza, acentuadas com as transformações culturais trazidas pelos anos 60, foram determinantes na expansão das chamadas religiões enteógenas. Estas atraem pessoas das mais variadas formações, insatisfeitas com os rumos tomados pelas sociedades modernas e globalizadas. Essas práticas de re-ligação do ser humano com níveis superiores de consciência “facilitam diversas experiências de auto-revelação e transcendência, que normalmente resultam em uma maior harmonia do indivíduo tanto física, emocional e mental quanto espiritual”²⁰⁷. O Santo Daime emerge nesse quadro atual como uma possibilidade de resposta aos anseios de uma sociedade caracterizada por um esvaziamento simbólico e, conseqüentemente, por uma busca desenfreada de sentido.

Segundo Mabit, “o mundo visionário da ayahuasca permite ampliar o panorama mental do sujeito ocidental e em lugar da uniformização triste, linear e monótona de sua excessiva mentalização racional, outorga-lhe uma abordagem renovada da vida em toda sua amplitude, descobrindo-lhe realidades múltiplas ou múltiplos olhares sobre a realidade, com maior integração de seu corpo e de seu coração, de sua materialidade e de sua afetividade”²⁰⁸.

²⁰⁶ ZULUAGA, G. Op. cit., p. 139.

²⁰⁷ *Revista Religião Brasileira no Terceiro Milênio*. Ed. Escala, ano 01, nº 01, p. 8.

²⁰⁸ MABIT, J. Op. cit., p. 177.

No entanto, é claro que o uso de uma planta psicoativa enquanto veículo de acesso a outros planos de consciência não é a única forma de contato com uma “realidade superior”. Outras técnicas como a meditação, a respiração yogue, a oração fervorosa e o jejum, por exemplo, são recursos muito antigos voltados à transcendência. Todavia, a busca por estas plantas aumenta cada vez mais pelo fato das mesmas terem a capacidade de conduzir o indivíduo a esta realidade interna num tempo muito menor.

Nunca foi tão urgente desenvolver um novo olhar sobre as coisas do mundo, desta realidade esvaziada de sentido como agora, aonde a necessidade de alimento para a alma só vem crescendo.

Da interação com o meio ambiente surge o conhecimento de uma bebida milenar – a ayahuasca – a qual “reconcilia o homem consigo, com o seu meio social, sua história, posição e cultura, e com o meio de origem do produto que é essencial aos daimistas: a floresta, porque o ‘Daime é da floresta, a doutrina é da mata’, e, por extensão, o Daime harmoniza o homem com todo o cosmo representado pela mata, pelos astros, e os seres visíveis e invisíveis, físicos e espirituais que neles habitam”²⁰⁹.

O Santo Daime, segundo os adeptos, é um ser divino que faz a ligação com astral – o plano superior –, o que abre os canais interiores do indivíduo para uma comunicação com o divino. Ele é a grande ponte que leva o sujeito a esta viagem dentro de si em busca do autoconhecimento, de uma resposta para uma necessidade. Conforme Fernando de La Rocque Couto, essa dimensão desconhecida acionada pela bebida trás à tona limiares perceptivos, sensoriais e psíquicos do ser humano, os quais são ordenados pela cultura na forma de um ritual, engendrando simbolicamente toda uma rede de significados.

Para *Azaléia*, o Daime é como se fosse um atalho para o mundo divinal. Ela diz:

“Em determinados trabalhos você se sente numa outra esfera, você muda entendeu, você se encontra com a espiritualidade, é um outro campo mesmo, eu vejo assim. É como se fossa uma ponte. Você altera o seu estado energético. É engraçado porque a gente vai subindo degrauzinho por degrauzinho, pe uma escada muito alta e difícil de subir, ela não é fácil, mas com certeza ela te eleva mesmo pra outro estado. O Daime faz a gente ter os entendimentos de tudo que acontece aqui com a gente na matéria, o porquê que acontece entendeu, é uma compreensão mesmo de tudo que acontece nas nossas vidas, na nossa família, na nossa convivência mesmo aqui na matéria”.

Para os praticantes da doutrina, o Daime veio como uma possibilidade de encurtar o processo de autoconhecimento do homem; uma dádiva de Deus para o ser humano acelerar o seu processo kármico. Ele funciona como um “queimador” de etapas no processo de evolução do

²⁰⁹ CEMIN, A. B. Op. cit., p. 375.

sujeito, fazendo-o se libertar das coisas que o prendem a matéria mais rapidamente. Então, o “vinho das almas” é considerado um sacramento transformado em instrumento; uma presença que permite ao indivíduo alcançar um nível mais profundo e mais elevado de sua consciência – a consciência divina.

Esta planta enteógena é vista como sendo capaz de fazer a conexão, a re-ligação do homem com a sua natureza divina interior. *Ipê* demonstra esse fato em seu relato:

“Nesse momento em que o planeta está, onde tem tanta desavença, tanta guerra, tanta perturbação, a bebida, no meio disso tudo, traz a possibilidade reconectar a gente com a nossa essência divina, de trazer a presença do mestre interior que tá presente dentro da gente pra instruir e, a partir disso, promover a cura. Pra mim é a própria presença do Cristo dentro de todo mundo. É a possibilidade da gente ter um contato direto com o Mestre Espiritual dentro da gente. E isso representa uma coisa muito importante. O Daime pra mim significa uma misericórdia muito grande de Deus, da Virgem Mãe, de Jesus pro planeta, pra nós seres humanos aqui nesse momento, na medida em que ele promove de forma tão genuína a cura das pessoas tanto física quanto espiritual, e ainda traz a possibilidade dessa conexão com a Força Maior, com o mestre dentro da gente, que desvela as coisas que tão dentro da gente escondidas e que a gente às vezes não quer ver”.

Por conseguinte, na visão dos fiéis, o Santo Daime é um grande agente curador das doenças do espírito, ou seja, é uma planta de poder vinda da floresta pronta dar conta das mazelas da alma humana. E é nessa interação do homem com esse ser vegetal que os daimistas acreditam estar o caminho para a iluminação.

O que fica claro para nós é a impossibilidade de se esgotar o fenômeno da experiência. Para os nativos que utilizam as plantas-mestre, o indivíduo só irá saber os verdadeiros efeitos proporcionados por elas no momento em que se dispuser a experimentar e aprender dela e nela o seu significado. Os próprios ayahuasqueiros dizem: “O cara nunca chegou dentro do Daime para pesquisar ele, e que não fosse pelo Daime pesquisado”²¹⁰.

O que se sugere aqui é justamente dar voz àquele que crê para que ele mesmo dê a explicação completa do seu discurso e, sobretudo, de sua própria lógica. No meu ver, a informação não pode ser recolhida de fora, pois procede do interior mesmo do sujeito.

Portanto, restringir o significado da experiência nativa em um discurso reducionista pode fazer com que o pesquisador, de acordo com Rita Laura Segato, perca de vista ou acabe censurando “as evidências que falam de um horizonte íntimo em que ocorre a experiência humana do transcendente”²¹¹.

²¹⁰ FRANCO, M. C. P.; DA CONCEIÇÃO, O. S. Op. cit., p. 219-220.

²¹¹ SEGATO, R. L. *Um paradoxo do relativismo: discurso racional da antropologia frente ao sagrado*, p. 114.

Este discurso reducionista tende a minar aquilo que a experiência deveria revelar. O olhar puramente racional tende a minimizar aquilo que não se compreende, e deixa de recriar a experiência da alteridade como algo emocional que o nativo experimenta na sua interioridade, ou seja, deixa de captar o ponto de vista do nativo.

Conforme a autora, a busca de estratégias interpretativas com o objetivo de atribuir significados ao comportamento nativo constitui a base da prática dos antropólogos das mais diversas posturas. Isto faz com que haja uma perda constante da perspicácia de nossa capacidade sensorial com relação ao objeto estudado, ou melhor, com relação ao sujeito estudado, sacrificando “justamente a substância poética dos atos que se observa”²¹². O que significa dizer que a experiência ao ser sempre submetida a exames e verificações perde a sua vitalidade e é impedida de fluir, o que faz com que nós – pesquisadores – acabemos por dar “preeminência ao aspecto cognitivo sobre o imaginativo, ao aspecto intelectual sobre o sensível, à compreensão sobre a experiência”²¹³.

Nesse ponto, podemos perceber a impossibilidade humana de lidar com o único, com a singularidade irreduzível da experiência. No entanto, na visão de Rita Segato, “se entendermos a crença como um gesto da alma, poderemos reaproximar-nos dela recuperando sua dimensão fundante, anterior a toda reflexão ou raciocínio, e, com ela, os aspectos formais, imaginísticos, sensoriais e afetivos cujo fundamento é o crer”²¹⁴.

Dessa forma, abandonando neste último parágrafo a condição de pesquisadora, me permito terminar este estudo com uma indagação: Será o fato do ser humano ter conseguido, em um determinado momento de nossa história, no epicentro da biodiversidade mundial que é a Amazônia, unir perfeitamente e, sem tecnologia alguma, duas particulares espécies vegetais constituindo um chá, uma consequência da visão mais pura e acurada do homem pré-colombiano em relação ao seu meio, fazendo-o perceber a verdadeira realidade que está por trás das aparências através do que mais tarde um autor chamou de abrir as portas da percepção?²¹⁵. Ou ainda, um presente dado a nós por uma divindade ou entidade cósmica existente em um plano superior com o intuito de construir uma ponte para acelerar o nosso processo de evolução espiritual? Quem somos nós para dizer se isso é ou não possível?

²¹² Ibid., p. 123.

²¹³ Ibid., p. 125.

²¹⁴ Ibid., p. 131.

²¹⁵ Cf. HUXLEY, A. *As portas da percepção e Céu e inferno*.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Wladimir Sena. *Navegando sobre as ondas do daime: história, cosmologia e ritual da barquinha*. Campinas, São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1999.
- BIANCHI, Antônio. Ayahuasca e xamanismo indígena na selva peruana: o lento caminho da conquista. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L. (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. São Paulo: FAPESP, 2005.
- BRISSAC, Sérgio. *Alcançar o alto das cordilheiras*. Texto apresentado no 5º Seminário Temático da UNB denominado “Mística, Transe e Possessão: olhares sociológicos”.
- CAMURÇA, Marcelo Aires. Combate do Império de Juramidan contra as seduções do ego: tentativas de leitura do discurso holista da doutrina do Santo Daime. *Revista Antropológicas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE*, Recife, ano 2, v. 2, ago./dez. 1997, p. 149-170.
- CEMIN, Arneide Bandeira. Os rituais do Santo Daime: “sistemas de montagens simbólicas”. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- COUTO, Fernando de La Rocque. Santo Daime: rito da ordem. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- DA MOTA, Clarice Novaes. Sob as ordens da Jurema: o xamã Kariri-Xocó. In: LANGDON, J. M. *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- DA SILVA, Clodomir Monteiro. O uso ritual da ayahuasca e o reencontro de duas tradições. A miração e a incorporação no culto do Santo Daime. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- DE ALVERGA, Alex Polari. *O livro das mirações: viagem ao Santo Daime*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DE CARVALHO, José Jorge. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, A.; ZIEMAN, R. (Orgs.). *Misticismo e novas religiões*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.
- DE OLIVEIRA, Vitória Peres. A fenomenologia da religião: temas e questões sob debate. In: DREHER, L. H. (Org.). *A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2003.
- ELIADE, Mircea. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- _____. *O xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- FRANCO, Mariana Ciavatta Pantoja; DA CONCEIÇÃO, Osmildo Silva. Breves revelações sobre a ayahuasca. O uso do chá entre os seringueiros do Alto Juruá. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- GOULART, Sandra Lúcia. O contexto de surgimento do culto do Santo Daime: formação da comunidade e do calendário ritual. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- _____. Contrastes e continuidades em uma tradição religiosa amazônica: os casos do Santo Daime, da Barquinha e UDV. In: LABATE, B. C.; GOULART, S. L. (Orgs.). *O uso ritual das plantas de poder*. São Paulo: FAPESP, 2005.
- _____. A construção de fronteiras religiosas através do consumo de um psicoativo: as religiões da ayahuasca e o tema das drogas. Artigo apresentado na V Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), 2003.

- GROISMAN, Alberto. Santo Daime: notas sobre a “luz xamânica” da Rainha da Floresta. In: LANGDON, J. M. *Xamanismo no Brasil: novas perspectivas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- _____. *Eu venho da floresta: um estudo sobre o contexto simbólico do uso do Santo Daime*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião? *Religião e Sociedade*, 18/1, 1997, p. 31-47.
- HUXLEY, Aldous. *As portas da percepção e Céu e inferno*. São Paulo: Globo, 2002.
- KEIFENHEIM, Bárbara. Nixi pae como participação sensível no princípio de transformação da criação primordial entre os índios Kaxinawá no leste do Peru. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- LABATE, Beatriz Caiuby. A literatura brasileira sobre as religiões ayahuasqueiras. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- LEWIS, I. M. Êxtase religioso: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LIMA, Sérgio Alex Silva. *Experiências e símbolos de transformações da doutrina da floresta*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- LUNA, Luiz Eduardo. Xamanismo amazônico, ayahuasca, antropomorfismo e mundo natural. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- LUZ, Pedro. O uso ameríndio do caapi. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- MABIT, Jacques. Produção visionária da ayahuasca no contexto dos curandeiros da Alta Amazônia peruana. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- MACRAE, Edward. *Guiado pela lua: xamanismo e uso ritual da ayahuasca no culto do Santo Daime*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Fenomenologia da Experiência Religiosa. *NUMEN*, Juiz de Fora, v. 2, n. 2, jul./dez. 1999, p. 65-89.
- NESTI, A. A perspectiva fenomenológica. In: FERRAROTI, F. Et. alli. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.
- PELAEZ, Maria Cristina. Santo Daime, transcendência e cura. Interpretações sobre as possibilidades terapêuticas da bebida ritual. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.
- RIBEIRO, Fernando. *Os incas, as plantas de poder e um tribunal espanhol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.
- Santo Daime. *Revista Religião Brasileira no Terceiro Milênio*. Ed. Escala, ano 01, nº 01.
- SEGATO, Rita Laura. Um paradoxo do relativismo: discurso racional da antropologia frente ao sagrado. *Religião e Sociedade*, 16/1-2, 1992, p. 114-135.
- SOARES, Luiz Eduardo. O Santo Daime no contexto da nova consciência religiosa. In: LANDIM, Leilah (Org.). *Sinais dos Tempos: diversidade religiosa no Brasil*. Rio de Janeiro: ISER, 1990.
- _____. Misticismo e reflexão. *Comunicações do ISER*, nº 37, 1990, p. 42-49.
- TERRIN, Aldo Natale. *Nova Era: a religiosidade do pós-moderno*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *O sagrado off limits: a experiência religiosa e suas expressões*. São Paulo: Loyola, 1998.
- _____. As ciências da religião. In: *Introdução ao estudo comparado da religião*. São Paulo: Paulinas, 2003.

- TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.
- VALLE, Edênio. Experiência religiosa: enfoque psicológico. In: BRITO, E. J. C.; GORGULHO, G. S. *Religião ano 2000*. São Paulo: Loyola, 1998.
- VELASCO, Juan Martín. *El fenómeno místico*. Madrid: Trotta, 1999.
- VELHO, Otávio. O que a religião pode fazer pelas ciências sociais? *Religião e Sociedade*, 19/1, 1998.
- ZULUAGA, Germán. A cultura do yagé, um caminho de índios. In: LABATE, B. C.; ARAÚJO, W. S. (Orgs.). *O uso ritual da ayahuasca*. São Paulo: FAPESP, 2002.

ANEXOS

Anexo 1

<i>DIAS</i>	<i>FESTEJOS</i>	<i>HINÁRIO</i>	<i>FARDA</i>
07/Jan	Aniversário Pad. Alfredo	Pad. Sebastião	Branca
19/Jan	São Sebastião	Pad. Sebastião + Missa	Branca
18/Mar	São José	Pad. Alfredo	Branca
5ª feira	Semana Santa	Hinário dos Mortos	Azul
6ª feira	Semana Santa	Missa	Azul
2º domingo de Maio	Dia das Mães	Mads. Rita, Júlia e Cristina	Branca
12/Jun	Santo Antônio	Maria Brilhante	Branca
23/Jun	São João	Mestre Irineu	Branca
25/Jun	Aniversário Mad. Rida	Pad. Sebastião	Branca
28/Jun	São Pedro	Pad. Alfredo	Branca
06/Jul	Passagem Mestre Irineu	Teteo + Missa	Branca
2º domingo de Agosto	Dia dos Pais	Pad. Sebastião	Branca
06/Out	Aniversário Pad. Sebastião	Mestre Irineu	Branca
01/Nov	Dia de Finados	Hinário dos Mortos + Missa	Azul
07/Dez	N. S. da Conceição	Mestre Irineu	Branca
14/Dez	Aniversário Mestre Irineu	Pad. Sebastião	Branca
24/Dez	Nascimento Jesus Cristo	Mestre Irineu	Branca
31/Dez	Ano Novo	Pad. Alfredo	Branca
05/Jan	Santos Reis	Mestre Irineu	Branca

Fonte: Revista *Religião Brasileira no Terceiro Milênio*. Ed. Escala, ano 01, nº 01.

Anexo 2

- 1) Qual a sua concepção sobre Mestre Irineu?
- 2) O que você veio buscar no Santo Daime? Que tipo de conhecimento?
- 3) Quais são os objetivos da doutrina daimista?
- 4) Qual o significado do Daime para você?
- 5) Quais os efeitos da bebida no seu corpo e no seu pensamento?
- 6) A música, o canto e o grupo têm influência na sua experiência?
- 7) Como você se sente quando canta os hinos? Eles influenciam na sua experiência?
- 8) Como você se sente quanto ao bailado? Em que medida ele influencia na sua experiência?
- 9) Na sua vivência religiosa no Santo Daime, há alterações comportamentais provenientes do uso do chá? Elas têm repercussão no seu dia-a-dia? Como isso influencia a sua vida/condução cotidiana?
- 10) Como você concebe suas vivências com a tomada do chá? O que isso lhe traz?
- 11) Pode-se falar em êxtase místico na doutrina? O que é esse êxtase?
- 12) Qual o nome que vocês dão ao estado alterado de consciência provocado pelo chá?
- 13) O que são as mirações? Qual o sentido que você atribui a elas?
- 14) O que a experiência da peia significa para você?
- 15) Qual o critério para perceber o que é verdadeiramente ação dessa “Força”?
- 16) O Daime é terapêutico? Em que níveis ele é terapêutico?
- 17) Pode-se falar em cura no Santo Daime? Ela está embebida no ritual?
- 18) Pode-se falar em hierarquia no grupo? Como se dá essa relação?
- 19) Como funciona a questão do posicionamento dentro do ritual?
- 20) A 1ª experiência é em especial diferente das outras?
- 21) Que tipo de pensamentos e sentimentos você experimenta durante o ritual?
- 22) Como você enxerga a questão do examinar a consciência?
- 23) Que tipo de comprometimento você tem com a sua religião e igreja?
- 24) Existe uma ordem a ser seguida no ritual? Isso vale para sua vida cotidiana?
- 25) O que você espera alcançar no Santo Daime?
- 26) Quando você foi ao Santo Daime, você já tinha uma predisposição à mudança, a uma transformação espiritual? Como se deu essa transformação?
- 27) Quais são os valores que você atribui à família, amigos?
- 28) O Daime é um veículo para se atingir outros estados de consciência?
- 29) O que significa ser um fardado em Juiz de Fora em meio a essa vida urbana conturbada?
- 30) Existe uma relação mestre / discípulo na doutrina? Como se dá essa relação?